GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

IDÉAS E PALAVRAS

EDITORES
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
Rio de Janeiro

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

Ao illustre amigo
Dr. Oliveira Lima
João do Norte

Idéas e Palavras



LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
RUA SANTO ANTONIO, 3 — RIO

1917

Ao meu amigo

Antonio Austregesilo

AS LENDAS

A MANCENILHA

Uma a uma as lendas vão morrendo. E eu temo que, dentro em pouco, neste pratico seculo de invenções portentosas, não reste mais aos espiritos fatigados da aspereza scientifica o afago poetico de uma só.

Cada dia desce uma lenda ao tumulo. Tudo quanto sobre ella se disse ou escreveu parece muito velho, muito remoto e muito saudoso. Em breve, todas as lendas que faziam as doçuras da poesia estarão esquecidas. Na vertiginosa carreira da humanidade para o progresso, vão ficando esparsas e perdidas á maneira de fôlhas outomnaes, que o vento tange e escurraça. Dahi essa feição naturalista das coisas literarias de hoje, em que a verdade apparece em completa e explendida nudez ou velada pelo "manto diaphano da fantasia".

Entre as mais poeticas e adoraveis lendas, a da mancenilha occupava um dos primeiros logares.

Diziam que quem se deitasse á sua sombra lethal morreria lentamente, num inefavel adormecimento, em que o cerebro talvez divagasse em pensamentos de amor ou se embebesse em languidas volupias. Era um doce morrer, um suave murchar de sensações.

Os poetas se apoderaram da arvore assassina e não houve mais soneto, poema, elegia, ode ou ballada, em

que não estivesse com o brando murmurio das ramarias, a sombra alegre e tentadora, cujas exhalações adormentavam e matavam. Quanto amor desesperado, quanto sentimento ferido de desprezo, quanta paixão louca e brutal foram encontrar nella a quietação, a paz, o doce esquecimento da morte! Quantos bardos de esgrouviada cabelleira, menestreis de rôtos sutambaques a silenciosa mancenilha matou!

Na "Morte de Dom João", a voluptuosa Imperia diz:

"Foge de mim, trovador!
Não voltes mais! acredita,
Sou a arvore maldita,
A mancenilha do amor."

E diante das filhas, maceradas por noites de amor, as velhas mães piedosas exclamam:

"Com quem fostes dormir ao pé das mancenilhas ! ?"

Mas dessa lyrica lenda o grande triumpho foi quando os versos de Scribe e as notas de Meyerbeer a levaram ao palco, em 1865, no final da opera "A Africana". Desde então, a mancenilha ficou consagrada.

Era uma linda scena aquella em que a lubrica Selika suavemente morria sob a arvore maldita, emquanto no horizonte se afundava a caravella branca do navegante que lhe roubára o coração. E a orchestra gemia a musica illuminada de Meyerbeer.

Surge agora na França o Sr. Coutance, medico que esteve longo tempo na Martinica, o qual afirma, peremptoriamente, ao mundo scientifico que a mancenilha não

exhala vapores mortiferos e ninguem se intoxica no ameno refugio de sua folhagem. Segundo as observações apuradas do scientista, é uma inofensiva e innocentissima arvore. O tal Sr. Coutance acrescenta que, em vez de ser venenosa, é util: provoca adormecimentos, porém não fataes e sim optimos para os que sofrem de insomnias rebeldes. Eis a dura e sombria verdade: a mancenilha não mata !

E os poetas que suicidaram? E as formosas creaturas que para sempre adormeceram ? E os versos de Scribe e de Guerra Junqueiro ? E a partitura de Meyerbeer ?

Nada disso salvará a mancenilha. Ella morreu, depois de ter morto muita gente em musica e rimas. Matou-a o Sr. Coutance desde o dia em que começou a estudar seus efeitos sobre os doentes do hospital de Fort de France. Prosaico Sr. Coutance !...

Pobre mancenilha, não serás mais a salvadora dos desesperados, que se iam acolher ao somno delicioso da morte sob tua copa frondosa, embora crescesses viçosamente nas Antilhas e na Africa, e elles tangessem a lyra em Lisboa ou em Paris !

Onde irão agora os poetas dormir e esquecer ? O velho Scribe andou mentindo e o Guerra não falou a verdade. Assim, a douta razão da sciencia vai despindo a poesia, gralha bulhenta, das fulgidas pennas do pavão ! Numa nova edição da "Morte de Dom João" talvez encontremos Imperia a dizer:

"Sou a essencia maldita
Sou a morphina do amor!"

Digam os poetas adeus á lenda da mancenilha, agradeçam o descobrimento notavel do Sr. Coutance e se disponham, neste rebrilhante seculo de portentos, a cantar suicidios em aeroplanos e submarinos ou junto de baterias de frascos de chloroformio, descrevendo adormecimentos amorosos com injecções hypodermicas feitas com as seringas de Lüer...

"Vieilles legendes, vieilles lunes!"

A MORTE DAS LENDAS

Ao nosso seculo coube a tarefa ingloria de matar as velhas lendas acumuladas por um passado de desejos e scismas.

Tudo o que a humanidade idealisou de suave, languido, ardente, doloroso, bom ou heroico, desde o canto derradeiro do cysne á sombra adormecedora da mancenilha, desde a voz arrebatadora das sereias de Ulysses até a perfeição do corpo de Phrynéa, tudo vai morrendo, apagando-se á semelhança de luzes que soprasse a austera boca da sciencia.

Porque a tenaz, desarrazoada perseguição? Porque a sciencia e a imaginação *hurlent de se trouver ensemble?* Não terão sentimento os homens dos alfarrabios e das retortas?

Mais mania que outra coisa, pois que no coração dos sabidos tem florido e apendoado a dôce e espinhosa planta do amor. Velho e encanecido, Fausto palpitou á encantadora visão de Margarida. Foi uma lenda e agora é moda mata-las.

Um dos ultimos matadores de lendas que têm apparecido é o illustre Sr. Paulo Girard, professor da Sorbonne, membro do Instituto de França, que viajou no

Oriente e remexeu em Creta o lixo historico da civilização de Minos.

O medico francez Coutance, outro assassino, contentou-se em matar uma lenda, a da mancenilha. O Sr. Girard quer matar todas e contra ellas avança, derrubando-as a torto e a direito, com a furia de dom Quixote, quando acutilou os titeres do theatro ambulante.

Esse birrento scientista apregoou, em uma sessão do Instituto, que Phrynéa jamais fôra despida diante do Areopago. Mentira completa o recurso genial do chicanista grego, amostrando aos helliastas tremulos de desejo, labios palpitando na vertigem dos beijos anceiados, aquellas fórmas peregrinas, aquella rosea, maravilhosa, divina carne, que conseguio de juizes severos o voto de absolvição. E disse tal monstruosidade com sciencia petulante e petulante espirito aos embasbacados membros da douta corporação oficial, num formidavel arrotar de erudição, falando da fabricação de tecidos argivos, da fiação de pannos da Thracia e da tecelagem dos véos finissimos de Coryntho.

Infeliz Phrynéa! Depois que os cinzeis gregos talharam no marmore de Paros tua espantosa belleza; depois que atravéz os seculos por tua causa poetas alinharam rimas e musicos combinaram acórdes; depois que numa tela moderna Gerôme immortalizou tuas fórmas impecaveis, surge um aspero, rudo homem de sciencia a desfechar-te duma cathedra a frechada mortal!

Depois desse acto de malvadez, o Sr. Girard confessou, sorrindo, a um jornalista abelhudo, que sentia muito ter sido obrigado, em bem da sciencia, a des-

truir a lenda de Phrynéa e que, na proxima edição de sua conferencia, precede-la-ia de "algumas desculpas a Phrynéa"...

O eminente membro do Instituto cuida de matar outra lenda, valendo-se de documentos archeologicos encontrados em Creta, os quaes, conforme assevera, lhe permitirão provar que Menelau, o mal afamado marido de Helena, não foi tão infeliz como se conta e que a voluvel grega não merecia os versos de Homero e não valia aquelle heroico esforço de assediar e incendiar Troya.

Em Creta, dormiam apagados vestigios dos heróes da "Illiada". O Sr. Girard estuda-os pacientemente e adiantou a um jornal estas palavras:

"Homero foi precedido por uma historia de vivas realidades que acommodou a seu bel-prazer. Perdoai-me a expressão: Homero era um mentiroso. Reunio em seus poemas um rór de aventuras augmentadas a seu talante, tomando por ponto de partida singelos acontecimentos. Numa simples querela entre generos acumula cousas extraodrinarias e extravagantes. Os seus mancebos e raparigas são eternamente bellos, jovens e fortes. Penelope espera o esposo, o facundo e velhaco Ulysses, vinte annos, dez de guerra diante de Troya, dez de aventuroso retorno a Ithaca, e elle a encontra tão fresca e bella como quando partira. Entretanto, ella já era mãe dum filho bem idoso. Helena, a doce amante de Páris, quando voltou ao domicilio conjugal devia ter sessenta e dois annos... Os grandes epicos contaram-n'os patranhas, zombaram de nós..."

Consola-te, Phrynéa, o teu inimigo destruio tambem

tudo quanto Penelope fiou. Não ficaste sosinha na tortura da demolição. Andas em boa companhia, ao lado de Homero cégo, inspirado e heroico; do divino Ulysses matreiro, valente e feliz; de Penelope fiel e sempre fresca como a rosa de Jerichó! A tua lenda é mentirosa, diz elle; mas o mesmo tambem disse dos versos do maior epico e até das paginas alegres de Offembach, que classificou de apocryphas.

Felizmente, os golpes da sciencia jamais terão poder de destruir lendas e tradições. Estas viverão sempre, a despeito de scientistas maniacos e sabios ferozes, porque sairam da propria essencia, da propria vida da humanidade, para acalentar-lhe a alma fatigada nos momentos de tedio e de ocio. Os sabios dotarão o mundo de novos e assombrosos cabedaes scientificos, mas creio que nunca lhe poderão tirar uma parcella de poesia, lenitivo e consolo, repouso do espirito ás divagações especulativas.

Que em Creta, se lá voltar, perca-se o assassino impenitente do Instituto de França no immenso labyrintho, de onde Icaro fugio no primeiro aeroplano — as azas de cêra, ou o julguem e atirem a carcassa no Stygio pêgo aquelles tres inexoraveis juizes — Minos, Eaco e Radhamantho! Infelizmente nada disso acontecerá, porque em Creta de tanta cousa nem lendas existem mais.

MODERNISMOS

A MANIA DO HORRIVEL

Jacques Normand creou uma palavra nova para baptizar uma coisa antiga — a horror-mania, a mania do horrivel. O chronista francez diz que o gosto das emoções violentas foi sempre preocupação dos homens e faz a historia do mesmo, desde o tempo em que as patricias romanas se apraziam em olhar os jogos ensanguentados do circo até os dias de hoje, da electricidade, do aeroplano e do sem-fio, quando os jornaes nos enfiam pelos olhos, de manhã e de tarde, rubras narrações de crimes, horripilantes racontos de desastres, suicidios medonhos, tudo com illustrações onde o sangue espadana.

Assevera, ademais, que não é especial duma classe da sociedade, porém, propria de todas. Nunca deixou de haver admiradores do bello-horrivel. E umas almas mais que as outras se comprazem nesses desvairamentos.

Na antiguidade classica, constituia prazer olhar a agonia do escravo em quem se experimentavam venenos. As orgias dos Cesares eram medonhas de infamia e de luxuria. Emquanto convivas ebrios apunhalavam os servos, chovia dos tectos petalas de rosas. Muito mais que a gente patricia, a plebe do Trastevere adorava o circo, os gladiadores armados á maneira thracia, os lu-

tadores á moda gauleza, os reciarios tombados na arena entre cadaveres de feras e manchas de sangue coagulado.. E essa plebe berrava, furiosamente, com palmadas nos peitos robustos, ante as varas dos lictores:

— "Panem et circensis! Panem et circensis!"

Nem só espiritos incultos e barbaros se comprazem na contemplação do horroroso. Se o Samoyêda e o Maori amam, veneram idolos horrendos, os civisados extasiam-se diante dos quadros em que os artistas geniaes e desvairados traçaram scenas pavorosas da guerra e da fome, das epidemias e dos hospitaes. A "Lição de Anatomia" no seu energico claro escuro é ou não tão bella quanto horrivel? E toda a arte duma civilisação, a chineza, tem mais de horror que de belleza.

Em França representa a horrormania na pintura o grande Tattegrain. O seu quadro celebre "As bocas inuteis" gela de pavor. Custa-se a acreditar que um cerebro humano o tenha imaginado e produzido. Parece uma creação demoniaca.

Estamos em plena Idade Média. Na encosta dum cerro coberto de neve, recorta-se no fundo cinzento triste do céo o perfil ameiado duma cidade fortificada. Ao pé dos baluartes, entestando com os bailéos, alevantam-se os sinistros e complicados engenhos de guerra. A' luz baça do dia invernoso, faiscam elmos polidos, gumes de armas. Em baixo do morro, entre os vetustos vallos duma quinta saqueada, velhos, mulheres, enfermos, aleijados, creanças, as *bocas inuteis* da praça assediada, expulsos pela dura necessidade da resistencia, erram aos grupos, escaveirados, lividos, envoltos em trapos immundos, olhos fusilando de febre; escavam

como chacáes a gléba gelada, buscando cadaveres para comer! Alguns roem tibias, outros esfiapam com dentes e unhas entranhas putrefactas!

Gente ha que contempla essa pintura horas seguidas, analysando figura e figura, numa ancia curiosa de pormenores.

Outro quadro de Tattegrain — "A Peste". Noite. Luar mysterioso resvalando sobre a planicie nevada. Alto esqueleto, envolto em alvo sudario, caminha lugubre e solemnemente, cercado de lobos, apontando com o braço descarnado e ameaçador para uma cidade que se entrevê ao longe. Sobre a caveira lisa esvoaça um corvo, desdobrando as longas azas.

Sente-se um fremito, uma vibração nervosa. E' talvez essa crispação dos nervos que dá a sensualidade de contemplar taes coisas.

A literatura está recheiada de exemplos semelhantes. Por ella perpassam vultos sinistros e nella se desenrolam scenas horrendas, desde o Oedipo da tragedia antiga aos tercetos do grande florentino, da mumia de Gauthier, do Mazeppa, do Convidado de Pedra, da sombra de Banquo, das goules arabes ás revistas fantasticas de Zedlitz, aos contos de Poé e Isle Adam, aos vampiros hungaros de Dumas, á noite de Walpurgis.

Levada ao excesso, a horrormania é a demencia do Marechal de Retz, o Barba-Azul.

A religião não escapou á velha mania, segundo o atestam cultos obscenos e sangrentos, sacrificios druidicos e cartaginezes, os ritos dos bosques pagãos e os de Astarté, de Dagon, de Baal, de Adonis, dos deuses gangeticos.

Mais que os homens, as mulheres são sujeitas á mania do horrivel. Possuem maior inclinação para os mysterios e os contrastes horrendos. Nos aureos tempos da mythologia, se entregavam aos satyros, aos centauros, aos touros e aos monstros do mar. Na Assyria, havia as que tinham concebido do peixe Oannés, o prégador. As hellenas gostavam de contemplar, nos paineis das casas e dos templos, corpos brancos de nymphas cingidos ao torso escuro dos faunos pelos seus braços hirsutos, simiescos.

Bem poucos não amam esses contrastes. Eça de Queiroz, descrevendo uma orchidea extranha, esverdeada, presa ao collo duma fidalga, compara-a com um viscoso e nojento bicho poisado sobre a brancura do seio nobre.

Jacques Normand afirma que dia a dia augmenta a mania do horrivel e Henri Lavedan, diante de tal perigo, fez na "Comedie Française", uma conferencia erudita contra essa perversão.

O momento presente é azado para mais se desenvolver. A grande conflagração é uma epopéa de horrores inconcebiveis. Os amantes de taes sensações têm com que se fartar. Nas linhas de frente da Europa é vasta a messe de impressões. Renascerá na arte, talvez, a "Dança Macabra" dos retabulos medievaes.

SEGURO A' AMERICANA

O Sr. Mac. Clellan, filho dum millionario americano, rei da Imprensa e dos Caminhos de Ferro, casou com a filha unica do fallecido millionario Thomaz Wark, a senhorinha Evelyn, muito mais rica que elle. Desse casamento doirado, que deslumbrou o luxo da sumptuosa quinta Avenida, em Nova York, nasceu uma meiga e loira creancinha, admiravel rostinho de *baby yankee* a sorrir com os seus olhinhos azues e a sua boquinha vermelha.

Baptisaram-n'o por Vicente. O povo chamou-o — o menino dos milhões de dollars. Ficou assim celebre e a celebridade lhe trouxe o infortunio.

Os pais, cheios de santo zelo e acrisolado amor, começaram a temer que a fortuna do pequerrucho despertasse a ambição dos malvados. Alguns desses individuos, que nada têm a perder e tudo a ganhar, poderia raptar o Vicentinho, esconde-lo e exigir um resgate fabuloso. Não era só o temor do prejuizo monetario que os vexava, porém, mais ainda o do perigo que o filho correria, entregue a mãos perversas.

Foram, então, á companhia Lloyd e seguraram a creança. A quantas vicissitudes, ó livres garotos das

ruas cariocas, está sugeito um vosso semelhante que teve a desgraça de nascer de pais ricos na original America do Norte!

A companhia Lloyd, mediante um premio de vinte por cento sobre os milhões em que foi avaliado o pimpolho, comprometeu-se a indemnizar os pais, se o filho fosse roubado, a pagar o resgate exigido pelos roubadores e, o que visavam pai e mãi, a vigiar o segurado com todas as precauções, afim de só terem lucros na transacção.

Os dectetives particulares da companhia nunca mais deixaram o menino dos cem milhões, filho do rei da Imprensa com a filha unica do rei do Oiro. Escoltaram-n'o, seguiram-n'o para toda a parte e a todo o instante.

A porta do seu quarto era, á noite, aferrolhada por um desses agentes de policia, que alli ficava de sentinella até ao amanhecer. As janellas eram fechadas com varões e cadeados de aço. O pobre pequeno não corria e saltava no jardim, jogando pelota ou tangendo arco, não rolava pelos gramados em companhia de outros, nem ao menos podia sentar-se num banco.

A previdentissima companhia mandou construir um "perambulator iron car", que não é coisa do outro mundo e, simplesmente, um cofre-forte ambulante, nickelado, movendo-se sobre rodas, dentro do qual vai o infeliz menino, sentado, respirando o ar puro do parque pelas seteiras gradeadas, que mal o deixam ver o céo azul manchado de nuvens ou cortado de azas, o verde dos arvoredos rumorosos, as aguas claras dos lagos com os cysnes negros boiando á tôa.

Quando, pela vez primeira, o tal "perambulator" appareceu num jardim publico de Nova York, desocupados e curiosos seguiram-n'o com a mesma fome de ver dos basbaques da esquina do Watson quando foi da "jupe-culotte". E todos se interrogavam: — que crime teria commetido esse captivo precoce?

Dentro das grades, o palido menino dos cem milhões admirava a curiosidade do poviléo e invejava, calado e triste, os filhos dos pobres, que voltavam da escola, rotos e alegres, enterrando com delicia os sapatos na lama e rindo ruidosamente.

Pobre Vicentinho! Não valiam tantos milhões a pena de viver a vida baça e merencorea de um canario doente. Talvez não sinta a prisão o petiz millionario, porque nunca provou alegrias de folguedos infantis. Em casa, sempre cercado de ferrolhos e sentinellas. Na rua, trancado numa caixa de aço, rodeado de detectives, como um prisioneiro de Estado. Nunca brincaste. Nunca riste. Nunca atiraste uma pedrada. Nunca subiste numa arvore, para apanhar um ninho. Por brinquedos, bonecos e objectos de molas complicadas. Por companheiros, amas e policiaes. Entre ti e o horizonte, grades e fechaduras. Não és um menino, és um thesouro. Não és um filho, és um objecto segurado. Não és uma creança, és um saco de dollars. Não és Vicente nem Vicentinho, és uma cifra, cem milhões. Pobre creança rica!

TRADIÇÕES

MUSEU MILITAR

Do Club Militar parte a idéa da creação de um museu, onde se guardem objectos gloriosos, mudos companheiros de nossos guerreiros e heróes: espadas que brilharam á luz das batalhas platinas ou foram entregues ás nossas mãos vencedoras pelos caudilhos vencidos; canhões que vomitaram a morte nas fileiras inimigas do alto dos baluartes e dos espaldões; lanças que scintilaram no punho temeroso dos farrapos, dos gauchos de India Muerta e que golpearam com Andrade Neves os quadrados de Avahy.

Todas as nações têm museus militares, guardando tradições guerreiras, documentando o progresso dos armamentos e das tacticas, exaltando o culto das glorias passadas. Somente nós não os possuimos ainda.

Até hoje não tivemos o cuidado de guardar as tradições militares, abriga-las, cuidar dellas, roubando á ferrugem, á destruição, as armas dos que desappareceram depois de combaterem pela patria. Ao contrario do que se faz em toda a parte, ha quem aconselhe até que se restituam trophéos tomados ao inimigo.

Em França, o museu dos Invalidos é o museu do Exercito, o museu militar da nação. Acolhidas aos ar-

marios envidraçados, brilham armas antigas: abrem-se as azas doiradas de um casco gaulez da legião da Cotovia ao lado do capello brunido de um archeiro de Poitiers ou de um besteiro de Azincourt; rapieiras prussianas tomadas em Rosbach alternam com as espadas finas do ataque de Malplaquet, os sabres recurvos dos hussares de Eylau, os briquetes pesados dos granadeiros de Napoleão. Ha punhaes turcos, alfanges de mamelucos, chuços da Revolução, colubrinas huguenotes, partazanas de lansquenetes, adagas de Lérida. Todo um arsenal e uma historia toda.

Ultimamente, foi inaugurada uma nova dependencia, a sala Richelieu ou sala das espadas, onde em altas montras de caixilhos severos se perfilam finas, luzentes e nobres laminas de aço, umas evocadoras de glorias magnificas, outras embutidas de pedrarias ou galivadas de oiro.

A espada elegante e fidalga de Henrique II, principe de Condé, hombreia com o pesado montante do Condestavel de França, Du Guesclin, vencedor de Cocherel. Outras se estendem em fileira: o sabre recto de Carlos XII, rei da Suecia, o sabre recurvo de Estevam Bathory, rei da Polonia, o sabre doirado de Bessiéres, coronel-general da cavallaria da Guarda; os espadins cortezãos de Luiz XVI e Luiz XVII, um maior e nigelado, o outro minusculo, infantil, incrustado de oiro; framéas celticas, schiavonas florentinas, claymores escocezes, bracamartes de reitres saxonicos, cinquedéas italianas de *bravi* e de *buli*, chilfarotes de *condottieri*, yatagans e cimitarras, lattes compridas dos carabineiros da Epopéa. Depois, uma ostentação de

aços cinzelados, aniellados, de punhos a vermelhejar de rubis: laminas toledanas de Juan Gil, folhas milanezas de Petro Caimo, copos florejados de Benvenuto Cellini.

A Hespanha tem a Armeria Real; Portugal, o Museu de Artilharia; a Allemanha, dezenas de museus; a Inglaterra esparge na Abadia de Westminster, no Palacio de Buckingham e no British Museum todas as reliquias gloriosas. Em todas as nações pendem das arcadas gothicas, alinham-se nas salas publicas balsões polychromicos, panoplias de armas, testemunhas das guerras antigas.

Nós ignoramos o culto do passado e desprezamos as velharias da historia. Nunca possuimos um verdadeiro museu militar. Nossas recordações guerreiras andam esparsas por mil logares, ao abandono, ou já desappareceram de todo.

Onde estão os terçados dos bandeirantes ousados, que desbravaram os adustos sertões? As armas heroicas das companhias de assalto, que venceram nos Guararapes? Os mosquetes dos que avançaram contra o Fidié nos campos do Piauhy ou morreram pelo ideal da Republica do Equador? Que fim levaram as espadas dos que batalharam na Argentina, no Uruguay, no Paraguay e na Guyana?

Azado é o momento para se procurarem reliquias e gurda-las com carinho, legando á nossa descendencia uma herança que, infelizmente, não achamos. Remexam-se archivos, museus quasi abandonados como o do Instituto Historico de Pernambuco, estabelecimen-

tos militares, velhas fortalezas antigos arsenaes, apelle-se para a generosidade particular e grupem-se num logar semi-sagrado, tal qual o antigo templo de Janus, as velhas reliquias, reagindo contra o descaso e a rotina.

A maior de nossas reliquias militares, a espada de Francisco Solano Lopez, a arma do unico chefe de Estado que vencemos após cinco annos de cruenta guerra, acha-se quasi desprezada numa caixa envidraçada, ao canto de um salão do Collegio Militar. Raro será o brasileiro que saiba de sua existencia, mais raros os que possam saber onde se encontra. As bandeiras que á custa de muito sangue tomámos aos inimigos desappareceram. As poucas que restam pendiam ainda ha pouco tempo, em pequenos trophéos, das paredes da igreja da Cruz dos Militares, á poeira e ás moscas.

Que alegria não tem o francez, vendo a esguia espada de Hoche, o reflectido, o rebenque glorioso de Murat, o oculo por onde Napoleão espiava os movimentos do archiduque Carlos, de Schwartzemberg, de Palafox e Wittigenstein. Na armadura de Afonso Henriques o portuguez vê a heroica formação do reino entre as lutas contra a moirama e os gallegos; no montante de Nun'Alvares, a guerra contra Castella; nas bombardas e falconetes das náos, os descobrimentos, as conquistas, a India, a terra de Santa Cruz, o delirio da Africa. O inglez contempla os guiões multicôres da insubmissa fidalguia que impôz a João Sem Terra a sancção da Magna Carta e as alabardas dos soldados que venceram em Crecy ou mantiveram em sujeição os irlandezes e os highlanders.

Quando nos lembramos da guerra hollandeza, das campanhas do Prata, da gauchada que invadio a Cisplatina, de Paysandú, da assombrosa retirada da Laguna, de Monte Caseros, da marcha de flanco no Chaco, da defeza heroica do forte de Coimbra e da conquista do Acre, não temos um objecto que taes feitos represente para nelle demorarmos os olhos.

Patriotica e nobre a idéa de um museu militar. Queiram os numes que ainda se realise, para nelle depormos os nossos tropheos como os gregos suspendiam os broqueis vencidos nas métopes de marmore dos templos.

O CULTO DA SAUDADE

O descaso pelas nossas tradições vai se tornando crime imperdoavel. Um exemplo: o antigo portico da Quinta da Boa Vista foi presente da casa d'Austria ou da casa de Inglaterra. Tem uma severa belleza de linhas architecturaes, uma architrave esplendida e flintos admiraveis. Mudaram-n'o de logar varias vezes e, por fim, impiedosamente o plantaram nas trazeiras do parque, fronteando um velho quartel de cavallaria.

Nunca se vio tanto desamor. O que se dá com os objectos historicos verifica-se com os costumes tradicionaes das regiões, das cidades e dos bairros. Só uma coisa se mantém perpetua e immutavel: o carnaval, que não é autochtone. O mais morre a pouco e pouco. Até os cordões desaparecem.

Estamos em Dezembro, mez das velhas usanças, das festas que os ascendentes nos legaram, mez do Natal. Que temos? Nada. Sómente os sapatos á janella, grotesca imitação dos sapatos á lareira.

Nunca se vio uma cidade assim, em que a vida das grandes arterias condensadoras do movimento, das avenidas, matasse a physionomia costumeira das festas annuaes. O Rio não tem mais tradições. Como cidade, é um exemplo unico á face da terra.

Paris, com toda a sua refulgencia e atracção, nunca perdeu os velhos habitos. Nas *halles*, as vendedoras fazem uma alegre festa, regada de vinho e acompanhada de cantos, em que quatro dellas aparecem vestidas de rainhas, sendo uma escolhida soberana do mercado para todo o anno. E' uma coisa semelhante aos reis do Congo da escravatura. As revistas estampam longas noticias e grandes photographias do festejo.

Não ha cidade européa que não festeje uma data historica, annual ou centenaria. O proprio carnaval de Nice tem uma tradição. Elle entra pelas ruas a dentro como um triumphador, no seu alto carro arabescado de doiraduras, imponente e rechonchudo, a tomar conta da cidade, mergulhando-a em louca alegria por tres dias a fio.

Nuremberg, toda cheia do halito da idade média, onde cada aresta de solar e cada estatua de nicho são recordações dos tempos feudaes, é a rainha dos cortejos historicos. Nas datas que lhe são caras, saem á rua longas filas de partazaneiros, de bacineta ou celada á cabeça, estramação ao lado, cervilheiras de malha, gorjaes de aço brunido, de aço fosco, de aço toledano.

Toda uma viva riqueza de recordações da Westphalia surge nas praças e viellas, sob o oiro do sol, que reluz e faisca nos elmos repolidos, nos metaes florejados. Entre lansquenetes e reitres, vêm principes e vêm barões, ceifeiras e castellãs, seareiros humildes e coiteiros vaidosos, longas roupagens e saiotes curtos, varapáos de zambujo, piques e bastões. E de tudo se eleva uma melodia de antigos cantos como poeira de saudade dos tempos idos.

A evocação do preterito naquellas ruas, entre o casario em cujas traves a patina doira o relevo das arvores de Jessé e dos leopardos batalhantes, é completa e magnifica. Assistindo-a, o povo allemão, loiro e disciplinado, scisma e sonha na vida tradicional das lendarias margens do Rheno, onde as ruinas dos castellos se conservam como monumentos nacionaes. E' a historia da terra mãe, que desfila aos seus olhos, escripta e revivida no ferro do soldado, no velludo dos gibões fidalgos, nos arnezes dos cavalleiros e no cajado nodoso dos pastores. E' toda a chronica guerreira, politica e feudal da Suabia, da Franconia, da Thuringia, da Baviera. A multidão respeitosa olha o passado desfilar.

Orleans, com outro cortejo historico, celebra a entrada victoriosa da Pucella. Ao clangor de fanfarras aparece, numa esquina, o exercito do rei de Bourges. Ao meio de besteiros que seguram a gafa das béstas, de beguinos com os bureis rôtos da caminhada entre urzes, marcham, cabisbaixos, prisioneiros inglezes. Sobre o branco corcel ajaezado de oiro e vermelho, Joanna d'Arc eleva a auriflamma triumphante.

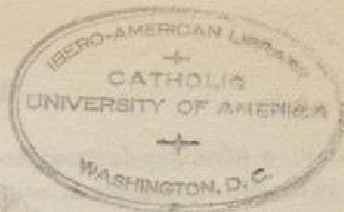
Do mesmo modo, Calais commemora a rendição dos inglezes. Outras cidades, assim, perpetuam outros feitos. Toda a historia de França vai se repetindo com essas festas, nas côres, nos costumes, nos aspectos. Annualmente, os alumnos da escola militar de Saint-Cyr repetem as diversas phases da sangrenta batalha de Borodino. Cossacos, granadeiros de Vologda, cavalleiros-guardas se acoutam num reducto de madeira, armado ao centro do pateo. Napoleão e seus marechaes dirigem as manobras. A guarda imperial marcha ao assalto com

os seus brancos correames encruzados sobre as nizas azues. Por ultimo, os couraceiros de Montbrun dão as suas cargas formidaveis. Uma banda de musica toca o "Veillons au salut de l'Empire". A rememoração da batalha de La Moskowa é perfeita.

Nada disto temos. Oiro-Preto, ninho de tradições e glorias, derroca-se, esborôa-se. Ninguem escora as hombreiras de pedra bruta, as paredes desaprumadas. A' festa que alli se realisou, relembrando a conjura mineira, quasi ninguem compareceu. Olinda enche-se de capim. Na remodelação da Bahia nada se poupou. No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração.

Vá alguem de encontro ao descaso geral. Dê-se ao insano trabalho de realisar um tentamen. Faça um cortejo historico, organise uma cavalgada tradicional, recordando a fundação da cidade por Mem de Sá com indios de cocares e arcabuzeiros de morrião; restaure o prestito que levou Tiradentes á forca da Lampadosa; todo o mundo rirá da *mascarada*. Nunca mais se livrará do ridiculo.

O culto da saudade ainda não é para nós.



OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA

Porque não o temos ainda, precisamos crear o culto de nossas tradições, especialmente das tradições militares. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não póde haver nacionalidade. Amar a historia é amar a terra. Uma não passa de corollario da outra. Até hoje, quasi não temos esforços nesse sentido. Façamo-los. Os ensinamentos das lutas actuaes nos mandam defender o Brasil das ambições que se possam elevar contra elle. Devemos executar esse programma materialmente — fomentando o desenvolvimento physico e o aparelhamento militar; espiritualmente — incutindo em todos os brasileiros a religião do passado, que é a alma mesma da patria.

Seria de grande alcance, para tal fim, remmemorar constantemente ao povo as coisas antigas, colleccionando em museus adequados objectos representativos da vida militar da nação, expondo-os, explicando sua significação, familiarisando as gentes com elles.

Somos o povo que menos guarda e, portanto, menos estima as coisas do passado. Necessitamos ser educados. Trata-se agora do levantamento do espirito patriotico e militar do Brasil. Ha uma verdadeira cruzada. Ao lado della, por que não restaurarmos, no nosso exer-

cito, o prestigio da tradição? Seria tão facil faze-lo, embora elle ignore até a origem de seus uniformes, cuja documentação é bem dificil.

Sem excepção alguma, as nações do mundo inteiro conservam, carinhosamente, nas revistas e paradas, as linhas geraes e as côres dos fardamentos de antanho, de maneira a se não quebrarem nos seus exercitos os élos tradicionaes que ligam o passado ao presente e este ao futuro, fortificando o espirito de corpo nos regimentos e o amor da historia patria na população. Isto o que temos obrigação de fazer.

Passando os olhos sobre a nomenclatura das tropas européas, encontramos, por amor da tradição, as armas, especialmente a cavallaria, subdivididas em muitas variedades e especies, quando seria mais facil computa-las assim: cavallaria pesada, de linha e ligeira. Mas os grandes reformadores dos exercitos modernos não pensam desta maneira. Como os antigos homens de armas deixaram a tradição da armadura, os regimentos de cavallaria pesada continuamm a usar o casco de aço e a coiraça, peças que, no exercito francez, ainda ha pouco tempo se chamavam *armure*, sendo que a ultima em muitos paizes já foi substituida por uma especie de collete de coiro. Os dragões da cavallaria de linha foram creados quando se necessitaram tropas que combatessem a pé e a cavallo. Napoleão experimentou usa-los como infantaria montada. Desde o tempo de Luiz XIV, nunca mais sahiram das armas européas.

Quando invadiram a Hungria, os turcos atiravam á frente de seus corpos numerosos cavalleiros ardentes e bravos — *oghlans*, companheiros de guerra, sobre cujo

turbante se atravessava uma chapa de aço, defensôra da cabeça. Os uhlanos ficaram perpetuados na Austria, na Russia e na Allemanha. Os polacos transformaram o antigo turbante no *czapska*, capacete baixo sobre o qual ainda se vê a antiga placa protectora. Todos os uhlanos, mesmo os lanceiros inglezes, usam ainda este capacete. Os da *landwehr* hungara conservam o turbante, mas de pello, encimado pelo losango de ferro.

Mathias Corvino, rei da Hungria e da Transylvania, no primeiro recenseamento dos camponezes para o serviço obrigatorio das hostes, mandou dividi-los por vintenas. Desses grupos, dezenove homens eram arrolados na infantaria e o vigesimo (*usarz*) entrava na cavallaria. Os regimentos de hussares, originados nesse costume, foram levados para a França, quando esta pagava mercenarios, pelos principes de Estherazy e Bercheny. Domiciliaram-se, depois, nos outros exercitos. Sejam de que nação forem, usam, por velho habito muito respeitado, um uniforme de côr differente para cada regimento. Lucien Vallet diz, no seu curioso livro sobre as cavallarias européas, que cada corpo ama as suas côres como a sua propria historia.

Napoleão tinha-os azues celestes canutilhados de branco; castanhos e azues; cinzentos prateados; azues e escarlates com pelliças variadas; escarlates e verdes; azues com alamares côr de junquilho; azues escuros enfeitados de vermelho; todos com altos shakos de coiro polido e longas plumas tremendo no ar, a primeira companhia, de elite, com pesados colbacks enfestonados de borlas; luxo que custava rios de dinheiro, mas dava orgulho, amor proprio, coragem e a victoria!

A Allemanha tem-n'os cinzentos e vermelhos, castanhos e azues, esverdeados e negros. Estes são os *todkopf*, os hussares da morte, os hussares de Dantzig e de Brunswick, os do colback com a caveira fatidica, de uniforme côr de treva trançado de alamares brancos como as costellas de um esqueleto, que mantém as tradições dos hussares de Frederico II, de Zieten, dos que a rainha Luiza commandou em 1813 e daquelles que perseguiram os fugitivos de Waterloo, chamados por Frederico Masson: "Chevaliers noirs, lugubres retueurs des morts!"

Os hussares austriacos têm uma côr para cada regimento. A Russia guarda o vermelho, côr tradicional dos cavalleiros hungaros, para os hussares do Imperador e os de Grodno. Vermelhos são os hussares dinamarquezes e os da guarda do Kaiser. Azues escuros, cinzentos escuros e azeitonados, os de Inglaterra. Encarnados e azues, os da Romenia e da Hespanha.

Nas actuaes condições de batalhar, a lança é mais um objecto historico do que uma arma. Os velhos generaes a apregoavam como a primeira entre as primeiras. Montecuculli chamava-a a rainha das armas. O marechal de Saxe divinisava-a. Napoleão abolio-a. Um dia, porém, vendo os cavallo-ligeiros polacos apoderarem-se das lanças de um esquadrão de uhlanos allemães, manejarem-n'as com habilidade, tomando uma bateria e aprisionando o principe de Auersperg, disse a Bessiéres, coronel-general da cavallaria da guarda: — "Dêm-lhe lanças, já que tão bem sabem servir-se dellas!" A Russia uma vez tomou-a dos cossacos, mas na Allemanha até os couraceiros a carregam.

O espirito militar europeu é o mais tradicionalista possivel. Ainda hoje considera a cavallaria unica arma nobre, a infantaria suportavel e a artilharia arma plebéa, mais moça, scientifica, mecanica. Contam que o Kaiser nunca vestio uma farda de artilharia, embora experimente a vestimenta de quasi todos os regimentos.

Todos os exercitos se esforçam para continuar a tradição.

Na Inglaterra, em festas de gala, uma revista no campo de Aldershot parece uma parada de cem annos atraz: pennachos enormes, brancos e rubros; barretinas de pello com oitenta centimetros de altura; dolmans, jaques e nizas encarnados; plastrões e peitoraes alvos e vermelhos; tambores agaloados como os da *Maison du Roi;* pifanos pequenos como os que apparecem nas gravuras de Moreau. Os maravilhosos, sumptuosos uniformes inglezes estão bellamente reproduzidos nas celebres gravuras de Detaille, que sentio com emoção verdadeira quanto vale, para o povo britannico, a tradicionalidade: "Os granadeiros na Torre de Londes", "O Regimento voltando do exercicio", "O Dragão" e "O Porta-estandarte dos Horse-Guards". Mas, entre todos, os *Highlanders* e os *Royal Scots Greys*, os primeiros escocezes a pé, de saiote e *plaid*, tocando cornemusas e brandindo claymores; os segundos escocezes montados em cavallos cinzentos, de barretina pelluda e tunica vermelha, são os que, ao lado dos *Coldstreams-Guards* e dos *Life-Guards*, usam os mais ricos e verdadeiros uniformes historicos da Inglaterra.

A Dinamarca, no parque de Iaegersborg e na vasta planura de Hald, apresenta nos dias de revista a sua

tropa guardadora da historia dos uniformes: Granadeiros da Guarda Real, de altos bonés de pello de cão, negros e lustrosos com as sêdas mordendo a placa de bronze brazonada, que sustenta a pala curta.

Os guardas do corpo, de alto capacete e peito negro riscado por duplos alamares de oiro, e os dragões da Scania, de shako de coiro de lustro, negro pennacho caido, brandeburgos doirados e forrageira de borlas, representam, na Suecia, os regimentos queridos da campanha da Pomerania e de Bernadotte.

O visconde de Vogué dizia que muitos paizes se podiam orgulhar de sua força militar, mas nenhum a apresentava tão pinturescamente como a Russia. Com effeito, os guardas a cavallo têm um capacete encimado pela aguia bicephala e uma coira armoriada, que recordam arautos medievaes; os cossacos, vermelhos, verdes, azues, cinzentos, guardam em cada sotnia uma lança celebre: a de Platof, que cortou ao meio o exercito francez, na retirada; a de Paluline, que estripava os turcos, ousadamente! O regimento Paulowsky, composto de homens do nariz arrebitado e bigode ruivo, só desfila a passo de carga e de bayoneta cruzada, para recordar a carga com que livrou Suvarow de ser envolvido pelos turcos. O regimento de Preobadjensky anda com a mitra de cobre dos granadeiros de Pedro o Grande. Os couraceiros da Imperatriz lembram os de Alexandre I. Os granadeiros a cavallo recordam a escolta de Catharina II.

Na Allemanha, não falando dos hussares da Morte, já citados, encontramos a tradição desde as marchas antigas e proprias de cada corpo, usadas nos desfiles

de gala, até os monogrammas reaes e imperiaes que se entrelaçam nas dragonas, charlateiras e passadeiras. Encontramo-la nos granadeiros a pé, do regimento Alexander, primeiro da guarda, que tem mitras á maneira dos do Rei-Sargento, no capacete dos guardas do corpo com a aguia de azas abertas, que lembra o casco dos cavalleiros das lendas medievaes, nos reitres da guarda saxonica e nos cavallo-ligeiros bavaros.

Em Vienna os archeiros do paço imperial, cobertos de oiro, os guardas nobres hungaros, com a pelle de panthera ao hombro, e os guardas nobres da Austria, de tunica verde e pennacho preto, relembram os guardas de Francisco II e de José I. O governo austriaco acabou com os dragões azues e os dragões brancos, que Detaille pintou na "Rendição de Huninga" e que continuavam a elegancia dos soldados do archiduque Carlos, mas conservou no primeiro uniforme dos generaes a tunica branca, tradicional no exercito, e as folhas de carvalho, á maneira de cocarda, no boné dos infantes, folhas que os voluntarios tyrolezes traziam nas guerras de Maria Thereza.

Antes da guerra actual, o nome de guia, na Belgica, era synonimo de elegancia marcial. O seu colback emplumado, a kurtka, verde, as calças garances, collantes, lembravam os guias do segundo imperio francez. Elles, os atiradores de chapéo de coiro redondo e os gendarmes de enormes barretinas, garantiam as tradições do exercito.

O capacete de cimeira pontuda da cavallaria italiana foi copiado do dos Guardas Nobres do Vaticano. Têm a fórma caracteristica dos cascos da cavallaria de

linha, na Europa, de tres seculos para cá. Modelo tirado do antigo capacete romano. Por isso, Victor Hugo, referindo-se aos dragões napoleonicos, dizia que Roma os tomaria por legionarios. Os carabineiros andam com a niza escura e o bicornio de travès, como as antigas milicias do Piemonte. E a cruz branca que abre os braços nos capellos dos couraceiros e dragões já os abria na pasta e na manta dos Guias de Murat, rei de Napoles.

Os hespanhóes até hoje não abandonaram o *ros*, kepi de coiro com que lutaram denodadamente em Cuba e venceram em Marrocos, nem os dolmans faulhantes dos hussares de Pavia e da Princeza, nem as couraças do sol de oiro da Escolta Real, nem o bicornio da guarda civil, nem a alabarda e o talabarte dos alabardeiros.

A Grecia continúa com os Evzones a tradição dos Palikaros.

A Servia tirou o gorro militar da carapuça do camponez.

A Turquia faz os Zuavos envolverem na cabeça o turbante verde — côr sagrada do Propheta.

A França, apezar de pruridos demagogicos e lutas por matar tradições, apezar de seu exercito chegar a tal ponto de vestir mal que Julio Richard dizia andar com roupas de doente, devido ás pantalonas abadanadas caindo sobre as botas; a França nunca tirou o imponente capacete dos couraceiros e dragões nem o shako emplumado da guarda republicana a pé, procurando na guarda republicana a cavallo reatar o pres-

tigio elegante dos cem guardas da imperatriz Eugenia.

Os Estados Unidos, cheios do delirio commercial e industrial, vestem os cadetes da escola militar de West Point com a casaca, o guritão e as calças brancas dos guerreiros de Washington.

Reminiscencia da Independencia são, na Argentina, os granadeiros a cavallo de San Martin, de farda azul, paramentos rubros, morrião de coiro com tranças e borlas de fio vermelho.

O Uruguay guarda no Regimento de blandengues de Artigas, a memoria do caudilho celebre que lhe deu a liberdade, com o velho uniforme de 1810, nizas azues, canhões vermelhos, morriões de coiro cheios de escamas doiradas.

Nada possuimos de semelhante. Jámais guardamos uma tradição guerreira. Nada nos recorda a Independencia nem as nossas guerras estrangeiras, em que sempre vencemos. Mal sabemos como se fardavam as tropas nesses tempos. Archivos e museus quasi nada possuem. João Baptista Debret, na sua obra, dá umas figuras de granadeiros, caçadores a pé, artilharia de indios, do primeiro imperador, e dos guardas de honra de Sua Magestade. No livro de um oficial allemão, "Rio de Janeiro wie es ist", encontram-se descripções das fardas dos mercenarios tudescos e irlandezes.

O uniforme dos guardas de honra é verdadeiramente bonito: branco com reversos e paramentos vermelhos, capacete de coiro chapeado de metal, á cimeira de bronze doirado representando um dragão, dentre cujas azas abertas escorre uma crina negra. Pedro

Americo pintou essa farda, modificando um pouco o casco, no "Grito do Ypiranga". As altas botas lustrosas dão elegancia e garbo, as dragonas de escamas guarnecem os hombros, um *pon-pon* bicolor corôa a cabeça. Esse admiravel soldado deveria ser revivido como o foram os blandengues, heróes de Las Piedras, e os granadeiros a cavallo, heróes dos Andes, de Chacabuco e de Maipú.

O primeiro regimento de cavallaria do nosso exercito, que conta mais de um seculo de existencia e se distinguio em todas as campanhas, em virtude de lei devia passar a chamar-se regimento dos dragões da independencia, usando a farda tradicional dos guardas de honra. Com ella, daria guarnição nesta Capital, escolta ao presidente da Republica e aos diplomatas estrangeiros, guarda no palacio do governo, sentinellas nas escadas do Itamaraty em dias de festa e a carga final na revista de sete de setembro.

Nas manobras e campanhas, seria o primeiro de cavallaria, usando a farda commum. O uniforme historico ficaria sómente para escolta e parada, mesmo porque não é com crinas e pennachos que se vae á guerra de hoje, em que a prudencia é a maior virtude militar.

Mas os bellos fardamentos nas guarnições e revistas contribuem mais do que se pensa para o prestigio das coisas bellicas e o enthusiasmo guerreiro. Napoleão escolhia e esboçava o uniforme de seus soldados. Foi elle que creou os lanceiros polacos vermelhos e cinzentos. Levou mezes em hesitações e experiencias para dotar os carabineiros com a fardeta branca paramentada de azul, a coiraça ensolada e a *chenille* escarlate do

capacete doirado, que os tornaram os mais bellos cavalleiros da Europa. Numa nota ao projecto de creação dos guardas de honra, escreveu com a propria mão: "On leur donnera un bel habillement".

Vallet diz a proposito o seguinte: "Les beaux uniformes surexcitent les passions guerriéres des jeunesgens. Cette verité admise par tous les hommes de guerre, Frederic, Napoleon, etc., est si evidente, que les engagements sont toujours proportionnés á la renommée et á la brillante tenue des regiments".

Os dragões da independencia teriam um uniforme tradicional e historico. Representariam a creação do novo exercito com a creação da nova nacionalidade. Symbolisariam a tradição da raça com a evocação dos celebrados dragões portuguezes, dragões da Vimieira, nas guerras da Europa, dragões das Minas, que policiavam os sertões, dragões de Milicias, que participaram das rebeldias antigas.

O dragão do capacete é igual aos que seguravam o brazão das quinas e depois sustentavam o escudo com a cruz e a esphera do primeiro imperio, segundo estão representados nas duas faces mais largas do pedestal da estatua de Pedro I.

E a farda tradicional já foi colorida pelo nosso maior pintor no quadro que perpetua o grito de Independencia ou Morte!

Que no primeiro centenario da nossa liberdade politica formem os Dragões da Independencia, como no centenario da emancipação argentina formaram os Granadeiros de San Martin.

INDIOS E NEGROS

CARTAS RÉGIAS, ALVARÁS E PROVISÕES

O governo allemão sanccionou uma lei regulando o casamento dos individuos de côr branca com os de côr negra, nas longinquas e incultas colonias germanicas, e dos havidos de matrimonios anteriores á mencionada lei.

Essa medida legal prova que o cruzamento das duas raças não é raro nas colonias allemãs, antes pelo contrario, pois é logico corresponder ella a uma necessidade inadiavel, e o criterio dos jurisconsultos tudescos não lhes permitiria a elaboração de preceitos juridicos sem que o prévio exame das acções que fossem regular demonstrasse sua oportunidade.

Nas antigas disposições legislativas para o Brasil, decretadas pelo governo portuguez, encontra-se uma que se póde pôr em confronto com essa lei e que mostra o modo por que a metropole encarava a mesma questão e o pé em que a pôz, sendo de notar que se não podia exigir do Portugal de quasi dois seculos atraz a afiada razão e o descortinio da Allemanha de hoje. Esse documento juridico honra o governo portuguez, porque mostra boa vontade em atender a uma necessidade que os relatorios dos capitães-móres, governadores e ouvidores diariamente lhe apontavam.

Um alvará de 20 de abril do anno da Graça de 1755 declara que a alliança por casamento com os "indios da America" não traz infamia alguma, muito pelo contrario: é motivo de consideração e preferencia para os cargos publicos, segundo as respectivas habilitações. Estatue mais que as pessoas que tratassem os que assim se unissem ou de taes uniões nascessem por caboclos, mamelucos e qualquer nome mais ou menos injurioso, o ouvidor, por sentença sua, sem apello nem agravo, mandasse sahir da comarca.

Logo se vê que tal disposição era producto de consecutivas reclamações dos que se casavam com indigenas do paiz e eram por isso menoscabados, sendo já grande o seu numero, pois que o alvará não seria decretado sómente para meia duzia de casos.

Tão acertada medida em pról do augmento de população, fomentava a mestiçagem, unico meio de obte-lo em vista do exiguo numero de europeus.

Ao lado dessa medida, que dava mostras de certa amplitude de vistas, outras testemunham a desconnexão e desintelligencia dos governantes, decretando a par de uma lei de alcance moral e acauteladora de interesses, muitas pouco humanitarias, ás vezes até sem o fundamento da necessidade, que arripiarão de horror a suavidade positivista dos cathechisadores de hoje.

Nesse mesmo dia 20 de abril, mas no anno de 1708, o governo da metropole ordenava numa carta régia, se fizesse aos indios de corso, nas capitanias do norte do Brasil "guerra geral", afim de extermina-los completamente, sendo que os que resistissem fossem mortos e os que se rendessem vendidos como escravos. O producto

da venda serviria para a fazenda real se pagar das despezas da guerra; porém, se dos "quintos" que lhe tocassem sobrasse alguma coisa, fosse dada uma joia ao governador de Pernambuco, repartindo-se o mais com os oficiaes e soldados que tivessem tomado parte na referida e dificultosa campanha; tudo segundo já se dispuzera no Regimento das Fronteiras. Felix José de Mendonça, governador de Pernambuco, mandava o capitão-mór do rio de São Francisco guerrear tambem os indios de corso até ficarem "sogeitos aos brancos".

Indios de corso eram pobres indios de tribus pouco importantes, dizimados por morticinios anteriores, expulsos de suas terras pelos colonos ambiciosos, que andavam nas varzeas e ribeiras, ao sol ardente do sertão, roubando gado e mandioca. Ao governo da época não ocorria outra medida mais humana e eficaz que não a "guerra geral", com o necessario complemento da venda ás rebatinhas e da escravidão. Ao som dos borés e maracás, respondia o estrondo dos arcabuzes. Nas espessuras das selvas, os caboclos esperavam os perseguidores, de tocaia, retezando a corda vibratil do arco. E elles vinham, igualmente manhosos, rastejando de moita a moita, os bacamartes aperrados.

Assim, se procedeu por muito tempo em todas as colonias européas.

Nos archivos das camaras municipaes das villas e povoados sertanejos encontram-se cartas régias, alvarás e provisões sobre o assumpto, que podem servir a minucioso e util estudo da maneira por que os poderes publicos consideravam os indios de corso ou dos aldeiamentos e de como os tratavam.

Guerras geraes e parciaes repetiam-se a miude, podendo em cada capitania a sua média ser calculada em uma por semestre, além das que eram feitas sem ordem directa de Lisboa, por simples vontade dos maioraes ou determinação dos particulares, que se agrupavam em bandeiras.

Em 1722, o capitão-mór governador da capitania do Ceará ordenava ao capitão Luiz Ferreira Pessôa fazer guerra aos tapuyas de corso, conhecidos por jaguaribara, que commetiam tropelias pela ribeira do Acaracú, ampliando a ordem contra qualquer outra nação do gentio, que constasse ser de corso. Nem era preciso provar a turbulencia de uma tribu; bastava ter má fama.

No mesmo anno, o citado governador determinava ao capitão-mór José de Moura Negrão fazer "guerra de morte" aos tapuyas dos districtos de Aracaty-Assú e Mundahú, e das terras que dahi se estendessem até a Agua das Velhas.

O mesmo governador mandava o coronel João de Barros Braga guerrear os genipapos da ribeira do Jaguaribe; o capitão-mór Estevam Duro de Azevedo combater os anassés, jaguaribáras e outros quaesquer que não estivessem em paz; o capitão-mór João Felix de Carvalho, commandante da tropa que seguia para proteger a retirada do ouvidor dr. José Mendes Machado, nas ribeiras do Jaguaribe e Icó, fazer guerra ao gentio bravo "que encontrasse".

Facil supôr e imaginar os resultados das chacinas constantes, o sofrimento do gentio que o invasor

não comprehendia, porque elle não comprehendia o invasor. E, assim, o indigena desappareceu.

Ao lado do primeiro alvará, humano e criterioso, que póde ser comparado á lei intelligente do Reichstag, vêm essas ordens de duros governadores aos duros capitães de milicias e bandeiras, e outros dispositivos interessantes.

Em 1721, o governador do Ceará determinava que os principaes das aldeias só entregassem indios aos fazendeiros e colonos, para os trabalhos da pecuaria e da agricultura, mediante ordem sua por escripto, tal era o abuso praticado na entrega desses trabalhadores gratuitos. Mais ou menos na mesma época, o Conselho Ultramarino do Reino prohibia, sob penas severas, que viajantes e passageiros tomassem gasalhado em moradias particulares dos indios da serra da Ibiapaba, devendo hospedar-se na casa de hospedes dos reverendissimos padres missionarios, afim de evitar que seduzissem, desencaminhassem para com elles fugirem, as filhas e mulheres dos mesmos indios, que tal providencia de ha muito reclamavam.

A' raça vencida, perseguida na selva e no lar, para não desapparecer de todo sómente restava a mestiçagem legal. Por isso, poucos serão sempre os louvores áquelle magnanimo alvará de 1725, que tantos avós de nós brasileiros livrou da injuria e preferio para os empregos.

JURUPARY

No aspero sertão de Quixeramobim, disse-me um dia um vaqueiro que, por traz da casa da velha fazenda do Giqui, havia um grupo de rochas informes, tisnadas pelo fogo das coivåras, em cujas faces corriam inscripções rubras, que nem soalheiras nem invernias tinham podido empallidecer. Fui a esse logar. As pedras lá estavam com as inscripções, taes quaes me descrevera o matuto, profundamente entalhadas no granito, cheias de uma especie de massa côr de sangue, tão endurecida, que a ponta da faca mal arrancava particulas diminutas.

Tempos depois, a poucas leguas dalli, reparei que identicas gravuras enfeitavam as pedras das margens do riacho Fonseca, num percurso de talvez tres kilometros, não tendo, porém, o colorido vermelho. As figuras eram as mesmas: traços horizontaes cortados por linhas verticaes e obliquas; circulos com diametros perpendiculares; riscos mais complicados como inicios de arabescos selvagens; rudes começos de gregas, e, em grande cópia, um signal denominado "pé de gallinha", que os archeologos e indianistas têm encontrado desde o norte do Canadá, nos monumentos grotescos da raça as-

siniboia, nas pelles dos "wigwams" oneidas, até aos pampas patagões, na tanga dos guerreiros e na gamella dos defuntos.

Estavam alli, diante de meus olhos ignorantes, talvez algumas tradições das tribus paiacús e quixeramobins, que durante largo tempo vaguearam ferozmente pelas rechãs escaldantes do sertão cearense. Copiei aquelles emblemas exoticos, cuja significação até hoje não sei, e grande desejo de conhecer dos usos, dos costumes, de toda aquella vida barbara, tão desconhecida e tão distante, me invadio a alma. O mesmo sentimento acabo de experimentar, visitando no Gabinete Portuguez de Leitura a rica e admiravel collecção de coisas indigenas, do dr. H. Jaramillo. Encontrei alli exposto tudo o que a gente india da Amazonia possue e fabrica com sua caracteristica paciencia e leveza de mão.

Vi mascaras festivas e roupas de tucháuas feitas de casca de arvore; vestimentas e camisas femininas de fibras vegetaes; rêdes maravilhosamente bordadas e enfeites de cabeça de pennas multicôres; cestos, bolsas, tangas, instrumentos de pescaria, tecidos de cipós ligeiros e palhas leves; chapéos, giquís, ralos de madeira com dentes de animaes embutidos; bancos, pilões, peneiras, capacetes de taquára para festas; emblemas, cocares, saiotes, pulseiras, braceletes e collares de dentes; matapis ou alvos, cigarros, piteiras, isqueiros, matiris, colheres, pentes, atavios, acangatares; pingentes, pennachos, espanadores, leques, sceptros, faixas; cuias gravadas e pintadas, coités, cabaças com desenhos, caixas e bastões; artefactos de pennas, de elyctros, de ossos, de espinhas e de dentes humanos.

A série de armas era de esplendida riqueza, desde pesados escudos de pelle de anta e broqueis leves de cipós delgados até ás sarabatanas compridas, aos tacapes pesados e ás clavas brutas. Enchiam as paredes frechas e setas de todos os tamanhos e feitios, aljavas pejadas, arcos enormes, lanças toscas, curabis envenenados, cacetes facetados e coiraças fortes de jaboty.

Dezenas de instrumentos musicaes arrumavam-se em ordem: frautas rudes de osso e de taboca, maracás sagrados, borés, inúbias, businas e busios, bastões sonoros.

Ao lado de canôas cavadas em ferreos cernes e remos de resistentes madeiras, sobre uma mesa avultava grande tronco cavado a fogo com tres furos de um lado. Penduram-n'o, como um gongo chinez, entre duas arvores, sobre uma excavação do sólo. Batem-lhe com macetas forradas de borracha. O numero e o som das pancadas formam um alphabeto, transmitido, ouvido e traduzido a grandes distancias, em tempos de guerra. Os signaes obedecem tambem a combinações secretas, afim de que o inimigo não entenda as mensagens trocadas entre gentes de uma mesma nação ou entre tribus alliadas. O telephone sem fio da selva.

Numa vitrine, grosso e terrivel martello bicudo, de páo ferro, avermelhado, o cabo enfeitado de borlas de algodão, semelhante ao *merlin* dos açougueiros europeus, aos martellos de guerra dos polacos e áquelle de onde tirou seu appellido Carlos, grande *maire* do palacio e o mais valente dos francos. Era um nuida. Tirei-o do seu posto entre cabeças mumificadas e examinei-o, recordando o que sabia de seu horrivel mistér.

Jurupary é o diabo e seu idolo de madeira vive escondido dentro da agua do rio. Em certos dias de festa tiram-n'o para a praia. Só os homens podem presenciar essa ceremonia barbara. Nenhuma mulher tem o direito de ver o Jurupary, do mesmo modo que nenhum carthaginez podia ver o zamph da Rabbetna. Mas a curiosidade das mulheres mais se acirra com essa prohibição e muitas tentam olhar o calunga mysterioso. Quando o tucháua sabe que uma india vio o Jurupary, seja a denuncia fundada ou não, condemna-a á morte.

Ha uma grande festa. Roncam os instrumentos selvagens. Ataviada, a criminosa vem ao centro de grande roda, que dansa lugubre e hieraticamente. O chefe avança para ella e mata-a com um golpe do nuida. Está consummado o sacrificio e desafrontado o idolo máo.

Passei ainda o olhar pela collecção de coisas indianas e, em cada alvura de dentes humanos, em cada brilho das azas de passaros e insectos dos enfeites selvaticos, senti errar a saudade de uma raça que se extingue.

O NEGRO NO NOVO MUNDO

Dos paizes onde se distribuiram as populações arrancadas da Africa pela ambição cruel dos negreiros o Brasil foi um dos que mais se encheram de elementos negros. Esse facto trouxe á sua historia, em todas as manifestações, influencia que ainda perdura e muito tempo perdurará.

Nada mais dificil que articular a qualidade dessa influencia decisiva na nossa dynamica social. Nada mais escabroso que determinar os resultados do cruzamento desse sangue com o indio e o portuguez, que deu á nossa sociedade a feição polymorpha e polychromica que ostenta. Enleiados se hão de encontrar os prescrutadores da nossa historia, embaraçados os rebuscadores de nossa formação ethnica e sociologica.

Para tanto fazer, sem peias e receios, seria preciso immensa dóse de imparcialidade que não podemos ter, já pelo sentimentalismo inherente á raça, já pelos prejuizos de educação trazidos do berço.

Quando um escriptor nacional procura mostrar o que sente e pensa do magno problema da influencia do negro nas civilisações americanas, o que julga dos seus resultados e consequencias, cae sempre em grande par-

cialidade inevitavel, motivada pelo temor de ferir susceptibilidades, pela bondade sentimental innata ou por uma hostilidade que passa das raias traçadas ao direito de criticar.

E' facil ver, portanto, que sómente um escriptor estrangeiro, despeiado de conveniencias com o nosso meio social, fóra do alcance de odios, resentimentos e vindictas, metido com seus livros, insulado em seus estudos e observações, poderá determinar com justeza e precisão o papel das gentes africanas na vida nacional do Brasil.

Até agora raros são os livros ou folhetos que tratem do que fez e produzio a raça negra, transportada do seu *habitat* ao nosso continente. No nosso paiz ainda ninguem se deu ao trabalho de estudar tão importante questão.

Os editores londrinos Methuen & C. deram á publicidade um livro de forte analyse, escripto pelo Sr. Harry H. Johnston, que deveria ser traduzido em portuguez e espalhado em todo o Brasil. Talvez, assim, surgissem com o exemplo alguns homens de estudo, que excavassem o pouco lixo historico das gentes da Nigricia, da Loanda e do Congo no nosso paiz, dando-nos o resumo de suas observações e deducções, preparando fontes e bases de uma historia documentada e sincera dos escravos, seus descendentes, sua mestiçagem, do modo por que agiram como factores ethnicos, forças sociaes, elementos de resistencia, combate e erosão na nossa tão descurada vida nacional.

Aquelle que, sem preconceitos, velleidades e temores, sinceramente rude e rudemente verdadeiro, fi-

zesse tal obra logo conquistaria eterno brazão de gloria na nossa vida intellectual.

Resumamos os capitulos do "The Negro in the new world", o livro a que nos referimos.

I. "America before the negro came". Estudo completo das raças que habitavam as Americas antes da vinda dos negros e das condições de vida nesse tempo, quando sómente poucos indios escravisados dificilmente trabalhavam nas feitorias e plantações do litoral ao lado dos degredados trazidos de Hespanha, Portugal e Inglaterra.

II. "Slavery under the spaniard". A historia da escravidão no vasto mundo colonial hespanhol. A vida e o trabalho do negro nas minas de prata do Chihuahua e do Potosi, nas minas de oiro do Perú, nos presidios do Chile, nos garimpos da Bolivia, nos pampas do Prata e nas missões jesuiticas do Paraguay.

III. "Cuba". A grande e fertil antilha, pela exuberancia da producção agricola, pelo desenevolvimento industrial e economico, mereceu um capitulo. O papel da escravatura na sua contribuição para essa prosperidade está nelle bem documentado.

IV. "Slavery under the portuguese. Brasil". Exame meticuloso do grande e sombrio scenario da escravidão na nossa terra. Estudo historico das phases e autopsia de seu desenvolvimento. Analyse das causas e consequencias, da força que exerceu como elemento ethnico, as mutações sociaes, politicas, economicas, religiosas que produzio, intervindo inconscientemente na formação de uma nacionalidade e no destino de um povo.

V. "Slavery under the dutch". A escravidão nos dominios hollandezes, em Suriname, Tabago e Santa Lucia, a historia de seus periodos, da influencia que teve.

VI. "Slavery under the french. Haiti". Considerações historicas e philosophicas sobre a servidão negra nas colonias francezas. A historia do Haiti, da fundação dessa nacionalidade, dos seus vultos principaes, de Toussaint Louverture e de Faustino Soulouque. O aspecto geral da escravidão em Guadalupe, Guyana e Martinica, com as creoulas sensuaes de Fort de France e as mulatas requebradas de Cayenna..

VII. "Slavery under the british. Jamaica". Capitulo de magna importancia em que se vê fixado nas suas menores cambiantes e mais fugitivas tonalidades o papel da escravidão nas colonias britannicas. Nelle se nota, porém, a pouca intensidade da escravatura nas terras que vivem sob o tremular da "Union Jack", execepção feita dos Estados Unidos. Não foi assim muito deleteria sua influencia, embora ainda hoje Barbados seja em toda a America o maior fóco de elementos pretos, o que é devido a nenhuma tendenca do inglez para mestiçar-se com raças inferiores. Foi a Inglaterra a primeira nação que se pronunciou conra a escravisação dos negros e os seus navios os primeiros que perseguiram os bergantins e brigues do trafico maldito. Eusebio de Queiroz, se fôra vivo, poderia contar-nos das notas inglezas que lhe passaram pelas mãos, quando das primeiras tentativas de repressão contra o negocio dos negreiros. Na Jamaica, o autor estuda a acção do negro como factor economico e o seu re-

gresso á vida selvagem, fugindo para os quilombos das montanhas, onde eram caçados como féras.

VIII. "The abolition movement in the Great Britain". Historico das lutas jornalisticas, ministeriaes, politicas e parlamentares sobre o assumpto. Apparecimento successivo de Granville, Sharp, Thomas Clarkson, William Wilberforce, Fowell, Buxton e outros. O movimento abolicionista inglez ahi está enfeixado nos seus tres grandes traços: as discussões em Londres, a acção diplomatica e os cruzeiros no Atlantico.

IX. "Slavery under the danes". As exiguas colonias da Dinamarca não lhe permitiram desenvolver muito a escravidão. O capitulo carece de importancia.

X. "Slavery in the United States". E' o ponto culminante do livro. Nos Estados Unidos foi onde mais se desenvolveu e mais actuou socialmente, provocando uma das maiores guerras de que se tem noticia. E, como o cruzamento foi diminuto e o negro reproduzio-se puro e em grande quantidade, a questão negra lá se tornou eterna. O insulamento a que os christãos da Europa votaram os judeus foi a unica causa do seu fortalecimento e da sua continuação. Não os quizeram absôrver. Elles se mantiveram. Os mesmos motivos produziram na America do Norte, com os pretos, identico resultado.

XI. "The abolition movement in United States". Equivale a circumstanciadas biographias de Lloyd Garrison, Lincoln, Charles Summer, J. Brown, John Hale e Mistress Beecher Stowe, autora da "Cabana do Pai Thomaz".

XII. "Slavery in Southern States". As raizes profundas do esclavagismo no sul da grande republica e a guerra da Seccessão.

XIII. "The education of the negro". Os resultados obtidos com a educação do negro. Os grandes estabelecimentos pedagogicos, para negros, na America do Norte. O "Tuskeege Institute". O "Hampton Institute".

XIV. "The negro in Alabama". Foi o Estado em que razões particulares tornaram maior e mais duradoura a influencia africana.

XV. "The industrial south". O impulso do elemento preto ás industrias do sul.

XVI. "The Mississipi setlements. Louisiana". A acção do negro na industria e na lavoura dos estabelecimentos do Mississipi.

XVII. "The negro and crime". A raça negra estudada relativamente á criminologia.

XVIII. "The negro as citizen". E' uma analyse segura da capacidade do africano como politico, baseada na organisação de suas nações independentes: Haiti, Liberia e São Domingos.

Até hoje não se tinha ainda feito tão completo estudo da vida e influencia da escravidão nas civilisações americanas. No Brasil, balanceando-se a influencia do indio e do negro, verificar-se-á que a deste ultimo foi muito maior.

Nesse bello livro ha periodos que poucos brasileiros teriam coragem de escrever. Diz, por exemplo, o Sr. Johnston:

"The general commanding the Rio Police is (or was) a mulatto. The senior admiral in the navy and

the present minister of marine (1909) are also an euroafrican in race."

Mais adiante estampa o retrato de um vice-presidente da Republica elevado á presidencia, dizendo-o tambem um euroafricano, nos seguintes periodos:

"The irrepressible negro and negroid — you may dislike their phisiognomy, call them fop, gorilla and other desagreable names, but they always come up smiling and bear little malices — enters all careers, serves in all trades, profissions and employementes in Brasil, from the humblest to nearly the hightest, from the scavenger and servage collector to the presidencial throne. At least it is said that more than one of the chief magistrates of the United States of Brasil has had a triklet of Ethiopian in his veins."

Em resumo, afirma o Sr. Johnston com a maior verdade, que o negro, apezar da repugnancia que sua physionomia causa e de outros caracteristicos que o afeiam, no Brasil ocupa todas as profissões, desde as mais infimas ás mais importantes, chegando a sentar-se até na cadeira presidencial.

Nenhum brasileiro poderia falar com tanta franqueza. E é talvez esta impossibilidade de pôr os pontos nos ii que não tem permitido até hoje a feitura de uma historia da abolição e da escravidão no nosso paiz.

ITALIA CONTRA TURQUIA

ROMA "VERSUS" BYSANCIO

A historia nos diz que foi sempre o oriente sumptuosos, que, exorbitando de seus limites, veio sobre o occidente a espavorir as timidas populações.

Das bandas onde nasce o sol vieram os hunos terriveis e esse Attila, cujo corcel bravio amaninhava com as patas as ferteis terras de cultura. Dalli migraram barbaros sem conta, assediando depois a civilisação romana, deslumbrados por sua refulgencia magnifica. Do oriente rico, os mongóes se espraiaram pela Scythia fria e fugiram os hungaros selvagens. Lá surgiram a empecer a marcha de Roma vencedora as grandes resistencias patrioticas dos médas, dos parthas, dos armenios e dos chaldeus.

Após a fundação de Bysancio, Roma ficou só e enfraquecida; Roma, a avassaladora do mundo, dormia como vencedor estafado sobre os louros colhidos. Bysancio, então, ergueu-se. Evoquemo-la na sua grandeza e no seu declinio. Ei-la ruidosa e estonteante de riquezas, ostentando sua força nas armas dos soldados e no genio dos juristas. Então, Justiniano, cercado de doutores, codificava para o imperio e para o mundo, para os seus coevos e para a posteridade, as leis magestosas do direito romano. Então, Belisario e Narsés venciam

nos exarchados e nas costas barbarescas. Então, Theodora, num soberbo palacio do Bosphoro, entre altos muros recamados de arabescos e altas columnas filigranadas de oiro, entregava numa noite a pompa real de suas carnes núas aos desejos insaciaveis de quatorze mancebos!

Ei-la, depois, a altaneira Bysancio, estorcendo-se na agonia, ás garras de uma nova invasão do oriente — ella que lá estava, mas era em si mesmo sentinella avançada da civilisação occidental. E Constantino Paleologo corria a cavallo, loucamente, pelas ruas, entre o casario em chammas, ouvindo o berrar e o tropel das hordas sarracenas. Mahomet foi senhor de Constantinopla; mas della veio a invadir o occidente a aurea cultura que forjou a renascença. Foi a invasão do saber.

Do oriente vieram todas as invasões e todas as conquistas; sairam os arabes invasores da Iberia, da Narbonneza e da Sicilia. Nunca se esgotaram suas reservas de homens e suas populações monstruosas, adensadas socegadamente na sombra silenciosa dos seculos, derramam-se um dia pela face dos paizes cubiçados. Suas armaduras florejadas, seus estandartes de cabello, suas cimitarras afiadas, luziram, tremularam, faiscaram ao pé dos muros das mais ricas cidades da Europa. Vienna, Buda, Belgrado, Palermo, Toledo, Saragoça, Narbonna, Poitiers, todas viram esse lampejar sinistro. A propria Roma, a grande e santa Roma dos Cesares e dos Papas, foi saqueada pelos barbaros e pilhada pelos mahometanos.

Empurrando suas hostes para o poente europeu, o oriente, no emtanto, ficava rutilante, mysterioso, rebri-

lhando de pedrarias, faulhando de oiro, a tentar cobiças e desafiar ambições.

Lenta e demorada tem sido a vingança do occidente. Primeiro houve a tentativa infeliz das cruzadas christãs; depois, romperam os mares, tracejando largo rodeio, caravellas e náus aventureiras. Agora, a Italia vai contra a Turquia. E' Roma que marcha sobre Bysancio. E' o occidente que avança para o oriente. E' mais um farrapo dessa vingança de seculos, que nos faz scismar naquella lei de Fausto Cardoso, a qual preconisava a "repetição abreviada da historia".

A Europa é vasto formigueiro de questões. A Allemanha debate com a França o caso de Marrocos. A Inglaterra esforça-se em equilibrar as pretenções operarias com as reinvindicações irlandezas. A Hespanha sofre convulsões espasmodicas. A Austria atrapalha-se com as reclamações dos trabalhadores industriaes. A Italia aproveita essas distracções e estende a mão para a Tripolitania. Desforço lento do occidente! Roma, revigorada, acorda e cuida logo de conquistar. Quer alastrar-se até á regencia barbaresca, mas a possuidora do torrão cubiçado, excrescencia da Europa, nação que delira, paiz em deliquescencia, antepõe-se. E' a vetusta Bysancio, combalida pelos seculos, enfraquecida por uma raça em declinio. Roma vence-la-á.

DE QUEM SERÁ CONSTANTINOPLA?

Ha muito tempo os paizes europeus cubiçam a partilha do imperio otomano, a posse dessa Constantinopla tão falada, doirada e branca entre o azul do céo e o azul do mar, com os esguios e claros minaretes erguendo-se entre os finos cyprestes verdinegros.

Depois que as tropas turcas recuaram para aquem do Danubio e dos dois Silos, abandonando o desfiladeiro do Vulkan e os contrafortes do Despoto Dagh; depois que os irrequietos principados danubianos proclamaram a independencia e a Grecia conquistou a liberdade; depois da grande lição de Mehemet Ali e da complicada questão de Creta, mais cresceu na alma cupida das nações o incontido desejo da partilha. Por que havia o turco barbaro e amollecido de possuir aquellas maravilhosas paragens? Era necessario tomar-lhes as terras que inutilisava com preguiça e atrazo.

Mas ao espirito dos estadistas apresentava-se irrespondivel questão: "a quem pertenceria Constantinopla?" Diante della todos se calavam e iam tecendo intrigas diplomaticas.

Pouco e pouco as nações foram avançando para o mesmo fim, abusando da fraqueza do imperio do crescente. E, quando uma, na sua furia de conquista, amea-

çava a soberba Stambul, logo as outras intervinham a favor do turco, isto é, a favor de seus interesses, com a diplomacia e com a força.

Assim, a questão do oriente foi ficando eterna.

Após o anniquilamento do heroico Thamas-Kuli-Khan, a Russia adiantou-se pela Transcaucasia, apoderando-se de Erivan e Kars, ameaçando a altiva Erzerum. Ficou com grande parte da Armenia. Arrazou, depois, em Sinope, a esquadra otomana. Houve a guerra da Criméa. O russo parou.

A Inglaterra immiscuio-se nos negocios internos do Egypto. Encheu de tropas o paiz dos Pharaós. Fez a guerra dos derviches. Tomou a Nubia e o Sudão.

A Austria paulatinamente se apossou da Bosnia e Herzegovina, a influenciou as revoltas servias e albanezas.

Depois, a Allemanha adquirio o caminho de ferro de Bagdad, dominou a educação militar da Turquia e começou a agir no sentido de abrir pelo centro europeu e através das duas Turquias uma rota para a India.

Agora, a Italia vai conquistar Tripoli.

E' a partilha do imperio turco feita aos bocadinhos. Faltam a Asia Menor, a Turquia Européa, Constantinopla.

Amanhã a Bulgaria annexará a Romelia, a Albania revoltada tornar-se-á independente; a Servia, a Grecia, o proprio Montenegro e a propria Austria alargarão as fronteiras. A Grecia deseja os archipelagos do Egeu, lindamente espalhados á face do mar, ilhas onde andaram os velhos rhapsodos e habitaram os velhos

deuses; ambiciona a ridente Candia, terra dos sagitarios, a vetusta Escarpanto, paiz dos vinhos de oiro. A Grã-Bretanha, dona de Chypre e suas parras, quer outras ilhas ferteis e ambas as margens do Suez. A Allemanha reclamará compensações na Mesopotamia, sempre buscando a India... O moscovita cauteloso avançará pela Armenia, cerceando o mar Negro, quasi todo seu. A França concorrerá tambem ao grande inventario.

E Constantinopla de quem será?

Nos profundos conselhos daquelle seu profundo testamento politico, que acoimam de apocrypho, o arteiro Pedro o Grande diz aos seus successores:

"Approximai-vos o mais possivel de Constantinopla e das Indias. Quem nellas reinar, reinará sobre o mundo. Portanto, suscitai continuas guerras a turcos e persas, construi estaleiros no mar Negro e pouco a pouco apoderai-vos desse mar."

Para o velho czar, era do maior alcance politico a posse de Bysancio. O mesmo pensamento encheu o cerebro dos maiores estadistas europeus. Convergindo todas as ambições para o mesmo ponto, encontraram-se. Forças iguaes e contrarias, annullaram-se. Dahi ter conseguido viver até hoje, embora sempre combatido, o imperio do sultão.

Foi a desejada, discutida posse da grande cidade que aparou como forte escudo as garras tremulas de ambição, que se abateram sobre as riquezas do imperio.

A Europa nunca procedeu de boa fé e para ella os ideaes da concordia e fraternidade universaes são

mascaras que afivela e desata ao seu bel prazer. Quando a Grecia sufocada em Missolonghi, escorrendo sangue das feridas, vendo os filhos escravisados, pedia á Europa auxilio em nome da raça, da crença, da historia e da civilisação, ella cruzou indiferente os braços Porém, logo que a prepotencia turca extravasou das raias traçadas pelo interesse das potencias, em Navarino os canhões de tres esquadras, na Moreá, no Danubio e no Pruth as bayonetas de tres exercitos, impuzeram ao padischah uma paz vergonhosa.

Mehemet Ali, vice-rei do Egypto, revoltou-se contra o governo imperial. Surda aos pedidos do commendador dos crentes, a Europa contemplou a luta. Mas, logo que o imperio correu o risco de cair ás mãos do egypcio ambicioso, obrigou sultão e khediva a fazerem as pazes.

A Russia entrou pela fronteira do Danubio, desbaratou o exercito dos vizires, bloqueou as costas do mar Negro e avançaria até Constantinopla, se a Europa, temendo aquella conquista, não tivesse mandado navios e tropas ao Baltico e á Criméa. A Turquia respirou. Viveu a custa das ambições contrarias do continente.

No momento actual, a Italia subitamente lhe faz guerra, injusta pelo lado dos sentimentos, justissima pelo lado pratico da necessidade de expansão e do eterno dominio da força.

A Europa olha impassivel o desenrolar dos factos. O telegrapho, entretanto, noticiou que forças italianas iam desembarcar em Prevezza, afim de ameaçar o territorio europeu do inimigo. Immediatamente, a Austria mandou a esquadra cruzar nas costas dalmatas e

epirotas, e todas as potencias fizeram a Italia declarar que não levaria a luta á Turquia da Europa.

Mais uma vez se temeu pela sorte de Constantinopla.

Emquanto todas as cubiças disputarem a posse da grande capital do Bosphoro, fantasticamente bella, onde todas as civilisações deixaram a sua pegada, grega, latina, slava, turca, com zimborios de mesquitas que foram cupolas de cathedraes, minaretes que foram atalaias christãs, tekkés que foram mosteiros, ella viverá e salvará a decadente nação turca.

Sobrevirão mais tarde novas guerras, novas partilhas. E Constantinopla, capital dos hellenos, metropole dos osmanlis, inveja dos latinos, desejo dos saxões, sonho doirado e branco, de marmore rendilhado e de oiro repolido, dos Comménes, dos Mahomets, de Pedro o Grande, de Catharina, do czar Fernando, da Europa inteira, de quem será um dia?

VISÕES

AS AZAS

O poeta allemão Ruckert pedia aos deuses azas, para voar por monte e valle, para chegar até á claridade da aurora, para atravessar os mares, azas para viver e azas para morrer. Michelet dizia: "E' o brado da terra inteira, do mundo e da vida toda; é o que todas as especies vegetaes e animaes soltam em mil linguas diferentes, voz que sae da propria pedra, do proprio mundo inorganico: — Azas! Queremos azas! Dêmnos progresso e movimento!" Proseguindo na sua prosa perfeita e nas suas conclusões subtis, o liberal escriptor declarava só conhecer uma classe de seres que ignoravam "a universal tristeza da impotente aspiração" — os passaros.

Maldizia a "fatalidade do ventre", fazendo os filhos da terra não se poderem adaptar á sublimidade do ovo. Porque do ovo vinha o maior amor e a suprema maternidade. As religiões antigas consideravam-n'o origem de tudo. Num ovo mystico se gerára Baalet ou Tiratha, deusa da fecundidade. O passaro Roca guardava o ovo inicial. O homem, porque não voava, era uma criança na vasta vida animal, habitando um mundo barbaro, ainda por se desenvolver, em estado de aprendizagem

e aperfeiçoamento na série infinita das estrellas, ocupando um estagio inferior da grande iniciação.

Prophetisava ao homem emancipação completa, quando pudesse voar, mas voar por si mesmo. E por isso criticava acerbamente as machinas inventadas pelo rei da creação, afim de librar-se nos espaços, que julgava tentativas improficuas e ridiculas.

"Coitado ! o menestrel da Renascença,
A flôr dos cavalheiros andaluzes,
O typo da suprema valentia,
De armas de fogo apenas conhecia
Morteiros e arcabuzes !"

Parodiemos estes versos em prosa. Pobre Michelet! No teu tempo apenas conhecias montgolfieras, balões esphericos tatuados de azul e vermelho, passarolas mal estudadas, sem meios de direcção nem azas apropriadas para subir, planar e descer. Viesses ao mundo hoje e abririas olhos assombrados ante o maravilhoso equilibrio dos aeroplanos, as evoluções seguras dos zeppelins, os vôos planados dos taubes, as descidas elegantes dos hydro-aviões, a leveza de gavião das demoiselles. E Santos Dumont, Garros, Darioli, Guynemer rir-te-iam ás bochechas.

De quando a quando, é verdade, um se esborracha no sólo ou explode e se incendeia no ar. Outros, levados pelo rodamoinho dos furacões, despedaçam-se de encontro ás arvores e ás casas. Tambem, quantas vezes, apezar dos meios que a natureza lhes deu, as aves,

encandeadas pela luz, não se esmigalham de encontro á alvura dos oitões.

As "tristes e funestas" machinas de voar, como o autor de "L'Oiseau" as chamava, são hoje a força das nações. Nas suas entrançadas nervuras de aço e de aluminio, nas espalmadas azas de lona, no rugir dos motores, repousa já a confiança humana. Em dias muito proximos a quarta arma de guerra decidirá a sorte das batalhas.

A longa tradição humana, que se fixa nas azas, dando-as aos genios persas, aos touros assyrios, aos kerubs hebraicos, ao icaro hellenico, aos deuses egypcios, chega ao seu ultimo estagio: o aeroplano. A humanidade já póde voar, realisando uma aspiração que se perde na bruma dos povos antigos e na penumbra dos templos.

A "faculdade sublime" do passaro deixou de ser um privilegio. O homem póde subir mais que o condor. O troar das artilharias é precedido pelas nuvens de aviões como os furacões no mar são pelos alcyons e albatrozes.

O homem, consolado, lê Michelet sorrindo e não precisa mais repetir o verso de Ruckert:

"Azas! Azas! para voar!"

A PAREDE DOS MINEIROS

Com a lei das "retraites ouvriéres", a França deu grande passo em favor do operariado, que por todos os meios, pacificos e violentos, de ha muito trabalha por diminuir a desigualdade social entre si e as classes melhor aquinhoadas. Os operarios por toda a parte agitam suas reclamações.

Telegrammas de Inglaterra contam de uma grande parede de mineiros, da intervenção do governo na questão, da resistencia dos patrões em ceder ás reclamações dos homens rudes, que ameaçavam paralysar o trabalho nas "Indias Negras". Em numero de um milhão, os mineiros inglezes ergueram-se unidos, terriveis no seu silencio e na sua disciplina, sem praticar um disturbio, sem se amedrontarem com ameaças, exigindo um augmento de salario muito justo.

Não só na Inglaterra a situação se turva. A Allemanha militarista e feudal é, pertinaz e vagarosamente, minada pelo socialismo, que já não emprega meios energicos, pois a experiencia lhe demonstra o valor dos planos pacificos e bem tracejados.

Os governos a braços com tão sérias questões chicanam ao principio, mas acabam interpondo-se entre

patrões e trabalhadores, pendendo mais para estes, que são o numero, que são a força.

Praza aos céos que essas multidões de reivindicadores jámais passem das atitudes calmas á furiosa investida contra a sociedade, contra os poderes e situações constituidas, na arremetida vandalica que o poeta Roberto Veyssié prevê na sua rica imaginação:

"Entremelès, s'entrechoquant, sous la huée
Des sifflements,
Des aboiements
Et des gemissements,
Et des cris de la terre, et des eclats des nuées,
Blêmes et noirs,
Osseux, portant des pioches,
En avant des troupeaux des femmes et des mioches,
Un soir
Je les ai vus, qui deferlaient vers l'inconnu
Les hommes nus,
A la fois revoltés, epiques et serviles,
Entremelês, s'entrechoquant,
Mechants,
Et vomis par la gueule infernale des villes!"

Extraordinaria visão de um povo inteiro, bronco e faminto, que se levanta e marcha para desconhecido futuro, raça rebellada que caminha rompendo barreiras sociaes, cujo poeta, o autor dos "Tressaillements", lembra um austero bardo merovingio, um sinistro cantor dos tempos ossianicos, um inspirado escalde escandinavo.

Lendo-se o livro de Roberto Veyssié, não se póde deixar de pensar que um dia apparecerão á face da terra, varridas por um vento de tempestade, essas vagas humanas, de quem diz:

"Et cependant je les ai vus au fond des mines,
Broyer des blocs
Ou lentement cambrer leur corps
Dans un silencieux effort,
Pour soulever, parmi la nuit et la poussière,
Les pesantes magnificences de la terre!
Mais tout a coup ils ont surgis
Avec des cris...
.. ..
Des regards brulaient venus de leurs entrailles;
Ils menaçaient; ils avaient soif, faim, froid..."

Veyssié combate os que descrêm da victoria da causa operaria. Elle acredita num lindo futuro, premio ás legiões de homens que se matam nas mais arduas tarefas do mundo:

"On entend des pas qui montent!
.. ..
Montent parmi les cités, les campagnes,
Montent, infatigables, obstinés,
Montent toujours plus prés du grand ciel etonné,
Parmi d'autres cités, parmi d'autres campagnes,
Montent encor!...
Mais le vent du matin souffle en ses clairons d'or,
Les pas s'arretent — un a un — sur la montagne...

Le cou tendu vers un magique et doux appel,
La foule humaine s'est dressée au bord du ciel.
Elle ecoute et se tait.
L'azur, tout l'azur chante,
Tout l'azur chante eperdument des chants d'amour! "

Magnifica visão! A humanidade sofredora vê as perspectivas risonhas de um futuro melhor, sob o vasto céo de blau, cheio de vozes, de sons, de rythmos, de harmonias, com o vento da manhã soprando nos seus clarins de oiro!

. . . .

ROMANTISMO

VIE DE BOHÊME

A historia dos artistas é recheiada de bohemias e miserias. Raros os Victor-Hugos e os Ruskins, envelhecendo cobertos de gloria, rodeados de riqueza. A maior parte não chega á abastança. A gloria, ás vezes, só os procura depois de mortos. Quasi todos perdem as melhores ocasiões de se premunirem contra as vicissitudes da vida, preferindo á menor sujeição o desdem de Cyrano:

"... *Lorsque je fais un vers et que je l'aime,*
Je me le paye en me le chantant á moi même!"

O espirito pratico do seculo actual, porém, mais ou menos se infiltra na alma sonhadora dos artistas. Em menor escala, vêm-se poetas e pintores expulsos do commodo pobre por não pagarem o aluguel. Vae bem longe 1830 com as suas casacas largas, de gola de velludo, tufos crespos nos hombros, botões de metal lavrado, quando Henri Mürger gemia saudades de uma grisette e Theophile Gautier assombrava o burguez com as suas pantalonas vermelhas, zombando do luxo mesquinho da civilisação occidental naquella pomposa epistola de Fortunio.

Um seculo e tanto antes, sabendo quatorze oficios, Dryden morria de fome. Em 1830 já começava um pouco a evolução pratica dos espiritos entre os homens de letras. Lamartine foi negociante!

No seu livro "Pages Modernes", Charles Barbet cita duas cartas do poeta, tristes, desesperançadas, cartas de quem está sem um franco no bolso. Numa, dirigida ao Sr. Detot, seu secretario, Lamartine indica os termos com que se devem redigir os prospectos annunciadores de uma nova edição de suas obras, proclamando-lhe a belleza typographica, a feitura material, "para vende-la com vantagens e depressa". Lamartine negociante de livros!

Na outra, tambem endereçada ao secretario, fala dos seus negocios de vinhos, reclama contra a qualidade dos que lhe enviaram, recusa amostras, pede abatimentos, dá opinião sobre o modo de fabricação e termina pedindo um moço expedito nos serviços de engarrafamento. Lamartine, o autor de "Jocelyn" e de "Graziella", como qualquer portuguez de arribação, commerciante de vinhos!

Tudo isso, elle que já fôra ao oriente, gastando como um pachá, fazia para não cahir na miseria alegre dos poetas de seu tempo, iguaes no genio e na bohemia áquelles figurantes do theatro antigo que passeavam de aldeia em aldeia o vulto espalhafatoso do capitão Fracasso, a torpeza de Sgnarello e a argucia de Arlequim.

Era tão cheia de imprevisto, descuido e contentamento essa vida errante que o proprio Maeterlinck procurou restaura-la e ha pouco tempo o Sr. Garnier organisou em Paris uma companhia de comediantes bohe-

mios, que saia de automoveis estradas a fóra, indo representar pelas feiras provincianas "Marion Delorme" e o "Amigo Fritz".

O tempo delicioso e sentimental da bohemia artística passou. Presentemente, os poetas discutem as cotações da bolsa, os pintores arranjam empregos vitalicios e os escriptores conhecem bem o valor dos fundos publicos.

A paz actual da vida literaria é raramente perturbada pelos escandalos de um cabotino, que ecôam como coisas dignas da atenção do mundo inteiro, tão fóra dos costumes e dos tempos estão. Dahi o reboar de noticias por toda a parte, quando meia duzia de credores acossam Gabriel d'Annunzio, obrigando-o a dar por seis mil francos os direitos de autor sobre as ultimas representações do "Martyrio de São Sebastião", direitos que se elevaram a dezeseis mil francos.

O silencio monotono da vida intellectual hoje em dia é, certamente, o resultado da orientação pratica dos homens de letras e de arte, que não encontram mais prazer na antiga e morta vida de bohemia. Antes, porém, fosse o que sonhava o grande autor de "L'oiseau bleu" : — silencioso trabalhar de centenas de homens modestos, obscuros, calados, firmes, visando o mesmo fim, o engrandecimento e a felicidade dos homens. Antes fosse.

OS POETAS DE CONSTANTINOPLA

O Sr. Georges Martin, num interessante artigo da "Revue Contemporaine", estuda a personalidade de Lebrun Pindare, que apellida "poeta de Constantinopla" e chama poeta mediocre, citando esta quadra:

"Avez-vous vu la reine de l'aurore?
La cité merveilleuse, epouse des sultans
Dont les palais legers, fragiles, eclatants,
Dun triple amphithéâtre enchantent le Bosphore?

O collaborador da "Revue" pergunta se isto é ou não muito parecido com aquella popular copla, que começa assim: — "Connaissez vous dans Barcelone?" Com efeito, a imaginação poetica de Lebrun Pindare deixa muito a desejar. Chama nas suas estrophes á velha Stambul capital dos tres continentes e dos vinte vice-reis, "esposa dos sultões", "viuva do derradeiro Constantino", dizendo com tolas metaphoras que entre cyprestes e minaretes se elevam tres grandes flagellos: o despotismo, o incendio e o cholera, "do qual tanto medo agora tem sua magestade o czar Fernando", termina espirituosamente o Sr. Georges Martin.

A capital do Alcorão, se teve a infelicidade de ser cantada pela desafinada lyra de Lebrun Pindare, teve a gloria de inspirar grandes prosadores e poetas. D'Amicis descreveu-a com exhuberancia e calor. Gerard de Nerval celebrou os esplendores da decaida Bysancto. Namouna", de Musset, é um hymno ás velhas coisas da Turquia. Theophile Gautier, descrevendo scenas de Constantinopla, recorre sempre aos versos desse poema. Vendo os finos cyprestes dos cemiterios musulmanos, elle cita o poeta:

"Noirs soupirs de feuillage elancés vers les cieux."

Tratando dos magros cães das ruas, lembra as rimas de Musset aos mendigos do oriente:

"Ne les dérange pas, ils l'appelleraient homme;
Ne les écrase pas, ils te laisseraient faire."

São centenas os poetas de Constantinopla, que celebrisaram os esguios minaretes de marmore, o reflexo cambiante dos palacios nas aguas de prata do Corno de Oiro, uns mediocres como Lebrun Pindare, mas muitos tão grandes como Racine. O maior poeta de Constantinopla, porém, foi Gautier, que escreveu a sua poesia em prosa. Ninguem mais do que elle sentio melhor a belleza da capital turca, o rendilhado dos kiosques, a brancura dos marmores, os tons de luz das aguas, o blau do céo, a belleza das mulheres, a finura dos tecidos, a riqueza dos bazares, os mysterios dos harens, e os requintes dos banhos.

A prosa incomparavel do grande romantico, cheia de scintillações e delicadezas, bastou-lhe ás difficuldades das descripções que fez. Era poeta e não recorreu á metrica. Fez poesia em prosa. Quando necessitava a joia de uma rima, folheava no "Namouna".

Abramos "Constantinopla". Cada pagina é um deslumbramento. Aqui está a visita a um bazar:

"Dans les armorres papillotent les soies de Brousse, frissonantes comme l'eau au clair do lune sous leur sourire d'argent; les pantouffles et les blagues á tabac du Liban, avec leur legére trame d'or, leurs dessins et leurs losanges de couleurs; les fines chemises de soie crepée aux raies opaques et transparentes, les mouchoirs brodés de paillon doré; des cachemires de l'Inde et de la Perse, les pelisses vert-emir, doublées de martre et de zibeline; les vestes aux soutaches plus compliqués que les arabesques du plafond de la salle des ambassadeurs, á l'Alhambra; les dolmans roids d'or, les brocarts diamantés d'orfrois eblouissants; les machlas du Caire taillés sur le patron des dalmatiques bysantines, tout le luxe fabuleux, toute la richesse chimerique de ces pays de soleil que nous entrevoyons comme les mirages dun rêve du fond de notre froide Europe.

Ludovic nous permet de regarder, de deployer, de manier, de faire jouer sous la lumiére ses merveilles orientales; vous fouillez dans la garde-robe des "Mille et une nuits"; vous pouvez essayer, si cela vous plait, la veste du prince Caramalzaman et deplier la robe authentique de la princesse Baldrouboudour."

Luxo decorativo de palavras, filigranas de estylo como arabescos mosarabes, mudanças de luz, de tons,

de technica, tudo Theophile empregou no seu livro com mão de mestre. Embora as "Orientaes", "Namouna", as paginas de Chateaubriand, de Loti e d'Amicis, as estrophes de Racine, Gautier foi quem melhor vio os esplendores de Stambul. O melhor poeta de Constantinopla escreveu em prosa.

Aos homens de letras, no emtanto, pegou hoje o veso de falar mal do romantismo.

DA MINHA TERRA

O MINISTERIO DO ICO'

Logo após a proclamação da Republica, em cada Estado do Brasil, em cada capital se comprehendeu o novo regimen de um modo. Houve sérias duvidas e divergencias quanto á sua applicação pratica. Um inquerito sobre este assumpto no tempo em que a joven democracia succedia á *corrupta* e *ominosa* monarchia revelaria coisas muito interessantes.

No seu numero 15, de 6 de abril de 1890, o "Relampago", jornal que se publicava em Fortaleza, capital do Ceará, trazia um disparatado artigo de fundo, do qual transcrevo os seguintes topicos:

" Feliz Ceará! ingrato chefe do poder executivo do Estado livre do Ceará! Feliz Brasil! que em tempos monarchicos falava em dividir-se, collocando um neto do Imperador no Norte, ficando o respeitavel velho D. Pedro de Alcantara no Sul!...

O povo é soberano e constitue-lhe o dever de fazer suas leis e tratar e advogar do bem do Estado, porque os negocios enveredam no desperdicio, na decadencia e no mal...

O que queremos nós?

Se é uma Republica confederada, para que esse mo-

vimento de tropas? Nos Estados confederados todo cidadão é militar e tem em sua casa o seu armamento e a sua equipagem. "

Não mudei uma letra destes trechos de tão desconnexas idéas, afirmando quasi ser o Brasil uma confederação, quando a Constituinte elaborava já a Constituição Federal. A linguagem do "Relampago", para empregar seus proprios termos, envereda no desperdicio de taes idéas e, mais adiante, diz:

" O sr. ministro da Justiça da Republica Cearense, em sua palestra ultima... "

" O sr. João Lopes, ex-ministro... "

Quem por acaso pegar nesse jornal, ha de sentir necessidade de saber quem eram esses ministros e como eram. Secretarios de Estado, intitulados assim, semi-oficialmente, como os de São Paulo, ou ministros mesmo de verdade?

Eram ministros mesmo de verdade e nessa qualidade assignaram durante alguns dias o magro expediente do Estado.

Falava-se nesse tempo que cada antiga provincia do Imperio seria transformada num Estado da nova Republica. Mas os intuitos federativos foram mal comprehendidos. Houve uma confusão de idéas. No Ceará, proclamaram a Republica Cearense, crearam uma bandeira e os jornaes garantiam, ora que o paiz ia ser organisado em federação, ora que os Estados se agrupariam numa confederação. Dahi a desconnexão de idéas do "Relampago". Asseguravam que cada Estado seria quasi independente, devendo cuidar de suas relações exteriores, organisar tropas e esquadras, só-

mente ligado á communhão geral em momento de agressão estrangeira.

Organisada a Republica Cearense sob a presidencia do coronel Luiz Antonio Ferraz, logo se tratou da confecção de um ministerio que gerisse os destinos da recem-nascida democracia. A pasta da marinha foi entregue ao capitão do porto, *the right man in the right place*, o commandante Lobato. O ministro do exterior foi o então tenente Alexandre Barbosa Lima. Ao fallecido major Bezerra coube a pasta da guerra. O jornalista João Lopes Ferreira Filho teve a da Justiça. O ex-senador João Cordeiro foi ministro da fazenda.

Viveu pouco tempo a engraçada republica. Cartas e noticias do Rio de Janeiro, opinião de competentes, abriram os olhos dos republicanos e, como nos "Gatos" do Fialho, retiradas as cadeiras, o ministerio caio de... costas.

Mais interessante, porém, foi a proclamação da Republica Icoense.

Nos tempos da colonia e da monarchia, o Icó, cidade situada em pleno coração do Ceará, foi o emporio commercial do sertão. Seus habitantes, orgulhosos por tal motivo, andavam sempre de teiró com as populações circumvisinhas. Durante muitos annos, o Icó disputou a primazia em riqueza, fidalguia e importancia ao Aracaty, cidade maritima, que "importava directamente da Europa", diziam os matutos de boca aberta. Com o correr do tempo, as secas e crises, o Icó decaio, o Aracaty decaio tambem. Deslocaram-se os centros commerciaes para Sobral, ao norte, e Crato, ao sul.

O Icó não poude, apezar da sua decadencia, supor-

tar que Fortaleza, a capital invejada, lhe passasse a perna em materia de republicanismo. Em Fortaleza fôra proclamada a Republica Cearense. O Icó proclamou a Republica Icoense. Reuniram-se os vereadores na casa da Camara, escolheram o presidente e organisaram o ministerio. Assim, a velha cidade sertaneja teve ministros da fazenda, da justiça, das relações exteriores, da viação, da guerra e, o que é inacreditavel sendo o Icó cidade central, ministro da marinha.

Deste modo foi que nasceram no meu Ceará os primeiros brotos da arvore da Republica.

MANEZINHO DO BISPO

Ha em Fortaleza um pobre homem, malformado physicamente, que occupa humilde cargo no paço episcopal e goza de justificada popularidade. Chama-se Manoel Cavalcanti Rocha e é conhecido por Manezinho do Bispo. Tem a mesma mania do velho Marquez de Maricá: escreve livros de maximas e pensamentos, cujas edições se esgotam rapidamente. O desequilibrio do autor traduz-se na curvatura dos seus hombros, no facies envelhecido, na fronte deprimida e fugidia e mais ainda nas suas obras.

Vejamos alguns pensamentos dessa ingenua creatura, dos mais curiosos pelo assumpto e pela linguagem:

" Dinheiro é uma mola necessaria nas mãos do caridoso, elle serve tambem de grande perigo para os ambiciosos, é preciso muito cuidado e prudencia. "

" A moça virtuosa é aos olhos do poeta que com verdade ama, semelhante á flôr de Jerichó, ella ocupa bom logar na sociedade das pessoas de bem; não se póde negar. "

" Os bichos domesticos que mais serviços prestam á humanidade são: boi, camello, carneiro e cavallo gordo, estes são de minhas sympathias. "

" O casamento abençoado de Deus é o da donzella com o donzello joven varão; tambem o do viuvo com a viuva, em ambos os casos sendo o homem de mais idade que a mulher; a linguagem não é dogmatica, sim de conveniencia; assim correndo, as coisas andarão bem, e melhor dirá o vigario aos seus parochianos. "

" O jogo tem duas irmãs chamadas loteria e patifaria, ambas illudem muito, portanto tomemos cuidado; e quanto menos se jogar melhor."

Manezinho ressuscita, mais completos, Monsieur de la Palisse e o conselheiro Acacio. Diz elle:

" Aonde reina a união sempre está a animação. "

" Cada um coma e beba, segundo suas posses, e durma o necessario. "

" Das pedras finas o diamante é o rei; não ha quem negue esta verdade. "

" A ociosidade é para mim uma das peiores coisas do mundo. "

" O tempo corre e não cança, elle se acaba, e terminado que seja entramos na eternidade que não tem fim. "

Esse profundo pensador aproveita a popularidade de sua obra para dar conselhos uteis, precauções de ordem hygienica e domestica:

"A pessoa que nunca como carne está livre de sofrer de rheumatismo. "

A sua concepção religiosa do céo lembra a dos antigos hebreus, com as varias capas que sustentavam as aguas eternas:

" Ao meu ver, o céo tem tres capas, a primeira são as nuvens de varias côres, a segunda é onde habitam

os astros luminosos que vemos e admiramos, acima delles está Deus, eis a terceira, que é invisivel pelo lado de dentro."

Manezinho é amigo da associação das classes e profissões. O seu livro é dedicado em primeiro lugar ao bispo diocesano, de quem depende como porteiro do palacio episcopal, em segundo logar a todos os porteiros e porteiras dos estabelecimentos do mundo inteiro, especialmente áquelles que tiverem o mesmo nome de baptismo.

As liquidações commerciaes de fim de anno chamam-se em Fortaleza, como em muitos logares, "queimas". Uma vez, em fins de dezembro, Manezinho andava nos hombros da celebridade com o seu segundo livro de pensamentos. No porão do palacio, guardára varios caixões com as suas brochuras. O bispo chamou-o, mostrou-lhe que estava sendo alvo de ridicularias e que isto não convinha á seriedade das coisas ecclesiasticas, de que elle era servidor, embora humilde, e pedio-lhe que acabasse com a venda da sua obra. Disse-lhe:

— "Vá tomar juizo e queime aquillo tudo."

Desde esse dia, Manezinho, que vendia cada exemplar a mil réis, começou a "queimar" tudo, vendendo pelo que davam, a cruzado, a pataca, a tostão. Quinze dias depois, apresentou-se ao bispo e informou-o, sorrindo:

— "Vossa reverendissima me deu um optimo conselho. Queimei os livros todos. Fiz um negoção. Apurei duzentos mil réis."

A obra do pensador-porteiro é, porém, inofensiva.

Jámais causou os damnos moraes que muito livro de valor tem produzido. O proprio autor reconhece numa de suas maximas essa gloria que de justiça lhe cabe:

"A tolice innocente é preferivel á sabedoria emprestada para illudir o proximo."

A TORTURA DA ESPERANÇA

Sómente o espirito fantastico de Villiers de l'Isle Adam era capaz de crear e descrever a tortura da esperança. Antes de encetar essa narração que arripia, elle cita com propriedade a frase desesperada de Edgard Pöe no "O poço e a pendula":

— "Ah! uma voz, uma voz para gritar!"

Perfeita a sensação do desespero. Com a alma presa de vexame e terror, só se deseja gritar, bramir, urrar, como se os gritos, os bramidos e os urros nos acordassem do pesadelo.

Resumamos a novella horrivel. O rabino Aser, judeu aragonez, preso num *in-pace* da Inquisição, em Segovia, sofria havia mais de um anno tormentos diarios, sem que os juizes do Santo Officio conseguissem que abjurasse sua fé.

Na vespera de ser queimado vivo, após uma visita do inquisidor-mór, entrevio por acaso um fiapo de luz entrando por uma fenda que jámais vira na macissa porta do carcere. Meteu as unhas crescidas na estreita frincha e puxou o batente. Milagre nunca esperado! O carcereiro esquecera de dar volta á chave. A lingueta não correra. A porta rodou nos quicios. Ancioso, o rabi espreitou o corredor. Ninguem. Esgueirou-se rente

aos muros, arrastando-se aqui, alli, sempre a avistar, ao longe, uma luz mortiça, talvez a saida do corredor abobadado para a liberdade.

As mãos tacteantes não encontravam uma porta nas paredes lateraes. Sómente grades de respiradouros lhe esfriavam nos dedos. As lages humidas amorteciam o ruido de seus passos. Silencio de tumulo. Raramente, guardas e frades, familiares e carrascos, passavam vagarosos, conversando, ou apressados, arrastando ferros e sandalias. Cosia-se aos muros lodentos, abafando a respiração.

Um vento frio bateu-lhe no rosto. A claridade que o guiava entrava por gradeada poterna, dando para vasto pateo desmurado. Empurrou os varões de ferro. A grade girou silenciosamente sobre as visagras. Precipitou-se para o terreiro e respirou, resfolegando, com delicia, na noite estrellada, o perfume dos campos, que se estiravam cortados de sombras. A agua de um rio tremeluzia adiante como uma gaze prateada. Serras denteavam o horizonte. Era a liberdade! Era a salvação!

Correu... Mas uma negra figura, que se despregára das muralhas como uma sombra se destaca de outra, tomou-lhe o passo, abraçou-o de encontro ao burel aspero e disse-lhe, escarninho, que todas as facilidades da fuga haviam sido preparadas propositalmente, que os guardas e familiarees tinham notado o fugitivo, que alli o esperava com paciencia, para depois daquelle supplicio da esperança o remergulhar na masmorra!

De identica maneira, o destino se compraz em atormentar o infeliz Ceará, ha seculos amarrado ao eculeo das secas.

Durante dias, semanas inteiras, fartas chuvas refrescam o sólo estorricado e em todos os corações da terra de sol canta a esperança.

Depois, de um momento para outro, o céo fica azul, profundo e todo cheio de luz. Nunca mais chove. Começa a fome. As confianças murcham ante a perspectiva de mais um anno de seca.

Diverte-se a natureza fazendo aquella pobre terra sofrer a tortura da esperança. A's gentes famintas, aos gados enfraquecidos, ás catingas esqueleticas mostra nuvens escuras, pejadas de humidade, promissoras de regalo e abundancia. Mas, quando o gemer dos homens e rebanhos, o bracejar das arvores, chamam avidamente a agua salvadora, escurraça os nimbus pelo céo em fóra. E toda a natureza viva e toda a natureza morta do sertão recaem sombriamente no desespero!

SONHOS POLITICOS

O IMPERIO SLAVO DO SUL

Verdadeiro milagre de malabarismo politico a manutenção até os dias de hoje do imperio austro-hungaro, composto de paizes os mais differentes e antagonicos na raça, nas linguas, nas tradições, nos costumes, nas aspirações e nos ideaes. Tempos houve em que, de tal modo se agravaram as lutas internas da grande monarchia, que os seus dirigentes tiveram de lançar mão dos mais violentos recursos, mesmo da intervenção estrangeira, afim de salva-la do desmembramento.

Aproveitando odios e divergencias ethnicas ou religiosas, o governo de Vienna manteve a estabilidade dessas nações diversas conglomeradas numa só. Assim, as guarnições da Croacia e Esclavonia eram dadas por batalhões de hungaros, inimigos figadaes dos pequenos slavos que as habitam, e as guarnições da Hungria dadas pelos regimentos croatas. Para os sandjaks da Bosnia e Herzegovina iam soldados semi-italianos da Dalmacia, da Istria, da Illyria e do Trentino; para estas provincias vinham conscriptos semi-otomanos daquellas. No Tyrol e no Voralberg havia tropas polacas da Gallicia e da Bukovina; nestas, companhias de tyrolezes. A Carinthia e a Carniola estavam guardadas por esquadrões de bohemios e a Bohemia por esquadrões de carinthios, regimentos de styros, corpos de carniolios e

salzburguezes, todos allemães de raça. Vienna era policiada por homens de Trieste e da Transylvania.

Em 1848, estourou na Hungria a revolução de Kossuth. O movimento alastrou. Os camponezes alistados sob as bandeiras revolucionarias combatiam com ardor como numa guerra santa. O seu heroismo lembrava o de seus avós commandados por André II, Sobieski e Mathias Corvino.

A estrella de Metternich tinha-se apagado. A Santa Alliança morrera com o grande ministro. Francisco José era muito moço e sem experiencia. A Europa temeu pela sorte do imperio dos Habsburgos. Quando as suas tropas, derrotadas em muitas batalhas por Szentés e por Kossuth, recuavam para Vienna, nessa capital a rebeldia levanta a cabeça; e logo outros movimentos de revolta começam em Trieste, em Pisino, em Gorizia, em todas as terras irredentas.

O unico recurso era pedir o soccorro da Russia. Cincoenta mil moscovitas invadem a Gallicia. Iellachich de Buzim, ban da Croacia, levanta tropas e entra pela Transylvania, batendo os magyares em Peterwardein. O exercito de Francisco José, os seresanos do ban e os cossacos do czar, esmagam, depois, os rebeldes, na sangrenta batalha de Moor.

Assim, o imperio reentrou na paz.

Agora, o herdeiro do velho throno austriaco e da antiga corôa de Santo Estevam sonha um sonho glorioso, um dos maiores ideaes que poderia ter um chefe de Estado europeu: quer fundar o imperio slavo do sul.

Depois da independencia grega, da unificação italiana, da construcção do moderno imperio tudesco, é o

maior sonho politico que tem aparecido. O imperio slavo do sul contraporia nos Balkans sua influencia á influencia do imperio slavo do norte, o colosso russo. Seria composto de todos os paizes que constituem a actual monarchia dual e de mais os que constituem a peninsula balkanica, exceptuando-se a Grecia e a Turquia. Todos seriam autonomos, com seus soberanos, sua organisação particular e sua lingua, ligados por laços quasi tão intimos quanto os da Allemanha federal, sob a presidencia do imperador da Austria e rei da Hungria. Suas fronteiras iriam até o mar Negro e talvez até o Bosphoro. Sobre a cabeça do ousado archiduque refulgiria uma grande coróa, cujo brilho não seria empanado pelas rebeldias nem pelas competições e odios, pois que a vida dos paizes unidos decorreria na abundancia, na paz, na justiça e no progresso.

Mas a Europa, com certeza, e a Russia, muito especialmente, não olharão de braços cruzados a formação desse grande imperio. Para conseguir esse ideal, terá o archiduque Fernando a prudencia, a astucia e a força necessarias? E' preciso arrancar os pedaços da Polonia que a Russia e a Prussia esmagam; tirar á Italia velhas e enraizadas esperanças sobre o Trentino e a Illyria; arrancar a Bulgaria á influencia moscovita; domar a Servia; illudir a Romenia e enganar o medo dos montenegrinos. Para tanto, o archiduque terá as qualidades de um novo Bismarck? E' prudente duvidar. (*)

Provavelmente, esse sonho ficará em sonho e será

(*) Escrevi esta chronica em Janeiro de 1913, no *Jornal do Commercio*. O assassinio de Serajevo, causa confessada da grande guerra actual, parece que me deu razão.

melhor que assim seja, porque o mundo deve ter sempre presente á memoria a arrogante divisa da monarchia dos Habsburgos: "Austria est imperare orbe universum".

O MONOPOLIO DOS ESTREITOS

A face mais interessante talvez da politica ingleza de dominio maritimo é a maneira tenaz, sorrateira e incansavel com que a Grã-Bretanha conseguio ter nas mãos todos os estreitos importantes, chegando a ser hoje em dia a proprietaria de todas as passagens de mar. Durante seculos, os estadistas inglezes, com uma paciencia e uma segura visão que lhes fazem honra, se apoderaram de todos os canaes e de todas as estações navaes que os vigiam.

Ao lado da sua immensa esquadra, a Inglaterra possue o monopolio incontestado dos estreitos.

Em 1704, ao findar a guerra da succesão de Hespanha, quando os exercitos de Berwick, que era bastardo dos Stuarts e marechal de França, recolhiam pelos Pyrineus e as tropas do magnifico Villeroi se repatriavam pela Bresse, Albion, previdente e astuta, deixava em Gibraltar, ao redor do gonfalão rubro, vergastado pelo vento da Africa, um troço de soldados. Com o correr do tempo, Gibraltar ficou definitivamente britannico. Recavaram, esburacaram o granito do monte de Tarik, levantaram espaldões, aparafusaram casamatas e torres blindadas aos rochedos. E, prescutando as aguas, os canhões esticaram os longos pescoços negros.

A entrada do Mediterraneo estava guardada e este mar não tinha outra porta. Mas um dia Lesseps rasgou o isthmo de Suez, oferecendo curto e facil caminho ás armadas que buscassem as Indias. A politica de Londres previo o valor daquella passagem. Quando a Europa se ocupava com as guerras napoleonicas, tomaram conta de Malta, pondo entre as columnas de Hercules e o isthmo futuroso uma poderosa estação naval, que tanto o vigiasse como atalaiasse o canal de Otranto. Depois, adquirio Chypre, outra atalaia mais proxima. Para se consolar da perda de Calais, que com Dover lhe dera a dominação da Mancha e da cessão das ilhas Jonicas, que lhe permitiam o gozo de governar a navegação da costa grega do Adriatico, tão sagazmente manobrou que o Egypto lhe veio cahir totalmente nas garras. Então, de par com a posse completa do melhor caminho para o Hindostão, ficou com o dominio quasi completo do Mediterraneo.

A Inglaterra não procura impedir a rota das terras indianas, de onde lhe vem a maior riqueza. Conhece bem a resistencia das coiraças modernas e sabe que, mesmo apezar das minas submarinas, ha certas passagens que se não podem guardar. O que não quer é que lhe impeçam esse caminho, é que nos estreitos abandonados se abasteçam e demorem submarinos ou se embosquem esquadras á maneira de Togo em Tsu-shima. Não quer que lhe faltem guaritas de vigia e poisos onde concertar navios e abastece-los.

Não contente com a posse das portas do Mediterraneo, tomou as entradas do mar Vermelho. Guardava já Suez. Fortificou e municiou Aden, fechando, assim, o

Bab-el-mandeb. Do lado de fóra guarneceu a ilha de Socotora. Era a sentinella.

No cabo Tormentoso, fiscalisava as aguas do Atlantico fundindo-se nas do Indico; na colonia do Natal vigiava o canal de Moçambique; entre as ilhas da Oceania, os *attols*, os recifes coralinos e madreporicos, eram seus os estreitos de Cook, de Van Diemen, de Torres e cem outros mais; possuia os intervallos entre as ilhas polares do norte; afirmava a territorialidade das aguas entre si e a Irlanda; as vedetas das Falkland, dum momento para outro, podiam defender o estreito de Magalhães; Santa Helena e Tristão da Cunha, unicos oasis na vastidão deserta do Atlantico, tinham estações de vigilancia e cruzeiro; a Jamaica e as Lucayas serviam de bases de operações para a defesa dos braços de mar das Antilhas; os seus ministros manobravam habilmente para, em qualquer partilha do "Homem Doente", impedirem as outras potencias de tomar os Dardanellos e o Bosphoro; e fôra gravissimo erro entregar á Allemanha Helgoland, base para o tapamento dos canaes de Texel e do Zuydersee, ao sul, do Cattegat e do Sund, ao norte.

Entretanto, ainda se podia buscar a India pelo sul, trazendo caladamente as esquadras pelo Pacifico, pelos mares indo-chinezes. Adiante do Hindostão se alevantava grande imperio colonial francez e o Japão um dia poderia vir a ser ameaça aos interesses britannicos no oriente. Em Singapura, chave do estreito de Malaca, logo tremularam as côres da "Union Jack".

Durante seculos de manobra politica expansionista, a Inglaterra conseguio formar o monopolio dos estreitos. A's suas mãos escaparam o Panamá e, depois, os

Dardanellos. Apezar dessas duas falhas, da entrega de Calais e da cessão de Helgoland, póde-se dizer que jámais uma nação maritima logrou tamanho poder nos oceanos nem conseguio ter em sua mão todas as viellas, betesgas e becos do mar.

Foi á habilidade previdente de seus estadistas e á bravura dos seus marinheiros que a Inglaterra deve ter sempre anniquilado suas rivaes em commercio e navegação: a Hespanha, Portugal, a França e, com trabalho maior, a Hollanda. Se um almirante batavo hasteou no mastro grande da capitanea uma vassoura, em signal de ter varrido os inglezes dos mares, um almirante inglez içou no da sua náo o chicote de bordo, o gato de nove rabos, *the cat of nine tails*, para mostrar que surrára as armadas flamengas onde as encontrára!

OCULTISMO

O PROFESSOR MIRABELLI

A imprensa de São Paulo não perde o menor movimento nem o menor acto do já famoso professor Mirabelli, que alli desempenha o papel de adivinho, nigromante, prestidigitador, magico ou coisa que o valha. O conde de São Germano influenciou a vida duma côrte. O conde de Cagliostro dominou uma época. A epopéa militar de Napoleão conheceu a pythonisa de Josephina. Em pleno terror revolucionario, Marat tinha uma amiga feiticeira. A luxuosa capital paulista, que desperta para todas as delicias da civilisação e do progresso, não podia deixar de ter o seu hierophante.

Talvez seja o professor Mirabelli um desilludido da vida, recorrendo ao occultismo afim de obter uma victoria que outros meios lhe negaram. Uma feita, a policia de Paris descobrio em lobrega viella de Batignolles um misero charlatão, que vendia beberagens e curava enfermidades. Prendeu-o. No commissariado, o curandeiro explicou-se, apresentando sua carta de medico devidamente legalisada. Formára-se e nunca pudera obter clinica. Batido pela concurrencia e a morrer de fome, resolvera explorar o gosto do povo pelo mysterio. Estava, assim, honestamente ganhando a vida.

Quem sabe se esse homem, que dizem praticar coisas assombrosas, não está nas mesmas condições? Em qualquer caso, porém, nada de novo e original pratica. E' um élo a mais na série indefinida de ocultistas e charlatães que em todos os tempos surgem por este mundo afóra .Seus emulos e semelhantes lá estavam entre os adivinhos e pythias gregos, os augurios romanos, os bruxos e fazedores de magicas e ensalmos da idade média, os fakires, os piagas, os feiticeiros e os proprios astrologos.

Roma dividia os videntes em quatro classes: augurios, auspicios, aruspicios e extispicios, cada qual com sua especialidade. Ainda ninguem classificou o professor Mirabelli, mas os jornaes apregoam os prodigios que realisa.

E' vasta a seara das sciencias ocultas, dominada pela Kabala e pela Alchimia, para nella se procurarem ramos e especialidades, cada qual o mais interessante e atrahente. As notas, ementas e commentarios ás "Confissões" de Santo Agostinho nos dão um tratado completo das varias fórmas do ocultismo. Alli estão citadas e definidas a necromancia, convertida pela corruptéla em nigromancia, que ensina a ver tudo no sangue, nos ossos, nas cinzas, na podridão e nas sombras dos mortos; a hydromancia, que mostra prodigios no espelho das aguas quietas e claras; a alphitomancia, que demonstra o poder magico da farinha de cevada, e a critomancia, que tudo faz depender das esmolas dadas ou recebidas.

Os livros da arte spagyrica falam-nos da cartomancia, que ensina a saber de tudo pelos baralhos; da ca-

pnomancia, que lê o futuro nas espiraes de fumo; da staplupomancia, que faz tudo decorrer da fórma e disposição dos cachos de uva; da nephelomancia, que comprehende o que dizem as fórmas voluveis das nuvens, e da aleuromancia, que olha a vida dos homens nos grãos diminutos da farinha de trigo.

Os classicos de nossa lingua chamavam magacias e ensalmos a pyroscopia ou conhecimento pelo fogo, a terastocopia, interpretação dos prodigios e a oniropolia, explicação dos sonhos, tudo conforme já estava coordenado no quarto seculo da éra christã, quando ainda na velha arte da chiromancia se encontravam as regras de deitar sortes com ossos e pedaços de frechas.

O maior magico que já existio, Merlin, o homem dos mil encantamentos e autor das "Palavras de Futuro", acendia e apagava velas, cirios, brandões de cêra e lampadas de azeite de maneira desconhecida, assombrando as almas medievas. A sua sciencia evoluio tanto quanto a illuminação. O Sr. Mirabelli, segundo dizem, acende e apaga, sem que se saiba como, uma lampada electrica desligada do fio conductor, espantando os espiritos modernos.

E' notavel e interessante que, num seculo de exactidões scientificas e realisações praticas, ainda surja o espirito de crendice, abusão e mysterio, que alumiou os que acreditavam no poder do signo de Salomão, do tetagramma hebraico, dos signaes do Macrocosmo e do Microcosmo e em muitas outras coisas que relata o "Breviario Gothico".

Gœthe apaixonou-se pelas sciencias occultas. Não conseguio ser um Cagliostro nem fazer predicções como

as "Centurias" de Nostradamus; porém tal inclinação fez com que escrevesse uma das maiores obras literarias do mundo. Que esse novo medium ou magnetisador, se não der, para a sciencia, nova força, como Mesmer com a sua grande descoberta, ao menos se transforme em literato e nos deixe ahi um romance, uma tragedia ou um poema celebre.

Feliz homem o professor Mirabelli por viver num tempo de grandes liberdades publicas e privadas, pois que, se andasse com sortilegios, produzindo efeitos contrarios ás leis naturaes nas épocas de antanho, só com as torturas do borzeguim, da polé e da agua, para faze-lo confessar se usava magia branca ou magia negra, os tribunaes eclesiasticos e civis lhe dariam cabo do canastro!

A NIGROMANCIA

O spagyrismo morreu. Ninguem mais lê nem medita as paginas da "Mão Poderosa", da "Mesa Coberta", do "Pastor Fiel", dos "Fragmentos do Templo", da "Luz nas Trevas", do "Imouth" e das "Aguas Lentas". Desappareceram os que recolhiam na transfusão dos metaes, nos aludeis, ao calor do athanór, o Espirito do Mundo e a Flôr do Céo, para conseguir a Pedra Philosophal ou a Fonte de Juventa. Nenhum homem conhece mais a Aguia Voadora, o Passaro de Hermes, o Frango de Hermogenes, a Cabeça do Corvo, o Leão Verde e a Phenix Fabulosa. Não se acredita mais na virtude do baaraz e das mandragoras, na influencia das constellações. Arcturus, a Vega da Lyra, a Espiga da Virgem, a corôa de Ariadna e Altair, Sirius, Regulus, Aldebarán, rebrilham no céo infinito, mas não influem mais sobre a vida dos homens e o destino das nações. Não se vêm mais os Sylphos e Elfos ligeiros, as Salamandras voluptuosas, os Gnomos saltitantes, os feios Sciapodos nem aquelles animaes nascidos de connubios horrendos de que nos fala Leonardo da Vinci no seu "Bestiario". Nenhum mortal nasce mais do commercio dos espiritos com as mulheres, assim como Merlin, que nasceu duma freira e dum genio do ar e da luz.

Perdeu-se a memoria de Hermes Trimegisto e da Tavola de Esmeralda. Não mais se editam as obras de Zozimo de Panopolis, de Sophar o Persa, de João de Santa Evagia, de Pico de Mirandola e ninguem lê o que annotaram Synesios, Olympiodoro, Itephanus, Phocios, Atrabis, Philon, Avicenna, Averrhóes, Lulle, Renchelin, Morus e o inglez Tlydd.

Morreu a velha sciencia que, buscando a formula de transmudar os metaes em oiro, foi causa dos maiores descobrimentos chimicos, velha sciencia, que a lenda diz ter sido fundada por Enoch, filho de Caim.

Abandonaram-se todas as cogitações sobre os vinte e dois arcanos do *tarot* dos bohemios: o Bateleiro ou unidade, principio e objecto; a Papiza ou faculdade e sujeito; a Imperatriz ou verbo; o Imperador ou poder; o Papa, vontade; o Amante, reciprocidade; a Carroça, riqueza; a Justiça, equilibrio; o Eremita, isolamento. O arcano da Roda da Fortuna quer dizer casualidade; o da Força, energia; o do Enforcado, sacrificio; o da Morte desintegração e o da Intemperança, mudanças. O Diabo significa correntes fataes do instincto e a Torre Fulminada, queda e desespero. A Estrella é signal de idealismo; a Lua, de emboscada, e o Sol, de explendor. O Julgamento é ressureição, o Louco, desordem, e o Mundo, syncretismo universal.

Hoje ninguem mais se importa com essas fórmas elevadas do ocultismo. A par de immenso progresso scientifico, ha nas classes inferiores e mesmo em algumas camadas superiores um verdadeiro retrocesso em materia de abusões e credices. Parece que o povo tem, mais que nos tempos idos, o culto do mysterio e a crença no

charlatanismo. Não se procuram mais as forças ignotas com o fim elevado de fabricar o oiro e achar a mocidade eterna. O calculo interesseiro é mais baixo. Procura-se saber das alternativas de fortuna que possa o futuro prometer. Desejam-se meios seguros de ganhar continuamente nas loterias e no jogo do bicho.

Pereceu com o progresso scientifico a velha arte do spagyrismo. Pereceram, depois, com a ignorancia dos charlatães e a superstição das massas, todas as fórmas da magia, da kabala e da adivinhação. A nephelomancia, a critomancia e a aleuromancia foram substituidas pela cartomancia na sua mais mesquinha significação e realisação. A feitiçaria ignobil, misturada com crendices lusitanas, africanas e indias, contrapôz-se aos antigos moldes da sciencia divinatoria.

Outr'ora os generaes gregos consultavam as pythonisas e os Cesares romanos olhavam as entranhas das aves abertas pelo cutello dos augurios. Na idade-média, Carlos Magno ouvia os discursos popheticos de Merlin e Mac-Beth ia consultar a ronda pavorosa das bruxas. Era a fidalguia do Rei-Sol e do Rei Bem Amado que constituia a clientela dos Cagliostros. Hoje, é a arraia miuda quem mais frequenta os hierophantes, os avanhadavas, os maxs e as zizinhas.

E a feitiçaria, para ter um brilho mais tentador, se arreia com o nome de nigromancia, a antiga e desprezada arte de consultar os cadaveres e as sombras do outro mundo, que desde muitos seculos ninguem pratica mais.

A GUERRA BALKANICA

AS TRES CIDADES SANTAS

Na folga trazida ao pelejar da peninsula balkanica com a conferencia diplomatica de Bucarest, a Turquia enfraquecida e derrotada espreita anciosamente os movimentos interventores da Russia. Teme perder Andrinopla reconquistada, onde primeiro pousou o milhafre de Mahomet II, e desvanecer-se a esperança duma vindicta.

Quando os seus exercitos recolhiam apressados e batidos a Gallipoli e as ruas de Pera e Galata se ensanguentavam com os assassinios politicos, não desesperára ainda do futuro. Vencida, pobre e recuando as fronteiras, não desanimára de todo. Resistira sempre. A força de sua religião manteve quasi intacta a dignidade e o brio dos guerreiros. Logo que a Grecia, a Servia e o Montenegro avançaram contra a Bulgaria, fez um esforço, chamou ás armas as ultimas reservas — soldados ferozes da Armenia, irregulares barbaros do Kurdistan, bandidos fanaticos do Libano, os netos dos bachi-buzuks, os descendentes dos defensores de Erzerum e os zuavos da Mesopotamia, e voltou aos campos de batalha.

E' que o coração, a destra e a cabeça do mundo mahometano não foram atingidos. As suas tres cidades

santas continuavam em poder das gentes sarracenas, coroadas pelos crescentes de oiro e prata das mesquitas.

A guerra parára nas linhas de Tchataldja, embora a quéda de Andrinopla e Kirkilisse. Mas Constantinopla era ainda bem turca, Meca recebia ainda as santas peregrinações e o Cairo conservava as forças vivas da sabedoria mahometana.

Diz o Dr. Samuel Levermer num artigo da "Missionary Rewiew of the World", que não passa um só dia em que o musulmano deixe de pensar nessas tres cidades. O exemplar do seu alcorão foi impresso no Cairo. Todas as sextas-feiras reza pela saude do Commendador dos Crentes de Constantinopla e, antes de se prosternar, orienta o tapete na direcção de Meca.

Meca é para o mahometano o que Jerusalem e Roma, para o christão, Constantinopla, para o grego, Moscou, para o russo, e Cusco foi para o peruano ao tempo dos Incas. Alli esteve Mahomet antes da Hegira e Allah construio o tabernaculo dos fieis. Desde tempos immemoriaes, os peregrinos buscam em longas romagens a kasbah da cidade sagrada, afim de se prosternarem nas lages sobre que o grande propheta rezou de bruços.

Quando o mundo do Islam se estendia da Nubia á Gallia Narboneza e das steppas do Kaptchak aos montes de Gwalior, a crença na santidade de Meca era a mesma de hoje, embora diminua dia a dia a importancia da sua religião e da sua politica. Para ella, porém, convergem os pensamentos dos fieis e não ha um unico que da sua imaginação a deixe afastar-se. Estão presentes na kasbah santa, pelo espirito, aquelles que lá não podem ir acompanhando as caravanas de romeiros, em cuja frente

caminha vagaroso e solemne, ataviado de cordovão vermelho com fivellas e borlas de oiro, o camello sagrado.

Noventa por cento dos habitantes do Cairo são musulmanos e a capital do Egypto possue duzentas e seis mesquitas. Lá se editam todos os livros arabes, turcos, armenios, persas e cophtas. Ainda lhe doira o prestigio a lendaria generosidade de Saladino, a bravura dos mamelucos e a memoria sempre viva de Mehemet Ali.

Constantinopla é a capital do ultimo imperio derivado de Roma augusta e vencedora, caido ás mãos dos conquistadores, a sède do imperio otomano, a residencia oficial do supremo pontifice, o sultão, o Iman el Muslemin. Foi o derradeiro baluarte christão do oriente, o alvo das cubiças européas e asiaticas, o sonho dos czares da Russia e dos basileus da Achaia.

A sua posse é a ultima resistencia turca na Europa, a bravata do vencido de hoje, que tantas vezes, em outros tempos, foi vencedor.

Emquanto possuir essas tres cidades, o islamismo se esforçará por vencer. A força religiosa não o deixará amesquinhar-se moralmente. No dia, porém, em que ellas cairem, entregar-se-á de braços cruzados, quasi sorrindo, com o fatalismo de Boabdil, de Almansor, de Osman, de Omniah e de Abdul-Aziz: "Estava escripto!"

A RECONQUISTA DE BYSANCIO

Oito seculos o destemor dos successores de Pelayo levou para escrever com sangue e lagrimas a historia da expulsão dos arabes da Iberia.

O mesmo exemplos repete-se hoje na peninsula balkanica, onde ha cinco seculos se lida pela reconquista do antigo imperio bysantino. Nunca, durante esses quinhentos annos, por maior que fosse a opressão, por mais completo que fosse o desanimo aparente, os corações daquelles povos deixaram de pulsar pelo ideal commum — a expulsão dos otomanos.

A Hespanha posterior á queda do califado arabe não foi mais o reino visigothico de antes; foi uma Hespanha, ora fragmentada, ora unida, elevada hoje por Carlos V, rebaixada amanhã por um Felippe ou por um Fernando.

Após a retirada dos turcos, não se erguerá na peninsula balkanica o grande imperio de Constantino. Alli agora existem profundas divisões de raças, de povos e de linguas. Não ha mais o sentimento commum de outros tempos nem qualquer dos seus paizes tem força sufficiente para dominar os outros.

Nas grandes lutas para rehaver territorios perdidos por invasão de povos completamente extranhos, não

anima aos combatentes o desejo de refazer a nação antiga. As necessidades sociaes os impellem tão sómente a expellir o invasor. A diversidade de seus interesses e de suas aspirações politicas faz com que os esforços tendam sómente para esse fim.

Os povos vencidos pelas armas, depois de longo tempo, vencem o vencedor por infiltração. Curvam-se pisados pela força, mas sorrateira e tenazmente vão solapando os detentores do poder e da força até que um dia, quando cohesos e fortes, se erguem e destroem os inimigos. A civilisação latina adaptou á sua maneira os barbaros que pretenderam destrui-la. A Iberia saio latina dos oitocentos annos de opressão arabe em que viveu. A consciencia nacional dos povos resiste ao perpassar dos centenarios, guardada nas tradições sagradas da lingua, das usanças e da raça.

Mas, em pós a reinvindicação, voltar o paiz ás condições anteriores é impossivel. Concorrem outras circumstancias sociaes, physicas, politicas e ethnicas; modalidades diversas do progresso, desejos e opiniões das nações visinhas ou interessadas na questão. Tudo isto provoca os mais diferentes resultados, muita vez nem mesmo previstos nos calculos diplomaticos dos gabinetes chicanistas, ditados pelas necessidades do momento e pela intervenção de factos que se não esperavam. O que fica de pé, a tudo resiste, a nada se verga é a aspiração inamolgavel de expulsar o estrangeiro.

Os povos vencidos carecem de se curvar aos caprichos do conquistador, para não serem destruidos e se reorganisarem na sombra. Na "Reliquia", um judeu aconselha com prudencia a outro, que tirara a espada com

palavras de fogo, dizendo-lhe que Roma era um grande vento passando sobre a face da terra. O homem cauteloso deitava-se, afim de se levantar são e forte, quando o furacão estivesse longe. O impulsivo avançava contra o vendaval e era derribado.

Entretanto, toda a vez que um povo assim procede a humanidade sofrega e injusta lança-lhe a pecha de covarde.

Na historia, ficará registado, para sempre, tudo quanto sofreu, resignada, sob a opressão turca, a gente grega. Nenhum povo moderno teve mais amarga vida e nenhum tem sido mais injuriado. Durante lustros e lustros o insultaram. Raramente, um homem de autoridade scientifica ou literaria protestava contra os vilipendios. Ao desaparecer, vinha novo diluvio de acusações. Tudo, porque o grego, sentindo a improficuidade dos seus esforços, guardou sua energia para o momento preciso e, fingindo-se anniquilado pelo turco, preparava sua redempção.

Foi preciso que Canaris "arvorasse o incendio" nas frotas do sultão; que Colocotroni levantasse exercitos de evzones heroicos; que Capo d'Istria fizesse a republica; que o genio militar de Demetrio Poliorcetes acordasse na alma de Ypsilanti e o cerco de Missolonghi atestasse ao mundo de quanto heroismo era ainda capaz aquelle povo para que alguns juizos, e nem todos, se modificassem. Foi necessario o inferno de 1820, no Archipelago, para a Europa e o Mundo pasmarem de contemplar bravuras e á posteridade o povo argivo não passasse como ignorante, indigno, bajulador, mentiroso, capaz de todas as infamias e de todas as baixezas.

Extranha resignação toda feita de esperanças que pareceu sempre uma grande covardia toda feita de submissões!

As loucuras do patriotismo insensato levam as nações ao descalabro. Ninguem póde lutar sem armas contra os que dellas têm abundancia. Dahi a reflexão amadurecida do grego, preferindo sujeitar-se ás exações de hoje para os filhos se verem livres das vexações de amanhã.

Essa questão foi bem exposta no poema hellenico de Rangabe, "A Vigilia", no qual, apezar de tudo, revive a epopéa da sublime loucura de 1820. Basta, para se ver isso, ler duas frases dum dialogo:

"Floros — Felizes os que sofrem pela patria!

Kalipatis — Insensatos os que sacrificam a patria aos seus devaneios!"

Ou estas outras duas:

"Kalipatis — Toda loucura audaciosa acarreta desastres.

Floros — A audacia é a mãe dos heróes!"

A maior virtude do immortal Ulysses era a prudencia. E o grego moderno é, queiram ou não queiram, descendente directo do grego antigo, herdeiro de seus defeitos e de suas qualidades. Affirma-o João Moréas, nas suas obras; Gomez Carrillo na "Grecia Eterna"; Theodoro Gomperz no "Pensadores da Grecia"; Summer Maine, quando elevava o povo grego á altura tal que o fazia creador de todo o progresso, só exceptuando á sua influencia as forças cegas da natureza; Elyseu Reclus, na "Geeographia Universal"; Gastão Deschamps, mos-

trando a pujança sempre viva da sua intellectualidade, mergulhando o olhar no passado e vendo que o hellenismo jámais se extinguira, contemplando o presente e notando a sua vida, prescrutando o futuro para dizer que jámais se apagará.

Os gregos nunca se deixaram varrer da face da terra. Vieram unidos e fortes até os tempos actuaes. Quando sua independencia foi proclamada, após Navarino e depois dos maiores actos de heroicidade, o sultão exigio que Otto de Witelsbach, o primeiro rei, fosse proclamado e coroado rei dos hellenos. Era uma restricção subtil que o padischah fazia. Rei dos gregos elle o seria dos que viviam nas costas da Anatolia, dos que habitavam Salonica, Constantinopla, Alexandria e as ilhas escravisadas. Desde a Illiada, os gregos dispersos pelas costas e insulas do Archipelago, mas unidos pela raça e pela lingua, formavam uma grande colligação, cuja metade, apezar da independencia, continuava sob o poderio otomano. O sultão restringia o adjectivo gentilico para determinar sómente a população continental, a gente da Hellade propriamente dita.

Durante muito tempo, poucos viram na humilhação grega um artificio. Qualificaram-n'a de infamia e degenerescencia ethnica e moral. Ninguem se lembrou que, assim resignado, elle vivera nos tempos classicos, sob o dominio egypcio e dos satrapas persas.

Lutar inutilmente, elle não faz. Espera as oportunidades. Se não aparecem, acredita que aparecerão para os filhos. Assim, Agammemon pensava: e os argivos não deram o commando de suas tropas a Ulysses, o impostor sublime, nem a Achilles, o impetuoso; mas

sim a elle, que sabia combater, quando forte, e contemporisar com os maus destinos.

Unindo todos os gregos com seus liames fortissimos, uma grande virtude, que é de hoje e foi de hontem, caracterisa bem o grego moderno, mantendo intacta a heroica alma dos avós. E' a que Paulo Nirvanos deixou patente num livro:

"Zeus Pan-Hellenico abençôa os que a elle se chegam. Sob sua egide forte não ha athenienses, nem spartanos, nem doricos, ionicos, corinthios ou thessalienses. Todos são cidadãos duma unica patria moral: todos são gregos! "

E foi contra essa fatalidade historica, feita de circumstancias mesologicas e inclinações ethnographicas, que o commendador dos crentes de Stambul quiz revoltar-se, marcando uma odiosa restricção ao titulo dos basileus.

Edmundo Abbout escreveu a "Grecia Contemporanea", para negar *in totum* as mais rasteiras qualidades moraes á gente grega, a essa "raça superficial", como dizia Renan.

Gomez Carrillo respondeu-lhe na "Grecia Eterna", mostrando a vida vigorosa dos hellenos através os tempos e as vicissitudes, ligados pelos mesmos sonhos e ideaes, pelas mesmas afinidades de raça, pela mesma lingua, guardada religiosamente, como o testemunha o poeta Solonos:

"Encerra a Hellade no teu coração. Tu o sentirás bater com altivez e orgulho! "

Respondeu-lhes Emilio Boutmy no "Parthenon e o genio grego", na "Philosophia da Architectura ".

Gomez Carrillo desta sorte se expressa:

"A vivacidade de espirito, a subtileza intellectual, a paixão pelos exercicios mentaes, o amor da arte, o sentimento da Harmonia, o rythmo elegante dos movimentos e das palavras, o amor da vida livre, tudo o que constituio a aspiração do povo de Alcibiades encontramos hoje em dia na Grecia ressuscitada como São Paulo encontrou ha perto de dois mil annos na Grecia romanica e como os cavalleiros das Cruzadas encontraram, doze seculos mais tarde, entre os gregos apoucados de Bysancio."

Agora, o exercito helleno invade a Turquia. Já se apoderou do Epiro, entrou em Salonica e conquistou a Thessalia. E' grande a contribuição argiva para a realisação do ideal peninsular — a expulsão da turcalhada.

Quando se aventurou á luta, logo após a investida dos montenegrinos, era de esperar que a Turquia não levaria a melhor e que a colligação balkanica não seria vencida por esses soldados semi-asiaticos e semi-europeus que o marechal Von der Goltz diz serem os primeiros da Europa. A colligação conta com a victoria certa. Assim não fosse e o grego, prudente como Odysseus, não se arriscaria á guerra, porque á alma nacional viriam as recordações dos antigos pruridos de rebeldia no tempo dos pachás, e os salutares conselhos de Rangabe:

"De pé, no mais alto pincaro das montanhas, bradarei ao povo insensato:

— Espera! Sim, espera! Esconde tuas espingardas. Embainha tuas espadas. Sonhas a victoria e sómente conseguirás a derrota. Calma, calma, ó meu povo! Se

o opressor descobre em ti um signal de energia, comprehenderá que não estás esgotado e envilecido como pensa, e continuará sua obra de crueldade, para fazer-te cair por fim inerte e desfallecido. O' creanças sem discernimento que pretendeis cortar montanhas com as mãos frageis, como sois insensatos! Se quereis saber o numero dos soldados contra os quaes é preciso lutar, contai os grãos de areia das praias do Archipelago. Quando nossos antepassados, que eram poderosos, tiveram que se curvar ao jugo, como poderemos nós, que não temos forças, tentar a liberdade? Por um grego de espada em punho, cem turcos surgirão armados até os dentes."

Neste trecho do poema nacional está a explicação da resignação patriotica, que se pensou ser acovardamento.

De Constantinopla já se ouvem os canhoneios. Os bulgaros se aproximam da capital dos osmanlis. Depois delles, vêm Servios, Gregos e Montenegrinos. Serão talvez os bulgaros os primeiros a penetrar na velha cidade dos Paleologos. Será grave questão a partilha dos despojos e a posse cubiçada da metropole.

Se existisse o direito historico duma raça rehaver o seu territorio, embora seculos e seculos tivessem passado, á Grecia competia possuir a capital do grande imperio, cuja destruição os cruzados iniciaram. Os cavalleiros da cruz detestavam os bysantinos, porque elles representavam naquelle extremo da Europa um papel dubio entre a christandade e a moirisma. Viam o facto, mas não podiam examinar-lhe as causas. O imperio dos Comménes estava enfraquecido. A Europa catholica,

desagregada e feudal, não podia defende-lo com presteza dum ataque dos turcos, que se aproximavam sempre victoriosos. O imperio sómente conseguiria manter-se, agradando, ora aos musulmanos, ora aos cruzados, conforme a oscillação das victorias. Não se condemnam as acções ditadas pela lei imperiosa da conservação.

"Nós nos reuniremos em Bysancio", foi sempre a frase dos gregos. Certo, o seu ideal não se realisará já e talvez não se realize nunca.

O helleno cauteloso e prudente esperará. (*)

(*) Esta chronica, estampada no *Jornal do Commercio* de 25 de Outubro de 1912, foi traduzida em grego e publicada, precedida de lisonjeiras palavras ao seu autor, na primeira pagina do jornal *Estia* (*O lar*), que se publica em Athenas, no seu numero de 26 de Janeiro de 1913.

OS BALKANS NA INTIMIDADE

Sobre a actual questão balkanica, estão quasi esgotados os themas, sendo muito dificil encontrar qualquer assumpto original para delle falar. Os motivos guerreiros, as questões dynasticas, as datas historicas, as manobras politicas, tudo já foi repisado. Dahi recorrermos com o auxilio de alguns viajantes illustres á vida mais ou menos intima dos paizes que se estendem entre o Danubio, o Adriatico e o mar Negro.

Falemos primeiro da Servia e das suas planicies brancas de neve nos invernos crueis, brancas de flôres nas primaveras alegres. Belgrado, sua capital, fica situada na confluencia do Sava e do Danubio, tão perto da fronteira que ahi é o meio do thalweg do Sava, que os canhões austriacos de Semlim podem bombardea-la facilmente, assestados como estão na outra margem do rio.

E' dificilimo representar em Belgrado uma peça theatral estrangeira. A municipalidade defende extremadamente o theatro nacional. Os dramas e comedias de autores servios têm montagem, orchestra, luz, palco, tudo gratuito. Os estrangeiros pagam impostos e licenças exhorbitantes.

A policia zela, tambem extremadamente, pela moralidade dos costumes privados. O individuo encontra uma bonita mulher, no passeio elegante de Kalimedan. Namora-a. Falla-lhe. Vão morar juntos. No fim de oito dias, entram-lhe pela casa a dentro dois gendarmes e um pope. Os dois representantes do Estado e o da religião de Estado obrigam os dois amantes a se casarem sem a menor ceremonia. Se um dos dois ou ambos são casados, a cadeia pune a sua culpa. A lei servia é inexoravel: não admite o concubinato durante mais de oito dias. Por isso, os que gostam de assim viver são forçados a se separarem no setimo dia da ligação, recomeçando-a um dia depois.

Na vida intima da Servia, o typo mais digno de nota é o forçado, que anda pelas ruas, limpando-as da neve e da lama, carregando lenha para as casernas, com uma grande corrente presa na perna, tendo na outra extremidade pesadissima bola de ferro. Quasi sempre, o forçado dessa natureza é um condemnado politico. Como alli o assassinato dos governantes é classico e os reviramentos politicos constantes, os funccionarios publicos cumprimentam os condemnados que varrem as vias publicas, pensando lá com os seus botões: — "amanhã o partido delles sóbe e, em lembrança da minha gentileza, não consentirá que me demitam."

Milosch Obrenowitch, o primeiro rei da Servia, foi, como o papa Sixto V, guardador de porcos. Seu patrão era um rico camponez, Theodoro Obren. Os turcos oprimiam o paiz. Obren preparou a revolução que os expulsou; mas no primeiro combate caio morto. As tropas fraquejavam sem chefe. O guardador de porcos, num

gesto de audacia, tomou o commando e derrotou a turcalhada. Depois, casou com a viuva Obren e o povo deu-lhe o governo da nação. Morava numa velha herdade, em Topchider, e reinava com energia. Por isso, os descontentes fizeram uma revolta. Communicaram-lhe a tomada de Belgrado pelos insurrectos, quando jantava na sua casa de campo. Mal teve tempo de fugir, para não ser aprisionado pelos revoltosos. Ao saltar a janella, escondeu numa frincha das portadas uma bolinha de miolo de pão e disse aos seus officiaes:

— "Virei busca-la!"

Mais ou menos vinte annos depois, nova revolução chamou-o ao throno. Voltou e retirou do seu esconderijo a bolinha suja e encarquilhada, que se acha hoje guardada como reliquia, no Museu, sob uma redoma de vidro.

Milosch Obrenowitch foi mais uma vez, e essa definitivamente, apeiado do throno, sendo substituido por um membro da familia Karageorgewitch, a mesma a quem pertence o actual rei da Servia, Pedro, que sucedeu ao infeliz Alexandre, derradeiro descendente do guardador de porcos de Topchider. Os Karageorgewitch sempre lutaram contra os Obrenowitch. Estes eram o elemento favoravel ás pretenções da Austria, o elemento vindo directamente do proprio povo. Aquelles representam a classe aristocratica, o velho sangue fidalgo da idade-média servia, influenciado pelos desejos e aspirações da Russia.

Sophia, a antiga Sardica, capital da Bulgaria, foi até certo tempo o ninho dos russophilos da peninsula e, antes de celebrar os triumphos da guerra de hoje,

commemorava com tristeza a sua tomada e o seu saque pelas tropas de Sudjé Balabon, o maior general do sultão Amurat.

A' bruta conquista turca pelas armas a Bulgaria respondeu com a conquista pacifica e sorrateira, expandindo-se pela Romelia até dentro dos muros de Constantinopla. A sua população multiplica-se assombrosamente, extravasa pelas fronteiras e se infiltra nas provincias mais turcas do imperio minguante. O bulgaro é um lavrador emerito, tenaz e sadio, sobrio e intelligente. Ninguem manobra melhor a charrúa nem melhor cuida das seáras. Onde chega é preferido como trabalhador. Fixa-se e prolifera. Quando a Bulgaria annexou a Romelia, a população desta tinha noventa e seis bulgaros para quatro turcos!

Nos seus campos regados pelo Danubio, emmoldurados pelos dentes nevados das montanhas, a alma dos homens se adoça e se expande através de musicas singelas e dum rico *folk-lore*, sobre o qual Jacques Pasteur escreveu um livro curioso. O referido escriptor nelle reunio uma collecção de proverbios bulgaros cada qual o mais interessante. Aqui está um para exemplo: "E' mais facil guardar um saco de pulgas do que uma mulher".

Em 1867, a Bulgaria foi invadida pelos ratos. Vinham ás centenas de milhares dos montes Uraes, através o sul da Russia, a Bessarabia e a Dobrudja. Appareciam do lado de Rutschuk. Conquistavam aldeias. Devastavam tudo. Foram exterminados com grande custo e depois de terem causado grandes prejuizos. Nas chronicas das nações, já estavam registadas gran-

des invasões de bichos: os gafanhotos da Africa e da Argentina; os coelhos da Australia e as avoantes do Ceará. Depois de 1867, guardaram mais essa: os ratos da Bulgaria.

Entre o povo bulgaro, corre uma lenda mais espalhada que a do thesouro da Trindade ou do morro do Castello entre nós. Ao meio duma camara invisivel, que existe na cathedral de Sophia, está suspenso no ar, por tres grossas cadeias de ferro, um grande cofre, cheio pelos thesouros dos antigos reis da Bulgaria. Ao redor delle, incessantemente se agitam, como brandidas por mãos de fantasmas, armas terriveis, que picarão o individuo audaz que conseguir chegar até alli. Para se apoderar do cofre sem perigo, é preciso conhecer uma planta mysteriosa e rega-la com vinho levado nas bochechas durante os quarenta dias que precedem a festa de São Jorge. No fim desse tempo, sairá do chão, na ponta dum hastil muito verde, uma flôr de fórma humana, que se colherá com carinho e guardará com precaução numa caixa de marfim. Leva-se esta até perto do logar em que se presume existir a camara invisivel, entoando com rythmo monotono uma aria especial. Então, aparece aberta a porta do quarto, as armas se aquietam e o cofre se escancara aos olhos maravilhados do mortal feliz.

E' interessante ter crenças assim um povo que, no tempo das cruzadas, era heretico e os seus visinhos chamavam incredulos: bulgari, bulgri, bogri, bugri, bugares, bugres, estrangeiros sem crença.

O principe Alexandre de Battemberg, quando reinou na Bulgaria, obstou todas as expansões russophi-

las e fez guerra á Servia. Um dia, a influencia moscovita derrubou-o. Abandonou o paiz, decidido a nunca mais pisar nelle; porém o novo governo temia vê-lo voltar para tentar uma subversão da nova ordem de coisas. Por isso, a vigilancia nas fronteiras era rigorosissima. Nessa época, um viajante francez, Theodoro Cahu pregou uma bôa peça as autoridades bulgaras, segundo elle mesmo conta no "Des Batignolles au Bosphore". Tinha de atravessar a fronteira com a Turquia. O chefe do posto militar apresentou-lhe um registo afim de que declarasse nome e qualidade. Apresentou-lhe o livro de cabeça para baixo. O francez inferio disso que o sargentão não sabia ler. Pegou da penna e escreveu — Principe Alexandre de Battemberg. E foi um espanto no gabinete do chefe de policia, em Sophia, quando lhe chegou ás mãos o registo da fronteira!

Quando os otomanos destruiram o imperio do Oriente e conquistaram a peninsula balkanica, a gente latina da Moldavia e da Valachia conseguio manter sua independencia e fazer respeitar pelos turcos a sua raça, a sua lingua, o seu territorio e a sua religião. Os seus hospodares viviam batalhando sempre. Na vida publica dos Bankans, a Romenia tem as mais bellas paginas; na vida privada, as mais formosas lendas e as mais bellas canções. Alexandre Cuirçu apanhou entre os seus camponios e traduzio em francez todo um lindo e abundante *folk-lore*, historias do *coin du feu*, que demonstram quanto sentimento de arte têm na alma esses povos que hoje avançam armados e ferozes contra o turco, que tanto tempo os oprimio.

CAPTIVOS

Desde Cervantes até hoje, grande foi o numero de escriptores que procuraram mostrar ao mundo christão o sofrimento dos prisioneiros feitos pelos arabes e moiros nas suas incursões e piratarias. Todas as imagens literarias, entretanto, não bastaram para pintar a horrorosa vida dos europeus escravisados na costa barbaresca do Mediterraneo e nos vilayetes da Anatolia.

Ao tempo dos cruzados, quasi se não faziam escravos, quer da parte dos cavalleiros da cruz, quer da dos guerreiros do crescente. A luta era impiedosa e aquelle surto formidavel do expansionismo europeu mascarava um fervor religioso e um fanatismo tresloucado, que lhe davam a maior ferocidade e a maior intolerancia. Nessa época não se faziam prisioneiros. Os contendores matavam-se no campo de batalha. Cavalleiro tombado da alta sella bastarda era esfuracado a punhal; besteiro ferido, espostejado a alfange. Ao lado do montante, o infanção occidental carregava a almaráda, a agomía, o bulhão, a misericordia. Ao lado da cimitarra, o almogaure asiatico trazia a adaga em meia lua. Havia a arma de combate e a arma de assassinio, a arma miúda como os foráes chamavam. Não se dava nem se pedia quartel.

Mas, no correr dos tempos, o poderio mahometano se extendeu pela orilla meridional do Mediterraneo. De cada regencia barbaresca, verdadeiro valhacouto de bandidos, saíam em cafilas e chusmas, nos chavecos ligeiros, nas tartanas velozes e nas rapidas sacolevas os piratas de Smyrna, de Argel, de Tunis e do Riff. Todas as costas do Thyrrenio, do Adriatico, do Jonico e do Archipelago eram infestadas por elles. Ainda em 1820, os turcos levavam esquadras cheias de prisioneiros gregos para as masmorras da Tripolitania, depois de os venderem em hasta publica no grande mercado de Escarpanto. E' impossivel descrever o que taes infelizes sofriam sob o jugo de seldjucidas e agarenos. Muitos enlouqueciam e muitos suicidavam.

Guardados em carceres immundos e humidos, acorrentados aos pares, alimentados com os restos dos harens e da mesa dos soldados e guardas, eram obrigados aos mais dificeis, pesados e perigosos labôres. O azorrague dos agás retalhava-lhes o dorso nú, os anneis de aço dos grilhões cortavam-lhes punhos e tornozellos. A imprestabilidade por invalidez, doença ou velhice era punida com o abandono no deserto, aos chacáes. O menor gesto de impaciencia ou revolta era punido com a morte.

Cervantes sofreu essas agruras. A Europa, indiferente e covarde, com as esquadras dormindo nos ancoradouros e os exercitos preguiçando nos quarteis, não se animava a castigar a audacia dos piratas. Durante seculos não fez um gesto. Se Carlos V enviou uma expedição á Argelia, Barbaroxa sitiou Fondi e atacou Messina.

Bandos de irmãs de caridade, padres e freiras angariavam donativos e remiam, annualmente, um certo numero de captivos. Felizes os que iam embora, rever a patria, pisar a poeira da casa paterna, abraçar a familia. Mais miseraveis os que ficavam na dôr de vêr outros partirem e elles continuarem a vida desgraçada e infame de antes.

Tal estado durou até que o almirante Duperré e o general de Bourmont tomaram a capital do Dey, anniquilando a ultima base de operações dos piratas.

Chateaubriand, ao descrever sua viagem ao oriente, fez uma curiosa observação. O turco quando presente, diz elle, que o adversario é timido, toma-se de grande audacia e de insuportavel insolencia. Mas, se o adversario o repelle com valentia, humilha-se e bajula-o. Quando dissenções politicas e religiosas deram ás reacções christãs aparencias de duvida e cobardia, elle foi insolente, atrevido e perverso. Quando sentio que chegára o momento de ser vencido, implorou de côrte em côrte a mais vergonhosa paz.

Raiou o dia de vingança dos antigos escravos christãos. Varias nações colligadas bateram os zuavos dos vizires e pachás desde as faldas do Despoto Dagh ás linhas de Tchataldja, desde os montes do Epiro ás margens do golfo de Saros. E agora os captivos foram os turcos, mas ninguem os maltratou nem os torturou.

Ha dias vi num cinema interessante film sobre a guerra balkanica. Appareciam tropas em marcha, o czar dos bulgaros, o rei da Romenia, o principe do Montenegro, o voivode servio, o diadoque grego, comboios de feridos, ambulancias, bagagens, trens de arti-

lharia, todas as scenas communs de acampamento e combate, que, desde Horacio Vernet a Verestchaguine, os pintores nos acostumaram a ver, ora com os granadeiros coifados de bonés pelludos, sob o olhar de aguia do Corso, ora com os cavalleiros envoltos em albornazes, nas smalahs argelinas, ora com os soldados de farda verde ou azul escura, sob o commando de Kuroki e de Kuropatkine.

Um dos quadros lembrava o captiveiro antigo da Berberia como reciproca verdadeira, embora incompleta, que era.

Vasta e núa, uma planicie se extendia a perder de vista, com raras ondulações de trigaes e sem sombras de arvores. Fechavam o horizonte, massiças e negras, as montanhas da Thessalia. Na lama da estrada, cavavam-se arrieiras profundas. Passára alli, pausada e lenta, a artilharia de sitio. Entre filas de soldados hellenos, alegres e despreoccupados, vinham alguns milhares de prisioneiros turcos, em filas de quatro, cabeça baixa, passo bovino, fardas em desalinho. Na sua atitude curvada e humilde, lia-se o abatimento e sentia-se a desesperança. Nos labios dos veteranos da Achaia errava um sorriso victorioso.

Em outros tempos as levas de captivos eram de christãos. Elles dominavam. Agora passavam vencidos entre as bayonetas do inimigo. 1912 vingava 1820. Menos de um seculo fôra o prazo entre a ofensa e o castigo. Extranhas reviravoltas a da historia dos povos!

Os prisioneiros continuavam a desfilar pela erma planura, vagarosos e lassos, naquella tarde de derrota.

De quando a quando um oficial galopava, bradando ordens, aos flancos da columna. Espantado, premido de subito pelas esporas, o cavallo tranqueava: e, evitando as patas, de quatro a quatro, medrosamente, servilmente, as filas de captivos turcos se encolhiam...

OS INSECTOS

POBRES MOSCAS

Outr'ora, quando as epidemias devastadoras atravessavam os vastos continentes, ceifando populações inteiras, reduzindo a um terço os habitantes das lobregas cidades medievaes, os homens se prosternavam, guinchando apavorados, suplicando a Deus fizesse cessar o duro castigo. Abriam-se as portas das igrejas, mostrando os altares pontilhados de luzes tremulas. Nas altas cupolas das naves remoinhava mansamente o fumo dos incensadores, emquanto do côro, entre os sons dolorosos dos grandes orgãos, se evolava a musica suave dos canticos liturgicos. E por entre os recamados batentes de bronze fundido, sob os porticos de columnellos florejados, as procissões marchavam com altos pallios, bandeiras e cruzes erguidas, as imagens resplandecendo no topo dos andores e o povo ululando, batendo nos peitos: — Miserere! Miserere!

Ao declarar-se hoje qualquer doença, dão-lhe combate desinfecções e preservativos. Saem ás ruas carroças que esguicham substancias matadoras de microbios e auto-ambulancias que conduzem os atingidos do mal, para hospitaes de isolamento. E logo profundo homem de sciencia aponta um animal qualquer transmissor do virus. Começa inexoravel guerra ao pobre bicho.

A bubonica traiçoeira e sinistra partio para o occidente das palustres e sagradas margens do Ganges. Foram acusados os ratos, por causa das pulgas. Perseguiram-nos furiosamente. Houve premios para quem apresentasse maior numero de cadaveres do repellente roedor.

A febre amarella recrudesceu nas alagadas e baixas margens do golfo do Mexico. Depois, alastrou-se pelo Brasil. Acusaram os mosquitos. Desde então, jámais tiveram descanço os miseros *anopheles*. Todo o mundo matou mosquitos e o proprio governo instituio a util e popular classe dos "mata mosquitos".

Sabios heroicos entraram a Africa adusta e abrazadora, vencendo todas as asperezas do selvatico continente neegro. Viram animaes extranhos e vegetaes mais extranhos ainda: pachydermes colossaes, pernaltas avermelhados de longos collos inquietos, antilopes de grandes cornos retorcidos, baobabs centenarios, arvores que prendem e sugam os homens como um polvo. E a gente do rude paiz definhava numa preguiça, numa modorra que levava á morte. Acusaram a mosca *tsê-tsê* de injectar o microbio do morbido somno. Morte a *tsê-tsê!*

Sabia-se que, nos campos selvagens do Paraopeba, nos rincões do centro de Minas, onde correm o rio das Velhas e o São Francisco, as gentes tinham grandes inchaços ao pescoço, verdadeiros papos pendentes, inflammações determinadas dos ganglios, acompanhadas por um ankylosamento da actividade individual. Eram os *papudos* mineiros. Um medico observou-os e veio dizer-nos que a ferroada do barbeiro, um pequeno in-

secto, innoculava o mal. Vai-se declarar, salvo seja, guerra aos barbeiros.

Dia e dia, hora e hora, vamos descobrindo nos pequenos animaes os transmissores de enfermidades e epidemias. Se a guerra a elles continuar, dentro de algum tempo não se encontrarão mais, senão nos museus e jardins zoologicos, pulgas, muriçocas, meruanhas, moscas, mutucas, mosquitos e percevejos. Prega-se a guerra na tribuna e na imprensa com o fervor e eloquencia de Pedro o Eremita. E' uma guerra santa, uma campanha patriotica, uma cruzada fanatica.

Na America do Norte, os jornaes guerreiam diariamente a mosca domestica, a mosca caseira, que nos estraga o melhor prato, zumbe aos nossos ouvidos e teima e se diverte em pousar nos nossos olhos e no nosso nariz.

A mosca é um animal celebre. Muito escriptor de nomeada della se tem occupado pró ou contra, inclusive La Fontaine, que lhe dedicou uma fabula.

Diz o padre Manoel Bernardes que o demonio, tendo em si, espiritualmente, todos os máus costumes das moscas, quiz tambem ter sua fórma exterior. O velho Camillo, de alta linguagem vernacula e ferroadas ironicas, ao abrir um dia a janella do quarto, foi assaltado por um enxame dellas, famintas, irrompendo das carvalheiras do horto, como praga, zumbindo-lhe em torno do toutiço Zangou-se e lembrou-se dum pharaó,de quem fala a Biblia, angustiado pela excruciante praga de mosquitos, que lhe atirára ao reino a vingança mesquinha do Deus de Moysés, e desandou cerrada catilinaria contra as moscas, zumbindo ironias, alfinetando o

padre e literato Theophilo Raynaldo, que chamára a uma santa "mosca mystica".

Luciano de Samosata, ao contrario, fez o elogio da mosca. Contou do seu nascimento, do seu vôo, dos seus habitos, de sua intelligencia e até de sua alma immortal, afirmando que, se uma mosca estiver morta e lhe deitarem cinza fina em cima, resuscitará.

A mythologia diz que a mosca foi bella e leviana mulher, musica e cantora, rival de Diana nos seus amores com Endymião. Quando o amante dormia, ella o acordava, zumbindo confidencias amorosas. Elle aborrecia-se e a lua, que tudo vira durante a noite, mais ainda se aborreceu, transformando-a em insecto. E' por isso — terna lembrança de Endymião — que a mosca não deixa os ouvidos de quem dorme.

Ridder Hagaard tambem é panegyrista da inportuna creatura. Nas "Minas de Salomão", ao resoarem os bordões dos aventureiros na terra dura do deserto kakuano, partindo em busca do desconhecido, o coração preso na angustia das aprehensões, um diz, conforme o Eça traduz, á ultima mosca que lhe avoejou junto ao rosto, num evocar saudoso do lar:

— "Digno e veneravel animal! Em qualquer logar onde o homem penetra, deserto, montanha ou caverna — a mosca lá está. Foi este decerto o primeiro dos sêres vivos que surgio sobre a terra. Já havia moscas para pousar no nariz de Adão. O derradeiro homem ha de morrer com uma mosca a zumbir-lhe em torno á face. E talvez haja moscas no Paraiso."

Apezar da velhice e nobreza de tão falado animal, os americanos dão-lhe caça feroz. A mosca em Nova

York vê-se em alhadas: ou emigra ou morre. Não lhe deixam um momento de socego. Os jornaes ocupam-se longamente do assumpto, clamando a necessidade inadiavel de acabar com ellas, pregando guerra de morte. As revistas e magazines publicam photographias e os cinemas exhibem projecções luminosas em que se vêm moscas, com os tamanhos augmentados cem vezes, limpando as patas sujas sobre a manteiga, o pão, a carne, os legumes, o queijo e o assucar. Todo o mundo fala em matar moscas nos omnibus e nos salões, nos cafés e nas repartições publicas. As paredes são cheias de cartazes, demonstrando a necessidade de extinguilas. Nas ruas, os homens trazem na gola dos casacos disticos visiveis de metal doirado em que se lê "Guerra ás moscas! Morte ás moscas!"

A municipalidade estabeleceu premios a quem apresentar maior numero de moscas mortas. No primeiro concurso reuniram-se 641.150 cadaveres! Ha um concurso desses por semana! Suponhamos uma média de 640 mil em cada certamen. São 2.560.000 num mez! 30.000.000 num anno!

Os premios são pingues. Não ha por isso mosca atrevida que não seja perseguida famintamente. Todo o mundo se inscreve nos concursos. Todo o mundo as mata em toda a parte, guardando-as em caixinhas apropriadas.

Uma gentil menina de 13 annos, *miss* Laylon Burdett ganhou o primeiro premio, apresentando 82.600 insectos mortos, creaturinha talvez tão saltitante e certamente tão inquieta e voluvel como a propria mosca!

AS BORBOLETAS DE MADAME

A velha França heroica e progressista, que fez a Revolução e a Epopéa, que sempre se tem mantido á frente do mundo pela grandeza e nobreza de seus ideaes e que, após seculos duma vida extraordinariamente intensa e culta, atira para os espaços, de azas espalmadas, legiões de aeroplanos, é conservadora nas suas emoções e idéas. Quando imagina uma coisa de certa fórma, quando tem dum facto uma emoção qualquer, quando julga isto ou aquillo desta ou daquella maneira, leva seculos para modificar essa emoção, esse julgamento e essa idéa.

Os primeiros viajantes e exploradores de novas terras, que, nos aventurosos tempos dos grandes descobrimentos, voltaram escorreitos ás cidades européas, traziam, para mostrar aos patricios embasbacados, indios bronzeos e nús coifados de cocares multicôres, papagaios palradores, micos saltitantes e enormes cobras venenosas. Foi esta a primeira impressão que o francez teve dos paizes americanos.

Guardou-a e, durante seculos, pensou que a America era o paiz das serpentes, dos indigenas nús, das araras e dos macacos.

Um dia, o mundo inteiro se alevantou contra a escravidão. Os vigilantes navios da Inglaterra cruzaram os mares. Por toda a parte se falou e se escreveu contra o trafico.

Bergantins, patachos, barineis velozes e astutos traziam, porém, da costa d'Africa para o Brasil, carregamentos de negros, illudindo os cruzeiros inglezes, afrontando os canhões. Mais uma impressão desfavoravel se foi ajuntar ás desfavoraveis impressões francezas sobre o Brasil: — os negros captivos, trabalhando nas grandes plantações de café e canna de assucar, sob o tagante impiedoso do feitor.

E a França adiantada, inquieta e voluvel, mostrou-se rotineira e immutavel para nós. Levou seculos fazendo as mesmas más idéas do Brasil.

De colonia portugueza passamos a imperio constitucional e de monarchia a republica federativa. Durante todas essas vicissitudes sociaes e mutações de rotulos politicos, lemos a literatura franceza, estudamos em livros francezes, embebemos-nos de idéas francezas, acompanhamos com sofregos olhos a vida social e politica da França, tremendo quando ella tremia, exaltando-nos quando se exaltava e chorando quando foi vencida. Em paga de tanto amor, ella sempre ignorou a nossa geographia.

Resolvemos fazer activa propaganda de nosso paiz. Os escriptores pegaram da penna. Os diplomatas trabalharam. O governo gastou rios de oiro com uma commissão permanente em Paris. Conseguimos que uma parte da gente culta soubesse de nossa existencia, de nossa vida, de nossa relativa cultura, de que somos o

productor quasi exclusivo da rubiacea que sae pura de Santos e chega aos labios europeus misturada com chicorea, tal qual o mate que sae de Curityba puro e chega nos labios argentinos misturado com o cancho.

Apezar de tudo, os jornalistas francezes, tratando do Brasil, por mais que se esforcem e por maior que seja sua boa vontade, deixam sempre entrever as velhas impressões do Novo Mundo, as velhas emoções do francez antigo contemporaneo de Paraguassü e Diogo Alvares, carinhosamente conservadas, impressões do tempo em que desembarcavam, em Saint-Malô e em Dieppe, navegadores audazes, conduzindo gaiolas com cascaveis e jararácas, guaribas e saguis acorrentados, maracanans e jandaias pousadas no dedo.

Quem lêr com atenção os ultimos jornaes de Paris verificará que o francez não gosta de mudar de opinião facilmente.

Madame Catulle Mendés torna á França e, muito grata ao acolhimento que lhe fizemos, diz do nosso paiz coisas amaveis e elogiosas. Os jornalistas a entrevistam e ella conta da belleza de nossas paysagens, do esplendor de nosso sol, da cultura de nossos homens e da finura e bom gosto de nossas mulheres. Para tudo isso, cada jornal consagra tres linhas. Madame fala das florestas gigantes grimpando pelo dorso das montanhas, diante duma bahia maravilhosa, sob um céu de esmalte. Os jornaes dedicam alguns topicos.

Madame ergue uma fina toalha de rendas e mostra uma caixa envidraçada. O reporter curva-se para olhar. São borboletas de todos os feitios, côres e tamanhos, inquietos adornos das nossas macégas, das nos-

sas silvas e carcavões floridos. E as borboletas do Brasil se celebrizam, e os nossos bezouros ficam notaveis! Calam-se os nomes de nossos poetas e scientistas, silencia-se sobre a nossa cultura e sómente se fala da polychromia cambiante de nossas phalenas. Madame ri, graceja, apellida as borboletas e bezouros:

" Esta, semeada de estrellas azues e scintillantes, chamo Cassiopéa, como a constellação. Eis aqui Ophelia, triste, côr de agua quieta cheia de nenuphares. Olhe, Satan, de cornos e elegante traje de velludo negro; Principe da Primavera, côr de casca de arvore musgosa; Pelle de Burro com um vestido côr do tempo; Orpheu e sua lyra de oiro; Catharina de Medicis, de gola branca tufada sobre o vestido côr de rosa; Antonio laivado de prata e Cleopatra sobre quem se contorcem serpentes de oiro. Adiante, estão Murillo com as côres brilhantes do manto da Virgem, Bonaparte, de sobretudo cinzento, e Endymião, cujo collete é um espelho de esmeralda. Veja, este escaravelho luzente é Carlos o Calvo, estes dois insectos de armaduras doiradas Alexandre e Dario, este bezouro pesado e tôlo Monsieur Homais. "

Madame ri. O jornalista tambem ri. Ao outro dia, o jornal esquece tudo o que possa existir no Brasil, para encher uma pagina com as facécias e apellidos sonóros provocados pelos insectos. O titulo do artigo avulta em negro sobre tres columnas abertas: "Madame revient du Brésil chargée de gloire, d'erudition, des vers et des papillons!" Dadas as differenças de tempo e costumes, é a mesma frase das antigas chronicas do tempo dos descobrimentos maritimos: "Jacques de Ploer-

me! revient de l'Amerique et il apporte quantité des sauvages, des serpents, des vipéres, des perroquets exotiques et des singes velus".

Louvo o gosto de Madame Catulle Mendés pelas borboletas. Admiro-o até. Cito esta semelhança unicamente para mostrar que, apezar de propagandas e embaixadas de oiro, o que ainda a nosso respeito impressiona o francez é o brilhante colorido dos insectos, a carantonha exquisita dos macacos ou a soberba verdura das florestas. Ademais, que haviam de admirar senão o que é exotico, pois que a nossa carnavalesca civilisação é cópia atrazada da delles?

Demos sinceras graças a Deus que os viajantes illustres levem para a Europa collecções de phalenas de preferencia a collecções de simios, porque é muito mais agradavel ser filho do paiz das borboletas que do paiz dos macacos. E demos ainda sinceras graças a Deus que os jornaes francezes se preocupem com os nossos bichos ao envés de se aprofundarem no estudo das nossas finanças...

O ORIENTE

PIRATAS

A imprensa noticia que forças coloniaes francezas de Saigon derrotaram alguns bandos de "Pavilhões Negros", piratas ferozes, malaios, chinezes e tonkinezes, dos lamacentos estuarios da Indo-China, quasi toda pertencente á França.

A grande nação latina apoderou-se da Cochinchina, paiz onde, segundo rezam as lendas orientaes, se reunem em certo dia do anno, sob a presidencia do diabo, todos os magicos, nigromantes, feiticeiros e bruxas do mundo. Norodom, um desses reis que vão "s'interrogeant tout bas et qu'il faut enfermer pour qu'ils n'abdiquent pas", collocou o Cambodge, terra dos mais fecundos arrozaes, sob as garras do protectorado francez. O Tonkin custou-lhe rios de sangue; alli brilhou a energia de Francisco Garnier e luzio a coragem leonina dos almirantes Charner e Rigault de Genouilly. Tu-duc, velho e imbecilisado, cedeu o Amnam. Pallegoix, Monhot e Pavie exploraram e dominaram dificultosamente, para a mãe patria, os duzentos e sessenta e sete mil kilometros quadrados do Láos. A China alugou-lhe o territorio de Kuang-Tchéu. E os fusileiros-marinheiros, apoiados pela artilharia de desembarque, conquistaram

o reino de Luang-Prabang, onde, entre as immensas plantações de arroz, serpeia encachoado o Mekong, cantado outr'ora por Camões.

Todas as costas baixas e pantanosas, desde o Pegú a Singapura, da peninsula de Camáo ao Hainan, á enseada de Ngai-Tchéu, sempre foram refugio de piratas audaciosos, que pilhavam no golfo de Bengala e no estreito de Malaca, á vista de Pulo Pinang, de Pulo Condor e de Java, os galeões que vinham do Cathayo e do Cipango, de Macáu e da Coréa, das Célebes e das Molucas, conduzindo para a Europa sêdas e porcelanas, lacas e oiro, perolas e especiarias, hasteando no chapitéu as torres de Castella, o leão das Provincias Unidas, os leopardos possantes da Inglaterra ou as quinas lusitanas. Pilharam esses galeões do seculo XVII, as náus de alto bordo, as fragatas de duas cobertas, as corvetas de oitenta canhões, do seculo XVIII, as galeras, os clippers e os vapores do XIX e ainda pilham os grandes *steamers* do seculo XX, que ousarem ancorar nas enseadas suspeitas. Nessas paragens do oriente, onde ainda resoam as façanhas de Surcouf, succedem-se umas ás outras as gerações de ladrões do mar. Toda a gente que habita as costas de Coromandel e Malabar, as ilhas de Socotora, Bourbon, Mauricia, Almirantas, Seychellas, foi sempre propensa á pirataria.

E qual o povo maritimo que não tenha sido pirata? Não só os que içam no mastro grande dos juncos o dragão chinez, o sol do Nippon, o elephante de Sião, o pavão multicôr da Birmania, a esteira vermelha dos malaios, a bandeira negra do Tonkin. Os phenicios e os gregos levantinos roubavam no mar como os balea-

res, os cretenses, os egypcios do Delta e os carthaginezes o faziam.

Segundo Emilio Boutmy, a pirataria na Hellade, onde, na frase de Tacito, "o oceano se insinúa nos desfiladeiros e entre as montanhas como em seu proprio dominio", posterior á separação dos pelasgos foi uma das melhores profissões ao tempo de Homero; e o negociante e o pirata foram os creadores da unidade panhellenica.

Se o grande Yoritomo não commandasse a cavallaria japoneza nas praias de Yeso, os piratas mongóes teriam sepultado os japonezes sob os telhados incendiados das casas de bambú; porém o valoroso Shogun brandio o sabre recurvo á frente dos samurais e a horda mandchú ficou ceifada sobre a areia onde o mar veio lavar os cadaveres.

Os argelinos e tunesinos das duas Syrtes infestaram o Mediterraneo durante seculos. A audacia de Barbaroxa, que os commandava, conduzia-os ao assédio das cidades italianas. Carlos V e Luiz XIV mandaram contra elles expedições sem resultado. Renato de Anjou, rei da Sicilia, deu o commando duma frota para combatê-los a Christovam Colombo. O seu poderio só findou em 1830, com a tomada de Argel pelos francezes. Ainda hoje os moradores das falesias do Riff, em Marrocos, são piratas. Apagam faróes ou acendem luzes em logares perigosos, enganando os pilotos dos navios de cabotagem, á noite, os quaes se espetam nas rochas ou encalham entre os arrecifes. Então, atacam-n'os e pilham tudo.

Em 1820, durante as lutas pela independencia da Grecia, o Archipelago foi infestado por piratas de todas as nações ribeirinhas do Mediterraneo. O golfo de Koron se encheu de ladrões. Toda a costa occidental de Vitylo a Cattaro era devastada por elles. Saqueavam as ilhas, tomadas de assalto, e, á vista da esquadra ingleza, em Corfú, roubavam os navios de commercio.

Nos remotos começos da idade-média, os escandinavos, que, em primeiro logar, pisaram o sólo americano do Vinland, eram piratas como os que tinham já explorado a Islandia. Piratas ainda foram os habitantes das Feroe, das Hebridas e das Orcadas, os dinamarquezes de Olavo o Santo e Kanuto o Grande, os normandos de Rurik, que conquistaram a Moscovia, os de Igor, que chegaram a Bysancio, os de Rollon, que se apossaram da Normandia, os de Ragnar, que atacaram Londres e Paris, os que se apoderaram da Sicilia e os que, em Hastings, acabaram com a heptarchia saxonica.

Os frisões, os batavos, os jutlos, os anglos, os bretões, os finlandezes pirateiavam como pirateiavam todos os povos selvagens desde os caraibas até os papuás.

Os mais ferozes ladrões do mar foram os bucaneiros da Tortuga e os flibusteiros das Antilhas hespanholas, saqueadores de Panamá, de Maracaibo e de Santa Catharina.

Mas a historia de tantos piratas morreu. O progresso, a civilisação, as mudanças politicas e sociaes foram-n'os matando um a um. E já ninguem pensava

que existissem piratas, quando essa noticia dos jornaes nos diz que restam alguns na Indo-China. Bemdito sejas tu, oriente longinquo e rebrilhante, berço de todas as lendas e tradições, que as guardas ainda quando todo o mundo as perdeu!

BANZAI!

Quando se afirma que o Japão só tem evoluido materialmente no seu assombroso imitar da civilisação occidental, os japonophilos ferozmente defendem de tal acusação o grande imperio militar do sol nascente. E, no emtanto, sob a capa da sua prodigiosa actividade bellica e dos seus admiraveis progressos industriaes, as idéas artisticas vivem estagnadas qual esverdinhado marnél á sombra de arvores.

Presentemente, o Japão entrava com todas as forças possiveis o desenvolvimento das idéas modernas, na arte e na sociologia, com uma intolerancia eclesiastica de concilio e a fereza anathematisadora da antiga Roma papal. O modernismo sofre nas ilhas niponicas, desde a aspereza selvagem das Kurilas aos virentes prados de Yeso, a mais inexoravel perseguição. A côrte da rendilhada e exotica Tokio procura igualar a da vetusta e apalaçada Roma.

Não sou eu quem afirma a existencia desse movimento conservador, que opõe barreiras ás novas theorias e emoções, aos novos sentimentos e desejos. E' um japonez de verdade, barba rala e olhos de amendoa, maçãs salientes e o nome terminando em i, o Sr. Yone Noguchi.

Esse jornalista niponico escreve um forte artigo no "The Academy" de Londres, em castiço inglez, queixando-se dos entraves que o governo das poderosas ilhas asiaticas crêa ao desenvolvimento de idéas novas, lamentando o procedimento dos que dirigem sua terra, na qualidade de um dos chefes da moderna geração niponica — os "jovens japonezes".

Desde que penetrou no poderoso Cipango a estonteante civilisação do occidente, maximé após a guerra contra a Russia, fez-se sentir um grande renovamento literario. Os novos escriptores, cançados de seguir os erros grotescos dos predecessores, começaram a praticar os ensinamentos dos romancistas europeus, a tentar a perfeição de Flaubert e o naturalismo de Zola. Os novos dramaturgos abandonaram as antigas peças guerreiras e feudaes, em que samurais se dilaceram e que duram dias inteiros, para se aproximarem de Henri Bataille e de Ibsen. Os novos pintores e esculptores deixaram de mão os paineis sem perspectiva, onde geishas passeiam e garças revoam, os idolos de marfim e madeira, para pintarem as scenas de guerra e esculpirem o busto dos heróes. Foi uma verdadeira revolução.

Logo, o governo estremeceu, inquieto, temendo a germinação de tão fortes sementes, esses surtos dum movimento intellectual que poderia derrubar as coisas antigas e os sentimentos tradicionaes da raça e da nação. Todas as forças organisadas do Estado receberam a inilludivel ordem de combater o movimento por todos os meios possiveis.

A policia começou, então, a perseguir inquisitorialmente os homens de letras.

Um dos mais brilhantes literatos japonezes, o Sr. Kencho Masamine, publicou um romance intitulado "Kiken Jimbutsu", o "Homem Perigoso", que encerra simplesmente a historia das perseguições da policia contra o seu autor.

Annualmente, o numero de livros prohibidos pelo governo é inacreditavel. Em 1910, foram para esse novo "Index" sessenta obras. Não ha hoje em dia paiz civilisado em que se dê tal caso. E a condemnação da Curia romana nada vale mais para o orbe catholico.

A "Rindo Kwai", sociedade literaria que funccionava em Yeddo, com filiaes em Nagasaki e Yokoama, foi obrigada a suspender suas sessões, por não se querer submeter ás exigencias tyrannicas da policia. Muitas outras associações de jovens literatos tiveram de fechar as portas, por identico motivo.

O governo japonez commete imperdoavel erro, perseguindo desta sorte a incipiente literatura de seu paiz, onde fermentam já as grandes idéas da sociedade européa actual. Devia ter presente ao espirito a ironica frase de Pigault Lebrun: "o meio mais seguro de dar reputação a uma obra e multiplicar suas edições é fazer queimal-a pela mão do carrasco". Com efeito, a "má literatura", conforme a chama o governo do Mikado", alastra-se a surdina por todas as classes do valente imperio asiatico, porque todo o mundo, quando sabe que um livro é perseguido, mais avidamente o procura e mais famintamente o lê. Todo romance prohibido é mais desejado e mais lido do que os que não

o são. Para provocar uma reacção favoravel a uma obra, nada melhor que condemna-la.

Ademais, que entenderão os poderes publicos do Japão por má literatura? O naturalismo nú, palpitante, immoral até para alguns? As escolas que em todos os paizes livremente proliferam? Se é essa a "má literatura" ou "literatura perniciosa", oficialmente denominadas, Bernardo Shaw lá seria encarcerado, o Eça não publicaria o "Crime do Padre Amaro", Guy de Maupassant rasgaria as paginas iguaes a "L'Armoire" e o Fialho se esconderia numa adega, depois de ter quebrado a penna com que escreveu "Os Gatos".

Quando as tropas japonezas romperam heroicamente pelos gelados plainos da Mandchuria, provando grande robustez physica, com ordem e disciplina espantosas, levando de vencida, ao troar da artilharia e ao lampejar das bayonetas, as tropas da Santa Russia, Kuropatkine e os granadeiros de Orenburgo, Rennenkampf e os cossacos do Don, num arranco de ardente enthusiasmo, os japonophilos berraram: "Banzai!"

Quando nas aguas revoltas de Tsu-schima a esquadra poderosa de Togo crivou de certeiros projectis o negro costado dos couraçados moscovitas e as bandeiras esfarrapadas da cruz de Santo André foram submissamente arriadas ante o rubro sol do Nippon, ao ultimo rugir remoto dos canhões, os japonophilos bradaram: "Banzai!"

De então por diante, apregoaram aos quatro ventos as maravilhas do progresso, em todos os ramos, da terra valerosa dos vencedores de Chemulpo e do Yalü. Mas hoje que um dos mais notaveis filhos da terra de

Yoritomo e Oyama francamente expõe o estado retrogrado na ordem intellectual em que ella se acha, erguendo o véu dos aperfeiçoamentos bellicos e apresentando o pantano das idéas na arte e na literatura, quizera saber se a mesma convicção enthusiasta ainda acalenta os japonophilos.

Não sou, nem nunca fui e nem nunca serei inimigo do Japão. Admiro-o desde muito tempo, desde quando se travaram no seu seio as lutas formidaveis entre o poder temporal do Shogun e o poder espiritual do Mikado. Porém sempre o admirei sem enthusiasmo e com justiça.

A grande nação da Asia sofreu profundamente a influencia da civilisação occidental na ordem de seus phenomenos economicos, financeiros e sociaes até certo ponto. Mais dia menos dia, embora a acção dos governantes, abrirá os braços ás idéas novas. Então, quando fôr tão grande intellectualmente quanto já o é mecanica e militarmente, gritarei: "Banzai!"

POBRE FILHO DO CÉU!

A immensa força expansiva da civilisação occidental despertou a China lendaria do seu longo somno de dois mil annos. Porque não se poderá duvidar que a infiltração lenta e demorada das idéas occidentaes, os seus exemplos, as suas convulsões, sejam as determinantes sociologicas do actual movimento revolucionario que se alastra pelo paiz de Confucio.

Até bem pouco tempo, o chinez pallido e preguicento se revoltava por causa dos impostos, das vexações dos governadores de provincia, das questões religiosas e sobretudo do odio do boxer ao estrangeiro avassalador. Mas agora a revolução surge, produzida pelo descontentamento de successivos governos, entibiados e máus, reune tropas, arrola camponezes, marcha sobre as cidades, arvora um pavilhão tricolor e proclama a Republica!

Nada mais surprehendente, inesperado, original e espantoso do que a republica chineza! A época, porém, é das republicas. Tivemos a portugueza, vamos ter a chineza e a fermentação social da Turquia nos promete em breve, para usar do trocadilho famoso dum convencional celebre, a republica na Porta...

Quando se fala da China, logo nos acodem ao espirito mil recordações. Primeiramente, uma porção de vivos olhos obliquos, embutidos em largàs faces amarellas; depois, rabichos lustrosos sobre roupagens de côres berrantes; grandes estandartes, grandes bandeiras cheias de dragões, de circulos, de monstros encarnados e azues; em tiras brancas, esgalhadas e vastas letras negras; leques e liteiras, alabardas rendilhadas e canhões de madeira com annilhas de ferro que os soldados levam aos hombros como arcabuzes. As reminiscencias vão tomando vulto, vão se adensando vagarosamenfe. Passam longas procissões de bonzos, com as mãos escondidas nas mangas, e interminaveis filas de mandarins, com uma penna de pavão no barrete. Cantarolam no ar papagaios de mil côres, com fios de casca de bambú vibrando ao vento. As cidades immundas regorgitam com uma multidão exquisita. Os fanaticos correm, berrando, pelas viellas tortuosas. Nos cantos das muralhas, os mendigos lamuriam pedidos, os famintos modorram com as costellas arfando sob os farrapos. Das arvores dos adros, pendem gaiolas cheias de cabeças decapitadas, gotejando sangue. Empilham-se junto aos cadafalsos instrumentos de horriveis torturas, para arrancar a lingua, para quebrar os ossos, para cortar os dedos, para tirar as unhas, para extrahir os dentes, para furar os olhos!

As visões adoçam-se, amenisam-se. No vasto pateo dum mosteiro budhista, perdido para além do deserto da Mongolia, á sombra dos aloendros em flôr, passeiam monges, remoendo lentamente os preceitos de Çaquia Moni. No rendilhado kiosque de telhados arrebitados,

docemente reclinada no leito fôfo, passeiando o tedioso olhar pelos apainelamentos de papelão e porcelana, cheios de cegonhas e aguias, pela agua limpida do lago, espraiado entre canteiros de kanangas e lotas, palhetado de peixes de coral e oiro, com alegres garças poisadas ás margens, uma languida chineza se aborrece á espera do bojudo mandarim, que foi julgar no seu tribuanl um ladrão tartaro, e nem póde ir correr atraz das gazellas mansas, porque lhe prendem os mutilados pés minusculos sapatos de madeira reluzentes de pedraria.

A republica na China será a derrocada de todas as tradições do Celeste Imperio. Como se atreverão os povos do Imperio do Meio a apear do throno o Filho do Céu, que enfeixa na mão poderosa os destinos da nação e nelle foi collocado pela destra omnipotente de Deus? Mas vá que o façam, pois a dynastia mandchú usurpou o throno aos descendentes dos Mings, que do céu provinham. Então, como esse povo essencialmente conservador, ha tantos seculos vegetando em socegado lethargo, encontrará energias para derrubar a organisação social, que sustenta o despota e que data de milhares de annos antes do tempo em que os romanos compravam sêdas e faianças, na Persia, a uns negociantes de olhos obliquos, gordalhufos e amarellos?

Como conseguir a adhesão e o consenso de quatrocentos milhões de habitantes ignorantes e fanaticos, para destruir o que nas suas almas rotineiras está enraizado como justo, respeitavel e verdadeiro? Como derruir todo o velho e arraigado systema governamental: os seis tribunaes — das finanças, dos ritos e ce-

remonias, da guerra, das penas, das obras publicas e dos negocios estrangeiros, o "tutetra-yuan" ou repartição dos censores; as nove ordens hieraticas e heraldicas dos mandarins com seus botões de purpura, de coral esculpido, de coral liso, azul transparente, azul opaco, branco transparente, branco opaco, de oiro e de prata?

Cairá o Filho do Céu do alto de seu throno refulgente e entrarão pela vasta e doirada sala das audiencias de honra os revolucionarios rôtos e sanguentados, brandindo brutas armas, como já uma vez aconteceu, quando foi da celebre revolta da sociedade secreta do Nenufar? Mas nessa occasião o imperador não sucumbio. Chegaram reforços. O estrupido da luta encheu o salão. Nos torvelinhos da peleja, as lanças esfuracavam os paineis de sêda, os cutellos quebravam com fragor os enormes jarrões de porcelana azul e branca. E, ao outro dia, o populacho de Pekin ria, alvarmente, diante das cabeças engaioladas dos sectarios do Nenufar.

A China inteira pensa que o Filho do Céu é intangivel. Mas, como tem fugido varias vezes diante das invasões européas, talvez tenha perdido seu caracter de divina intangibilidade. E', entretanto, o pontifice, o intermediario entre céu e terra. Por isso, os velhos costumes do paiz lhe atribuem as felicidades e as miserias do imperio.

Ninguem mais prosaico que o chinez e tão prosaico que, na sua complicada escripta, o hieroglypho que significa "felicidade" é um velho desenho, representando dadivosa mão que atira para uma boca aberta

punhados de arroz. Porém a China tinha o encanto poetico de tudo o que é velado, escondido, mysterioso. Se a gente tapava os olhos ante as barbaras scenas de supplicios, deixava-os se deleitarem no velludo verde dos jardins, no crystal das aguas quietas, semeadas de nymphéas e ilhotas com pontudos kiosques, e no doce contorno dos outeiros floridos em cujo tôpo se erguem para o azul um Budha magestoso ou uma branca torre de pagode orlada de sinos.

A China vae ser republica e o Filho do Céu vae ser substituido por um presidente banal. Ganhará a civilisação e talvez a propria China, todavia perderá a poesia, perderá a imaginação, o oriente perderá mais uma antiquissima tradição e a originalidade duma cultura e duma vida especiaes.

Mas as tradições orientaes morrem uma a uma. Não vão mais á Meca santa, adorar a pedra sagrada, tantos peregrinos como antanho. Outro dia, vi, horrorizado, numa estampa de jornal britannico, o ultimo Deus-Vivo, o Dalai Lama do Thibet, de sobrecasaca, jantando commodamente, entre luzes electricas, num hotel de Calcuttá!

Não é de admirar que um misero Filho do Céu seja deposto na época em que o ultimo Deus-Vivo troca o saio recamado pela roupa do Pool e a austera vida do santuario de Lhassa pelo conforto dum hotel inglez.

Pobre Filho do Céu!

A LITERATURA NA OCEANIA

Até hoje jornaes e revistas se tinham occupado com proficiencia da literatura na Europa, na America, na Asia e mesmo na Africa, dando preciosas minudencias e informações; porém ainda se não tinham abalado a tratar da literatura na Oceania, o que agora começam a fazer.

De todos os paizes da quinta parte do mundo, quer dos transformados em feitorias européas, quer dos independentes como o archipelago de Hawai, quer dos que ainda não perderam a esperança da liberdade, nenhum atingio até os dias actuaes a situação de progresso da Australia, mais melhorada depois que a corôa britannica lhe outorgou o vice-reinado com todas as medidas liberaes delle decorrentes.

Porque, em verdade se confesse, ser colonia ingleza submetida a leis admiraveis, com a autonomia daquelle paiz, da União Sul Africana e do Canadá, é bem melhor que ser independente e mal governado.

A Australia é o unico paiz da Oceania que possue uma literatura apreciavel. As possessões portuguezas vegetam tristemente e só os seus nomes recordam os feitos dos Gamas, dos Albuquerques e dos Torres. A Hollanda suga toda a seiva de Java e Sumatra. Os Es-

tados Unidos transformam as suas em estações navaes e bases militares para a futura luta com os amarellos. A Allemanha ainda não teve tempo de desenvolver as que comprou á Hespanha. A França ainda experimenta methodos de colonisação e cuida mais de crear mercados para seus productos do que de outra coisa. E só a Inglaterra deu aos paizes sob seu dominio instrucção, progresso e liberdade.

O *Times* disse ha pouco tempo que, na Australia, com o seculo XX, se desenvolviam as sciencias, especialmente a historia, e a literatura já se desembaraçava das faixas da primeira idade. Em tres generos se manifestavam seus pendores literarios: poesia lyrica, romance e theatro. Este ultimo ia de vento em pôpa, progredindo a passos gigantescos, o que é digno de nota, pois que no Brasil, já semi-civilisado quando os garimpeiros seguiam as margens do Murray, enfiando as mãos pelas areias auriferas, elle cada vez mais retrograda.

O *Times* apontava como o maior poeta da Australia moderna o Sr. Bernardo O'Down, de origem irlandeza. Acentuava mais que a poesia australiana tinha um significativo e caracteristico tom de tristeza, podendo ser qualificada a mais melancolica do mundo. Afirmava ainda o referido jornal que alli o pessimismo é inherente á natureza de todas as questões e á propria vida social.

O mesmo se diz da nossa literatura. Parece que tal qualidade é peculiar ás manifestações artisticas dos paizes novos, que o europeu descobrio e povoou. Fenimore Cooper foi, na America do Norte, como muitos

têm sido no Brasil e em outros paizes sul-americanos, o escriptor da saudade e da melancolia.

Entretanto, em paizes novos e opulentos, onde a vida se abre e se oferece com perspectivas grandiosas devia antes haver nos rythmos e expressões um brilho enthusiastico de luta e segura crença no porvir. Mas o tom primitivo e barbaro da terra, o mysterio dos matagaes, a immensidão das aguas desconhecidas, a imponente belleza natural, perfeita e impassivel como um rosto de pharaó, o horizonte longinquo das planuras, os palmeiraes gementes das varzeas, o esmalte immutavel do céu, os perigos constantes dos selvagens, das feras, dos abysmos, tudo junto ás misturas de sangues diversos, á decadencia dos sentimentos da ascendencia, á disparidade da alma extranha pela psyché avoenga ao aspecto physico, feita em outro clima para outra raça, para outros fins, prepara o espirito para escutar a voz duma saudade inexplicavel ao proprio individuo, que o faz perder-se em visões de tristeza.

Falta á Australia, segundo o diz a *Revue Bleue*, o autocriticismo. Toma-se alli, ao pé da letra, a theoria da imitação de Gabriel Tarde. Pullulam imitadores e plagiadores. Proliferam tambem os mais baixos generos no romance e no palco. Nenhum jornal ou revista se prestigia pela critica imparcial. Não ha um aferidor de merito para a opinião que lê. Tudo, porque ha grande falta de cultura.

Grassa entre os poetas do rico paiz a epidemia do suicidio. Adam Leinsay Gordon, de quem muito falaram os jornaes de Londres, após uma vida desregrada, deu um tiro nos miolos. Barcroft Boake suicidou-se.

Até agora não pensaram nisso, porém, o Sr. Davis, humorista da especie de Mark Twain e o Sr. O'Down, o mais triste de todos, que, pelo nome irlandez, descende daquella raça da qual saio Ossian com o seu rythmo vagaroso e melancolico como as brumas do norte. E' quasi certo que se suicidará, porém, tal a tristeza e desesperança de suas producções.

Se a mania do suicidio pegasse nos poetas do Brasil...

CARNAVAL

O MARACATU'

A nota mais original do carnaval carioca é o "cordão" com a sua seriedade lugubre-grotesca, o caracter hieratico-fetichista, proprio da raça negra, da sua choreographia e da sua melopéa. Essa religiosidade primitiva das dansas, dos cantos e das atitudes do "cordão" mostra-se á primeira vista como abertamente mostravam sua obediencia aos canones os baixos relevos egypcios, feitos quando o dogmatismo sacerdotal obrigava a arte a produzir as figuras humanas com o busto de frente e os pés de perfil.

No nordeste brasileiro não existe o "cordão" com seus indios empennachados e estandartes berrantes, mas existe o "maracatú", que tem o mesmo caracter sinistro, o mesmo canto monotono, a mesma dansa cadenciada, o mesmo tom de procissão, de enterro, de não sei qual ceremonia achanti, sudaneza ou hotentote, transplantada para o Brasil e executada nas ruas de suas capitaes.

O "maracatü", porém, não tem indios. Todos os seus figurantes vestem de negras, de saia e cabeção, á maneira bahiana, mas com altos cocares de pennas de ema á cabeça. Guarda melhor as tradições africanas. Geralmente, é maior que o "cordão". Consta de uns

trinta individuos, que formam em duas filas, conduzidos por um tocador de gazá ou maracá de folha de Flandres.

Ao chiado do instrumento barbaro, o "maracatú" atravessa as ruas, impenetravel e triste, dansando arrastadamente, cantando em voz cavernosa versos curtos, sem significação uns, outros cuja significação se perdeu com o tempo, quasi todos eivados de expressões africanas adulteradas pela senzala, misturadas a palavras portuguezas. A dansa, acompanhada pelo chiar arripiante do gazá e pela melopéa sepulcral dos cantos, lembra a dansa macabra de esqueletos e defuntos em derredor dos cavalleiros bardados de aço das velhas gravuras da Allemanha medieval. Recorda a funebre ceremonia do enterro dum chefe dahomeano, quando as tribus já se aprestam para a matança ritual. As vozes trazem á memoria o dolente cantar dos guerreiros kakuanos, de que nos fala Ridder Hagaard. O negro, que dirigia a canção, interrogava plangentemente:

Qual a sorte sobre a terra
De quem teve de nascer?"

O côro selvagem soluçava, ferindo o solo com as pontas das lanças:

"Morrer! Morrer!"

O guia do "maracatú, saltando meio acurvado e agitando o maracá, pergunta:

"Fausta, Fausta, cadê Marianna?"

O côro lugubre responde:

"Marianna! Marianna!"

Torna o tocador em voz soturna:

"Que negra safada só é Marianna!"

As duas filas replicam:

"Amarra a saia com jytirana!"

Pára diante das casas, recebe uns nickeis, organisa uma roda e dansa no mesmo compasso musical, plangente, langoroso, hieratico, africano:

— "Teia, teia, teia de engommar!"
— "Vira de banda, torna a revirar!"
— "Teia, teia, teia do mar!
— "Nossa rainha para coroar!"

Ninguem sabe o que significam taes versos nem mesmo os proprios dansarinos; sómente nelles se verifica uma reminiscencia dos trabalhos domesticos dos escravos naquella "teia de engommar, que vira de banda e torna a virar", acompanhado pelos gestos caracteristicos da tarefa das engommadeiras. As raças inferiores, que formam o substracto da nossa arraia miuda vão se diluindo na formação da nacionalidade sem deixar um traço de sua passagem. Sem palavra escripta

e sem meios que só a liberdade dá, encerrados numa sociedade que os digere pouco e pouco, extranhos quasi a ella, mas nella se integrando, não legarão aos vindouros um documento de sua vida mesquinha, nem um dolmen, nem uma pedra sepulcral, nem uma pagina. Para que dellas se perpetue alguma coisa é necessario que os coevos registem uma a uma as suas manifestações de toda a especie.

E como a observação de suas praticas singelas e tristes, dos seus costumes primitivos e tradicionaes, nos atiram através os seculos até á rude e humilde humanidade dos primeiros tempos, adorando a fatalidade, amando a terra, as plantas e os animaes, polindo o silex, esboçando os rudimentos dos velhos cultos e das velhas civilisações!

O "maracatú" é mais apavorador do que grotesco. Ao avista-lo, os meninos correm, gritando com medo, escondendo-se nas casas, tal o aspecto lugubre dos robustos figurantes trajados de negras, com os seus enormes ouropeis e a sua dansa funebre.

A Bahia tem dois similares do "maracatú" e do "cordão". São os "ranchos" e "candomblés", nos quaes predomina a mesma nota fetichista, tristonha e mysteriosa.

No Rio, os "cordões" têm nomes interessantes e que mais ou menos indicam o bairro de sua procedencia: "Destemidos da Gambôa", "Escovados da America", "Flôr de oiro de Cascadura". Nas cidades de nordeste, segue-se a mesma pratica. O "maracatú" traz o nome do arrabalde onde se originou ou do individuo que mais contribuio para sua formação: "maracatú do

Outeiro, da Apertada Hora, da rua de São Cosme, do Morro do Moinho, do Manoel Conrado.

Na vida brasileira, vão morrendo vagarosamente todas as tradições da escravidão. Foi-se o rei do Congo e desapareceram "reisados" e "candomblés". O "cordão" e o "maracatü" serão, talvez, as ultimas que desaparecerão, porque o enthusiasmo carnavalesco do poviléu ainda lhe dará vida nos ultimos estertores da raça que o produzio e que a communidade dia a dia absorve.

EDUCAÇÃO CARNAVALESCA

Um dos primeiros brinquedos de carnaval, que se inventaram, foi o das pennas de pavão, que custavam muito caro durante os alegres dias de Momo. Não havia quem, pelas ruas das cidades, não andasse, mascarado ou não, de pluma em punho, fazendo cocegas nas orelhas e nas nucas dos que lhe passavam ao alcance. Nada mais innocente nem mais delicado. Entretanto, uma feita a policia parisiense foi obrigada a prohibir as pennas de pavão.

Os amadores do *flirt* e da conquista seguiam uma dama e faziam-lhe cocegas tão a miude, que o cavalheiro guardador da senhora, primo, irmão, cunhado ou marido, zangava-se, enfurecia-se e acabava quebrando a bengala nas costas do dono da penna. Muitas vezes, tambem, o dono da penna era quem partia a cabeça do defensor da dama *chatouillée*. Depois da prohibição policial, o brinquedo das pennas caio em completo desuso.

Tempos depois, surgiram os confetis de papel, imitando o velhŏ costume italiano de atirar confeitos. Estes mesmos, logo após sua invenção, foram prohibidos pelas policias européas, porque os apanhavam no chão e os atiravam com cisco, areia e pedrinhas aos olhos

do proximo. O povo gostou delle e não o deixará tão cedo. A sua influencia e enthusiasmo foram taes que as policias impotentes resolveram permiti-los, mas duma côr só, afim de evitar os do chão, onde todas as côres se misturam.

A serpentina foi posterior e é o brinquedo carnavalesco mais elegante, inofensivo e civilisado. O entrelaçamento multicôr dos seus festões é verdadeiramente artistico e, quem a atira, toma um gesto leve e atico de discobolo.

O lança-perfume, de que se faz no Brasil um gasto exagerado, veio em susbstituição das antigas bisnagas de metal ou borracha, de esguicho fino e perfumado, inventadas para suavisar o entrudo.

Nossos avós não estavam para essas massadas de papeisinhos cortados, fitas e jactos de ether. Com elles a coisa fiava mais grosso. Era o entrudo verdadeiro, terrivel, em que tomavam parte, além da agua limpa, a agua de barréla e de pratos sujos, a cinza, os pós de chaminé e de sapato, a gomma, o polvilho, a lama e tudo quanto molhasse ou sujasse.

A's vezes, a brincadeira degenerava em briga. Havia facadas, tiros. Ia gente para o hospital ou para o cemiterio. E o carnaval continuava, ao barbaro som dos zé-pereiras.

Havia individuos que preparavam lauta mesa de iguarias e doces, vinhos, cervejas e champagne. A' porta da rua, punham uma grande tina, quartola ou pipa cheia de agua, e latas com quanto sujo houvesse desde o branco ao preto, do alvaiade ao zarcão e ao pó de carvoaria. Os creados e os amigos espreitavam

a rua. Vinha um sujeito. Não se procurava saber quem era. Podia ser um vagabundo ou um desembargador. Para elles, isso não tinha importancia. Os foliões não reconheciam hierarchia social de especie alguma. Seguravam o typo á unha. Besuntavam-no e mergulhavam-no na tina. Depois, elle podia tomar parte no brodio, comer e beber á vontade e alistar-se no grupo, para agarrar outras victimas.

A quantidade dos brinquedos delicados de hoje não permite mais a estupidez do entrudo antigo e faz até recear pela vida dos confetis. As serpentinas envolvem carros e automoveis, as bisnagas perfumam o ar e as vestes; pennachos leves de papel substituem as antigas pennas de pavão. E já ninguem se lembra mais de brigar, porque espanaram o rosto da mulher ou bisnagaram os olhos da filha. Tudo é brincadeira. Todos são foliões.

O povo já se vae educando carnavalescamente. Sae á rua para divertir-se e, portanto, para suportar todas as caçoadas, cocegas e brinquedos. Raro o individuo que se irrita por uma graçola ou bisnagada, porque os que assim fazem já se tornam ridiculos.

Sómente os "cordões" ainda trazem para o meio do elegante e delicioso carnaval carioca a dissonancia barbara dos seus tambores e assobios, as reminiscencias choreographicas e musicaes da senzala. O "cordão", porém, tem um merito: — é uma tradição viva da vida nacional.

DA HISTORIA

PELAS ARVORES

De certo tempo para cá, no Rio de Janeiro cresce o desamor pelas arvores que enfeitam e alegram as ruas. Ellas sofrem dezenas de perseguições, desde a pedrada do garoto ao lento envenenamento que lhe faz um proprietario desejoso de tornar mais commodo o accesso do seu jardim.

No empoeirado canal do Mangue, o asphalto ardente faz definharem as elegantes palmeiras, que têm a grande utilidade de prender os olhos dos passantes de tal modo que lhes não permitem vêr o casario immundo das adjacencias e o lodo negro e rebrilhante entre os cáes. Automoveis desenfreados atiram-se sobre os oitys da Gloria, espatifando-os. As resacas de quando a quando varrem a Beira-Mar, matando ás duzias as acacias frondosas. A velhice vai fazendo murchar vagarosamente uma ou outra das palmeiras reaes do Jardim Botanico. Não ha temporal que não derrube dezenas de *ficus benjamin,* do campo de São Christovam á praça Sete de Março.

Na rua Salvador Corrêa experimentam o poder envenenador de certos liquidos nas miseras castanheiras, apezar da grita dos jornaes. Para coroar a obra destruidora, os empregados da Light espetam-lhes pregos

e ganchos, aparafuzam-lhes isoladores de porcelana e vidro, prendem-lhes fios metalicos por onde passem recados á distancia ou correntes electricas para illuminação. Algumas, as mais dignas de piedade, como uma que existe na esquina das ruas Guanabara e Laranjeiras, esteiam postes immensos, ligadas a elles por fortes cabos de arame.

Quando em todo o mundo se desenvolve o amor pelas arvores, os habitantes de Sebastianopolis maltratam ou deixam maltratar a sua arborisação.

As arvores sempre foram amadas. Nenhum povo, fosse qual fosse seu gráu de civilisação, jámais lhes fez guerra. E' grande seu papel na historia dos homens. Suas ramarias agazalharam o somno dos combatentes fatigados, deram ameno refugio á sesta dos zagaes, abrigaram da chuva e da canicula o repasto dos lavradores. A' sua sombra, os meninos brincaram, os homens experientes deliberaram as guerras, os anciãos reflectidos derimiram todas as pendencias e questões, julgaram todos os crimes.

Em derredor dos troncos, em que se suspendiam armas, tropheus e corôas votivas, caveiras, chifres e carnes sobejadas dos sacrificios religiosos, os guerreiros dansaram, brandindo frankisks e clavas, com altos gritos de guerra, quando partiam para os combates; ao som dos rudos atabales, de retorno, os mesmos guerreiros novamente dansaram, entoando litanias tristes pelos mortos, que ficaram sepultados na terra estrangeira, ou fortes hymnos de alegria, rememorando as victorias alcançadas.

O bronco e hirsuto troglodyta prosternava-se na

areia quente dos comoros ao avistar, no horizonte encandecido do poente, os vultos alinhados dos menhirs; tambem sobre o pó deitava a face diante das arvores centenarias, que, unidas e cerradas nas vastas florestas, lhe enchiam a alma de superstição e assombro. A phytolatria do homem primitivo era assim feita de pavor.

O grande amor das arvores chegou até nós, homens do seculo XX, irreverentes e de pouca fé. Professamos respeito pelas arvores e certos usos relembram o culto que tiveram no passado. O rei do Montenegro, em commemorança dos velhos tempos patriarchaes dos montanhezes de Tcherna Gora, dá audiencias publicas, sentado num tóro, ao pé dum carvalho. Muitos chefes de Estado na Europa, visitando uma povoação ou cidade, plantam na praça principal, afim de alli deixar uma recordação, um olmeiro, uma faia ou um castanheiro. Dom João VI trouxe, carinhosamente, para o Brasil a primeira palmeira imperial, que enfeitou o Rio de Janeiro. Bismarck adorava o acto de plantar arvores. E um grande escriptor afirma que a vida dum homem só é completa quando tem um filho, escreve um livro, faz uma casa e planta uma arvore.

Uma grande diferença, porém, separa o nosso amor pelas arvores do respeito e adoração do homem antigo.

O criterio de seus sentimentos era todo abstracto, as causas todas immateriaes, imaginarias. Elle temia os espiritos, os sêres desconhecidos ou invisiveis ocultos nas folhagens densas. Precisava adora-los e adorar o seu refugio. O homem antigo tinha medo.

O nosso criterio é a utilidade, o interesse, o egoismo mesmo. Precisamos arvores uteis pela belleza e pela frescura, pela sombra e pelos seus efeitos hygienicos. Carecemos dellas, e devemos ama-las e protege-las, afim de que essa protecção se torne em proveito nosso. O homem moderno tem necessidade.

Os maiores pintores não são aquelles que, como Horacio Vernet, amavam as batalhas ou como Rosa Bonheur adoravam os animaes, mas sim os que, como Corot, divinisavam a paysagem e espiritualisavam as arvores. A humanidade jámais esquecerá os versos de Virgilio *sub tegmini fagi* e o maior efeito literario possivel Shakespeare conseguio, fazendo uma floresta andar. Rostand, querendo elevar uma scena entre o duque de Reichstadt e Maria Luiza, faz entrarem pelas janellas do palacio todos os perfumes da selva e o filho de Bonaparte dizer que a floresta vem para elle, não como a de Mac Beth, que anda, porém com sofreguidão maior, porque vôa. E Frederico gostava mais de passear a cavallo sob as tilias do *Unter den linden* do que de planejar, numa tenda de campanha, a maravilhosa manobra envolvente de Mollwitz.

As arvores são até ás vezes escolhidas para depositarem a lembrança de feitos gloriosos ou duma época notavel. Sully plantou em Forez olmos e tilias, em memoria da pacificação nacional da França, chamando-os "arvores do rei". Em 1793 e em 1848 os francezes encheram a sua patria de arvores, plantadas nas praças principaes das localidades, denominando-as "arvores da liberdade". Vieram mutações sociaes e politicas e, coisa interessante, das "arvores da liberdade" não resta uma

só, emquanto as "arvores do rei", plantadas pelo grande ministro, lá estão perfiladas e viçosas no topo das colinas de Forez.

Na Europa, é grande a solicitude pelas arvores. Os parisienses conhecem os olmeiros do jardim particular, onde, nos primeiros tempos de sua vida, Victor Hugo ia sentar-se; e sabem onde está aquelle cedro do Libano que Bernardo Jussieu trouxe da Asia Menor dentro da copa dum chapéu velho. Quando o alcatroamento das aléas do Bois de Boulogne provocou o emmurchecimento das arvores que as orlavam, logo, fazendo calar os jornaes, a municipalidade tomou medidas salutares. Aqui, em caso identico, sucedido no Mangue, as medidas foram tão ronceiras que quasi as palmeiras se acabam.

O numero de arvores em Paris, com a sua area enorme, é de 561 mil. Buenos Aires, com uma area menor, tem quatro vezes mais, 2.142.320! São Paulo é melhor arborizado que o Rio, onde a Inspectoria de Matas e Jardins ignora a estatistica da arborisação.

Ha muitos annos, dois estudantes francezes, em viagem pela Asia Menor, visitando ruinas, encontraram, ao passarem na villa turca de Dermendjick, sita no territorio da antiga Magnesia, uma grande pedra rectangular, servindo de soleira á porta da cabana dum cabreiro, polida pela idade e pelas intemperies, mas ainda coberta por mysteriosas letras. Compraram a pedra e decifraram a inscripção. Era um rescripto de Dario, rei da Persia, filho do divino Hystaspe, no qual aquelle forte governador de povos e conquistador de reinos ordenava ao satrapa Gadatas não continuasse a mandar

cortar ou damnificar as arvores, ornamentos e beneficio das ruas e jardins da cidade que governava, sob pena de ser castigado severamente.

Assim, o forte e divino Dario, nesses tempos de barbaria e crueza, prometia punição a um satrapa do imperio, porque era máu para as arvores verdes, que alegram a vista e dão agazalho aos homens e aos rebanhos.

Diante da figura desse regulo, que se alegrava em decotar e destruir arvoredos, póde-se erguer uma figura contraria, toda amor e solicitude pelas arvores, o sub-prefeito de Toul, o Sr. Hergolt, conhecido na Europa inteira como o homem mais devotado á vida dos vegetaes, já condecorado por muitos governos pela sua phytolatria.

Pondo, com o intervallo de tantos seculos que as separam, em confronto essas duas figuras de administradores, o satrapa cruel e o sub-prefeito benigno, póde-se perguntar a quem tem a missão de zelar pela arborisação publica do Rio, qual dos dois exemplos deseja seguir.

O BAPTISMO DA AMERICA

O conego Vautrin de Lud, conselheiro privado de Renato II, duque de Lorena, fundou na pequena cidade de Saint Dié, já em fins do seculo XV, tão fertil em navegadores heroicos e heroicas navegações, um gymnasio scientifico. Logo, para alli acorreram muitos sabios illustres e, como a cidade já possuia uma rudimentar oficina de imprimir, modelada pela de Guttenberg, dalli saio e se espalhou por França e Borgonha, Itali e Flandres grande numero de opusculos, folhetos e obras de maior peso.

Esse gymnasio ficou celebre e mais celebres os nomes dos que nelle trabalharam e discutiram. Lá estiveram Ringmann, lindo poeta e geographo profundo; Waldseemuller, habil desenhista e grande cartographo; e João Bazin, chronista de estylo elegante e narrador de frases rendilhadas.

Saint Dié era, intellectualmente, uma importante cidade nesse fecundo bruxolear da idade média e mais fecundo alvorecer do renascimento. Tinha uma pequena e antiga igreja romana, de baixo frontão e amplos arcos repousando sobre atarracadas columnas, toda de tijolos vermelhos, erguida ao tempo em que os primeiros

missionarios da Roma christã pisaram o sólo da Gallia, fazendo os druidas de alvas tunicas e recurvas foices doiradas internarem-se nas macissas florestas de carvalhos, sómente surgindo nas veredas fundas, nos calhes agrestes, quando a vermelhidão do crepusculo desmaiva na noite. Possuia minas escuras e ricas, de onde Renato II mandava tirar metaes preciosos, trazidos á flôr da terra por obreiros de torso nu, em pequenos carros rodando sobre trilhos de madeira dura. E encerrava esse gymnasio notavel, cheio de sabios, protos e mestres de oficinas, do qual saío, num prefacio de livro geographico, impresso pela primeira vez, o nome de America.

Ora, nesse tempo -Renato II, que acabára de vencer em Morat Carlos o Temerario, duque de Borgonha, era falado nas côrtes européas como principe liberal, amante e protector das artes, das sciencias e das letras. Provava suas nobres aspirações o carinhoso acolhimento que dava aos sabios, que o procuravam, e a protecção largamente dispensada ao gymnasio fundado por Vautrin de Lud. Americo Vespucio, companheiro de Colombo e depois capitão duma caravela portugueza, dirigio a Renato II diversas cartas, narrando suas longas e duras viagens pela face dos mares desconhecidos, as compridas noites de vigilia, embuçado no manto, de pé, junto da amurada, olhando as estrellas tremulas, o mar negro e a esteira branca das náus; contando dos seus sofrimentos, das borrascas terriveis que arrebatavam os gageiros das gaveas gradeadas e os marujos do convéz resvaladio, dos somnos curtos e inquietos sobre o duro tavoado, após longas noitadas de pé, em que só-

mente se ouvia o sibilar do sudoeste nos cordames e o ranger das antemas de encontro aos mastros.

O duque de Lorena mandou lê-las. Escutou-as. Pensou na aspera vida dos navegantes, elle que levava aspera vida de guerreiro. Enviou-as aos sabios de Saint Dié, para que julgassem de seu valor, que lhe parecia grande. Os estudiosos do gymnasio ignoravam a maior parte dos feitos maritimos das gentes da Iberia e da Lusitania. Admiraram as narrações palpitantes de Vespucio e, no prefacio das obras de Ptolomeu, publicadas pelas oficinas gymnasiaes, no "Cosmographiæ introductio", expressaram-se deste modo:

" Existe uma quarta parte do mundo, descoberta por Americo Vespucio, e que, por essa razão, deve chamar-se America. "

Assim, communicaram ao mundo letrado a existencia do novo continente, admirados, ignorando a epopéa de Christovam Colombo e atribuindo ao seu piloto toda a gloria que lhe pertencia. Ingenuamente escreveram no referido prefacio:

" Não sabemos por que se não deva dar a essas terras o nome de Americo, o homem de genio que as descobrio. A Europa e a Asia já têm, no emtanto, nomes de mulheres". *Europa et Asia a mulieribus sua sortita sunt nomina.*

Generalisou-se immediatamente o nome de America. Todos assim a chamaram e, quando se pensou em remediar o mal, era tarde. E Colombo, o descobridor, que lutara e sofrera, que miseravelmente morrera em Valladolid, só teve seu nome dado á republica de Nova Granada e a uma provincia ingleza do Canadá!

Mas Americo Vespucio nunca pensou em tomar para si a gloria de Colombo. Escreveu a Renato de Lorena, porque lhe disseram do seu interesse pela sciencia e do seu amor pelas letras. Não cuidou que mandasse as cartas a uma corporação de sabios nem que esta ainda ignorasse os feitos do marinheiro genovez. Foi tão sem má intenção, sem mesquinho desejo de se apoderar da alheia gloria, que escreveu as cartas, que jámais procurou saber do seu fim, jámais leu o prefacio das obras de Ptolomeu impressas em Saint Dié, morrendo sem saber que haviam dado ao novo e vasto e rico continente o seu humilde nome.

O que não podece duvida é que de Saint Dié saio pela primeira vez, impresso, o nome de America e de lá se espalhou e se tornou conhecido. As obras de Ptolomeu, com o celebre prefacio "Cosmograhiæ introductio", sairam dos prelos do gymnasio a 25 de abril de 1507. Alexandre de Humboldt afirma ter sido esta a primeira vez que foi impresso o nome do continente colombiano.

A culpa desse baptismo não foi absolutamente de Vespucio; mas sim dos sabios e protos de Saint Dié, que ignoravam as viagens de Colombo e, pelas narrações contidas nas cartas de Americo, narrações enthusiastas de quem vira e se emocionara, de quem sómente contava de seus perigos e impressões, de quem esquecia os outros para falar unicamente de si, julgaram ser elle o descobridor. A responsabilidade historica deve caberlhes, porque o piloto não se disse descobridor nem se afirmou almirante, falou simplesmente, embora com vaidade, do que vio e sentio. Não quiz e não tentou ser

mais do que piloto. Não merece a acusação de ter querido roubar a gloria de Colombo, porque não tem culpa de terem alguns cosmographos o intitulado descobridor da quarta parte do mundo.

Os descobrimentos de Colombo eram pouco conhecidos até mesmo em Hespanha, por muita gente. A atenção da Europa se voltára para as navegações portuguezas em busca da India, porque isto influia na vida economica da Europa, deslocando o mercado das especiarias de Veneza para Lisbôa. A India era o sonho da Europa. Vasco da Gama desvendára o caminho maritimo para ella. Os portuguezes largavam constantemente do Tejo em demanda da velha Ophir, costeando a Africa. A Europa estava com a atenção presa nessas viagens e tentativas. Dahi a importancia das cartas de Vespucio, capitão duma caravella lusitana.

O nome de America generalisou-se. Aceitou-o a opinião publica na França, na Italia, na Allemanha, na Dinamarca e por fim na propria Hespanha. Primeiramente, efeito ainda das narrações de Vespucio, aplicaram-n'o só á America do Sul, ao grande continente que "fechava todas as communicações com as Indias.". Depois, extenderam-n'o ao continente todo, logo que se verificou ser a parte do norte ligada á do sul por um isthmo montanhoso.

O Sr. Weick judiciosamente notou, num seu estudo historico-geographico, que a America tem um dia de nascimento e um de baptismo. O primeiro é o dia 12 de outubro de 1492, em que sobre o brilho do sol nas coiraças dos bombardeiros e nas alabardas dos soldados a bandeira esquartelada de Castella e Leão, erguida

por Colombo, desdobrou ao vento duma terra nova as suas côres berrantes: o vermelho atupido de torres de oiro, o branco inçado de leões rubros. Em torno, os marujos cançados e os quadrilheiros emmagrecidos se ajoelhavam, emquanto, de olhos esgazeados de espanto, os bronzeos indigenas pasmavam para a turba desconhecida, as armas desconhecidas e o desconhecido pavilhão. O dia do baptisado é o dia 25 de abril de 1507, em que os conegos e sabios do illustre gymnasio de Saint Dié, reunidos em capitulo, receberam das calosas mãos dos operarios os primeiros exemplares impressos das obras de Ptolomeu, com o douto prefacio cosmographico, e aprovaram-n'os, lançando ao mundo impensadamente um nome que era o furto duma gloria e por isso mesmo talvez se perpetuou.

Foi assim que nasceu o nome do nosso continente. Assim foi elle baptisado pelos conegos de Saint Dié com o *referendum* collectivo de Ringmann, de Waldseemuller e de João Bazin, o de elegante estylo e terso fraseado.

A GRANDE GUERRA

VELHAS ARMAS, NOVAS ARMAS

Desde a época remota em que Polyeno escreveu as suas séries de estratagemas militares até a guerra actual, nunca de todo se perdeu a fórma artistica do emprego de certas armas, a esthetica dos gestos guerreiros. A' guerra se póde aplicar o velho aphorisma da natureza: nella nada se perde e nada se destróe, tudo se transforma.

Os habitos e aspectos dos povos se modificam, mudam-se os limites das nações, surgem e desaparecem reinos ou imperios, raças vencedoras esmagam raças vencidas, e, seguindo os fios das lutas e opressões, a sciencia vai aplicando, vagarosamente, ao campo de batalha, os descobrimentos dos laboratorios. A' catapulta sucede o canhão. A polvora é substituida pelo pyroxilo, a cordite, a dynamite e a lydite. Nas fortificações inimigas, não se atiram mais podridões ou vermina; irrigam-se, porém, as trincheiras adversas com gazes asphyxiantes. Na essencia, as diferenças são espantosas. Nos aspectos, todas as velhas coisas renascem.

Os zeppellins bombardeiam agora as cidades da inviolavel Inglaterra. No emtanto, quando Napoleão concentrava tropas em Bolonha, para invadir o sólo in-

glez, jornaes e revistas estampavam planos dum desembarque na Grã-Bretanha por meio de balões esphericos.

Os submersiveis tudescos que torpedeam os navios mercantes repetem as façanhas daquelle submarino dum principe hindú, de que fala Julio Verne e que metia a pique, por vingança, os barcos de commercio inglezes em todos os mares do globo.

Nas mais antigas guerras que Herodoto ou Polybio contam, para a tomada das cidadellas inimigas, cavavam-se minas como buracos de toupeiras. E o assaltado percebia a manobra, pondo um broquel sobre o chão e nelle escutando o ruido subterraneo da sapa. Então, furava a contra-mina. A guerra, hoje, é toda de buracos, adegas fortificadas, minas e contra-minas, enorme trabalho de toupeiras e tatús.

Nunca os exercitos de Roma acamparam sem construir um castro. A legião adormecia confiante dentro do campo, que os vallos, fossos e palissadas defendiam, permitindo-lhe repellir o ataque do inimigo, quando superior em numero. O regimento moderno se abriga nas trincheiras asseteiradas, dorme em excavações que o protegem dos obuzes e anda pelos *boyaux* de communicação. Já na batalha de Crecy os soldados de Eduardo III esperaram o ataque do exercito de Philippe VI, entrincheirados; e, em Leipzig, os sapadores do grande exercito abriram vallados para a infantaria de linha se acoutar.

Quando a historia apagou, nas vastas dobras dos seculos, o elegante gesto do discobolo grego, fez nascer

em compensação o dos fundibularios baleares, que formavam metade da *auxilia* nas legiões romanas, e, mais tarde, o dos fundeiros das mesnadas medievaes. A polvora matou o disco de cobre e a bala de argilla, mas o gesto do arremeço ficou. Erguendo-se na ponta dos pés, como os fundibularios, arqueando o braço, quaes os discobolos athenienses, os granadeiros de Fontenoy atiravam ás linhas inglezas granadas de mão, que em mil estilhaços rebentavam. Hoje, máu grado o poder da artilharia, os soldados, copiando o antigo gesto, lançam ao entrincheiramento inimigo granadas presas em raquetas, que lembram os discos, seguras á ponta de laços de coiro, que arremedam as fundas.

As manobras envolventes, preconisadas pelos estrategistas da escola de Frederico, vêm da mais remota antiguidade. O que Napoleão fez em Montenotte e o rei da Prussia em Rosbach, já David tinha praticado com os seus gibbors e os seus archeiros cretenses, na batalha de Rephaim.

O guerreiro de Marathona retezava os jarretes, distendia os musculos e o dardo acerado ia perfurar as coiraças e ferir as carnes. O legionario romano tambem arremessava o pilum. Actualmente, nenhum soldado de kaki ou resedá atira javelinas pontudas. Ellas chovem do céu sobre os destacamentos de caçadores e as patrulhas de hussares, nos descampados. E um cavalleiro malferido, erguendo os olhos para o azul, vê o aeroplano que as deixou cair, fugindo para as nuvens.

As hostes da idade-média armavam nos bailéus béstas de bodoque e de pelouro, tinham na peonagem besteiros de polé e de garrucha, na cavallaria besteiros de

a cavallo. A bésta foi longo tempo esquecida, até que nos nossos dias os *poilus* a utilizaram para sacudir bombas e foguetes incendiarios nas posições allemãs.

Na batalha de Hastings, Guilherme o Conquistador, encontrando rodeado de trincheiras o exercito da Heptarchia, mandou os frecheiros atirarem para o ar, de maneira que as setas, depois de uma ascensão obliqua, arrastadas pelo peso das barbellas, caissem sobre a cabeça dos inglezes. O chefe dos heptarchas morreu, ferido na face, e as tropas se renderam. O duque da Normandia inventara sem o saber o tiro por elevação. Baseado nos principios que o governam, fundiram-se, com a época da polvora, os pedreiros e morteiros, que os soldados da França de 1915 foram tirar dos museus, uns com os lizes dos Bourbons, outros com o N do Corso, para bombardearem os funis e vallados dos prussianos.

Hindenburgo, atacando os russos, arrojadamente, e obrigando-os a se afogarem nos lagos Masurianos, repetio a traça de Bonaparte, forçando a guarda do czar a mergulhar no Augezeld. João o Bom meteu a sua cavallaria pesada entre as altas ribas dum caminho cavado, o que a perdeu e trouxe-lhe a derrota fatal de Poitiers. Dentro dum fosso, se acabaram os melhores couraceiros de Montbrun, em Borodino, e, dentro dum fosso, morreram os maravilhosos carabineiros brancos e os granadeiros a cavallo da guarda imperial, em Waterloo.

Em Aljubarrota, os trons castelhanos, canhões curtos do feitio de ronqueiras, presos por anilhas de ferro a pesado cepo, espantavam a ala do Mestre de Aviz. Agora, quando existem morteiros de 420 e canhões de 350, o formato do trom e do falconete subsiste nos pe-

quenos engenhos que o *piou-piou* prepara na trincheira, afim de hostilizar o inimigo fronteiro.

A época medieval vio as alcanzias, as manganellas e carpio saudades do fogo grego. A presente substituio essas armas terriveis pelos obuzes mortiferos e pelas *fusées* illuminantes.

A famosa helepole de Demetrio Poliorcetes, o tomador de cidades, a tortuga romana e as gatas e bastidas da meia idade barbara, renasceram modernisadas nos formidaveis *tanks*, que o genio inglez inventou.

A mais surprehendente astucia hellenica de guerra que Homero narra é a daquelle cavallo de páu, de cujo bojo, á noite, phalangiotas e vélites sairam, armas em punho, para abrir ás tropas argivas as portas de Troya. Nos dias que correm, na proximidade das paragens da velha Dárdanos, nos Dardanellos, um grande navio inglez aproximou-se das baterias turcas e, suportando terrivel fogo, encalhou na praia. E os otomanos viram com surpreza escancarar-se no seu bojo larga poterna, descer enorme prancha e por ella desfilarem, desembarcando, regimentos de zuavos e batalhões de australianos.

Nas denominações e nas roupas, a cópia historica prosegue. A legião romana dividia-se em centurias. Os famosos terços castelhanos tinham dez companhias como os regimentos actuaes. A' sua frente, nas paradas, logo depois do mestre de campo e do sargento-mór, iam os seus dez capitães, seguidos pelas bandeiras desfraldadas e por dez pagens, cada um dos quaes levava o morrião emplumado do chefe da companhia sobre uma almofada vermelha. Nos tempos de agora, os regimentos des-

filam, nas revistas, em continencia, com os capitães formados á frente com as bandeiras, logo depois do coronel e do fiscal.

A peonagem medieval punha á cabeça um casco de ferro, meio chapéu e quasi bacia, que se chamava bacinète. Os artistas que desenharam os capacetes de trincheira dos exercitos francezes e inglezes tomaram para modelo a celada do acostado de Azincourt, do quadrilheiro de Brenneville. E a cervilheira de malha, que lhes envolvia a nuca e o queixo, transformou-se na faixa de meia que se lhes enrola no pescoço.

Os generaes da Revolução e da Epopéa puzeram á cabeça dos soldados de cavallaria grandes capacetes de bronze, de cimeira pontuda e cheios de crinas. Relembrando seus feitos, Victor Hugo bradou num verso enthusiasta:

"Dragons que Rome êut pris pour des legionnaires!"

Na época napoleonica, os corpos estrangeiros eram denominados legiões, como a Thebana e a Victoriosa, no tempo dos Adrianos e dos Constantinos: legião do Vistula, legião italiana, legião grega, legião portugueza. O imperio romano tivera a legião gauleza da Cotovia. A republica da Convenção creou a legião dos Allobrogos, nome do povo que batera Cesar.

A's suas galeras militares, os romanos adaptaram uma ponte, para darem abordagem ás triremes carthaginezas. Muito antes disso, porém, imitando os barcos da Phenicia e das ilhas hellenicas, essas mesmas galeras tinham esporões de aço. Era com esse rostro forte

como os arietes que metiam a pique os navios inimigos. Seculos e seculos após, com um navio de madeira, num escuro rio do Paraguay, um almirante brasileiro cobria-se de gloria, usando o mesmo processo, que tambem deu ao austriaco Tegetoff a victoria de Lissa.

O homem, não podendo modificar sua estructura biologica nem transformar seu modo de ser, tem de eternamente repetir as mesmas manifestações.

Nada mais feio que um antigo gladiador da Thracia: capacete ponteagudo, viseira cobrindo o rosto qual uma disforme mascara bicuda, onde em duas brechas luzem olhos fulvos; e o respaldo dos avanbraços de bronze ergue-lhe aos hombros uma saliencia de corcunda. Repare-se o aspecto dum asphyxiador dos exercitos do kaiser. E' um monstro similar. Tem o capacete de ponta, mascara em bico de rapina, olhos luzindo em duas gretas vidradas, braços envoltos em grosso oleado e uma corcova formada pelo deposito do gaz.

Os francezes chamavam as armaduras hespanholas do feitio da de Philippe IV, que está na Armeria Real de Madrid, *armure en ecrevisse*, armadura de lagosta Os antigos poemas e contos japonezes denominam os samurais bardados de aço da guarda dos Shoguns "lagostas de ferro".

Cada dia resurge o emprego duma arma esquecida e se refaz o prestigio duma antiga *pose* militar, embora os fulminantes descobrimentos da sciencia.

Respondendo num artigo aos que preconisavam o fim das cargas de cavallaria, um general francez, membro da Academia e prestigioso estrategista, mostrava *pari passu* as modificações impostas á arma nobre pela

tactica moderna, mas terminava aconselhando que, numa planicie, ainda hoje, se um corpo de tropa a cavallo fosse atacado, carregasse com o enthusiasmo e a confiança das cargas de antanho. E as forças montadas continuam a usar a mais antiga arma do mundo — a lança!

No seu fundo social tambem não ha, nem nunca houve, mudança nas causas das guerras. Os homens batem-se hoje, como no tempo de Xenophonte — pelo interesse.

O NAVIO FANTASMA

Guarde Deus uma embarcação norueguеza de topar, na sua carreira pelos mares, o navio fantasma!

Dizem as lendas escandinavas que elle vem, balanceando na crista alta das ondas, cheio de cadaveres putrefactos, um esqueleto na roda do leme, um defunto nos váus do joanete, as velas vermelhas de sangue, a bandeira negra com duas tibias em cruz!

Está em toda a parte. Um veleiro inglez encontra-o na altura da Terra Nova ao mesmo tempo que um patacho francez o avista na costa do Annam. Um clipper americano o vê nas aguas da California, emquanto um hiate brasileiro póde cruzar com elle entre a Bahia e os Abrolhos. Todas as desgraças acontecidas no mar, dizem os norueguezes que se lhes devem, como os phenicios atribuiam ao "velho do mar" os perigos da navegação.

Tal qual o barco lendario, é hoje a canhoneira allemã "Panther". Navio de espionagem e provocação, arrogante e subtil, deixará na historia um rastilho inapagavel de feitos, cada qual o menos honroso para a Allemanha.

Foi ella que efectuou com o "Vineta" o covarde bombardeio do forte venezuelano de San Carlo. Tres

vezes as suas baterias varreram a metralha os muros antigos da antiga e heroica fortaleza. Provocou a questão de Agadir, que trouxe a Europa de sobreaviso na imminencia duma conflagração como a actual. E desrespeitou a soberania nacional brasileira, no porto catharinense de Itajahy.

Antes da guerra, fazia a estação naval do Atlantico. Agora passou quasi ao ról das coisas lendarias. Ninguem sabe ao certo por onde anda. No mesmo dia em que os jornaes dizem que ronda a bôca da barra do Rio de Janeiro, envolta na bruma da manhã, preparando-se o "Glasgow", dentro do porto, para ir liquida-la, outras noticias afirmam que rumou para as aguas sulinas á cata do "Lutetia". Por um encantamento passa, assim, de perseguida a perseguidora.

Em um só dia contam as folhas que o *scout* "Bahia" teve ordem de levantar ferro e vigiar o que ella anda fazendo e que a esquadra franceza a afundou junto das costas da Argelia.

Diante de taes contradicções, fica-se perplexo. Por onde anda o navio aventureiro? Ter-se-á no seu casco exiguo incarnado o espirito de metamorphose da fabula phenicia do Velho Marinho, o poder de multiplicação da barca funebre de Serapis ou a alma da lenda escandinava, que a rapidez dos transatlanticos e o alcance dos faróes tinham morto desde tanto tempo?

Certo, é que guarde Deus qualquer navio mercante dos alliados de encontrar á sua frente a canhoneira tudesca. Mas Deus a guarde tambem de se achar um instante ao alcance dos canhões de prôa do "Amethyst" ou das torres do "Dupetit Thomars" !

A VINGANÇA DO OCCIDENTE

Da vastidão do planalto central asiatico partiram, em busca das terras occidentaes, as grandes hordas primitivas, castigadas de fome e avidas de aventuras. Identicas ao movimento do sol foram, no Mediterraneo, as navegações e colonisações dos pelasgos e, muito mais tarde, dos phenicios. Os proprios gregos primeiro hellenisaram a Trinacria, depois fundaram Marselha, por fim transpuzeram as columnas de Hercules. A Atlantida de Platão era uma miragem que convidava os navegantes, ás correrias pelo grande mar ao occidente da Europa.

Do oriente migraram todos os barbaros e lá mesmo o vagabundear dos tartaros e mongóes foi sempre do planalto para a Persia, a India e a Anatolia.

De Carthago resplandecente, sentinella avançada da civilisação oriental, Annibal partio á frente de mercenarios, para depois de formidavel rodeio estrategico, atravessando os Alpes, atacar Roma, baluarte da civilisação occidental, anniquilando-a. Sonho igual brotou na alma leonina de Mirthridates, o Grande, rei do Porto, inimigo feroz dos romanos, que desejava imitar a audacia do carthaginez e vir do oriente, pelo Danubio,

sobre Roma, arrebanhando, para o saque e a matança, os scythas, os dacios e os pannomios.

Mesmo após a destruição de sua infortunada metropole pelos hellenos ardilosos, os troyanos desbaratados e errantes buscaram as plagas do occidente, para fundarem novas patrias num luminoso sonho de fecundo porvir. Enéas deu ás costas do Lacio e o futuro de Roma foi a paga de seus esforços.

. As mais antigas idéas scientificas foram trazidas das rechãs indianas ou das montanhas que bordam o Pamir. Sómente depois que os hindús puzeram as monstruosas lages de Ellora no dorso dos gigantescos elephantes de granito escuro é que Babylonia teve jardins suspensos e os egypcios construiram as pyramides de Keops e de Sakarah. Após o Ramayana, surgio o Zend Avesta; e após o Zend Avesta, a Biblia. Os pastores da Phrygia foram os primeiros que observaram as constellações, arrimadas aos altos varapáus, ao meio das pastarias sem fim, ouvindo o uivar dos chacáes, ao longe, na aba dos montes.

Os deuses orientaes desertaram seus templos e emigraram para o occidente. A Bôa-Deusa da Syria andou em Eleusis e, finalmente, foi ter á cidade dos Cesares. Isis morreu em Roma, onde houve tempo, oficialmente moravam centenas de deuses phenicios, syrios, chaldeus, persas e egypcios. O Jupiter cesareano fôra Zeus Pan-Hellenico; Minerva havia sido Athena; e o Mercurio do Forum era chamado pelos gregos do oriente Hermes. Da Asia Menor veio o doce christianismo primitivo, retemperando a alma sofredora das classes bai-

xas e dos escravos, apontando-lhes um ideal de libertação e recompensa.

Quando a gloria de Roma feneceu e seus louros seculares murcharam, Bysancio erguia-se no oriente como um sonho lindo de marmore e oiro. Os juristas de Justiniano reuniam as melhores leis e os generaes de Justiniano levavam as galeras carenadas de bronze dos paúes de Veneza ás costas da Berberia e conduziam as victoriosas cohortes, coiraçadas de aço, dos muros de Adrianopolis aos limites com os germanos. Depois, Constantinopla decaío e tombou, lutando contra uma invasão do oriente. Mandou, porém, para o occidente a alluvião de sabios que prepararam o Renascimento. Assim, de lá veio o lustre das sociedades sábias e refinadas, de lá vieram a ogiva, os columnêlos e a rosacea rendilhar a bruta pedra dos castellos roqueiros e afinar o perfil das pesadas igrejas romanas.

Do oriente sairam todos os barbaros e sairão um dia os amarellos. Felizmente, sempre que as hordas devastadoras vêm do levante, rumorejando e grunhindo, têm encontrado inesperadas barreiras intransponiveis. Os hunos tiveram Aecio e os Campos Catalannicos; os saxões, Clovis e Tolbiac; os Arabes, Pelayo e as montanhas das Asturias, Carlos Martello e Poitiers; os turcos, Sobieski e os muros de Vienna, Dom João d'Austria e a fumarada de Lepanto. Agora, sobre os herdeiros da cultura latina veio de rapieira erguida a Germania guerreira e forte, outr'ora povoada por barbaras raças migradas da Asia — cattos, cheruscos, cimbros, marsos e ubianos, a Germania cuja força militar come-

çou com a emboscada de Teutberg; e foi detida por fortissima barreira: — Joffre e a batalha do Marne.

O oriente empurrou para o poente as suas hostes famintas, bardadas de ferro ou enrodilhadas em trapos, tangendo carretas ou volteando em rapidos corceis. Bandos incontaveis erraram, vagabundearam, perderam-se. Outros fixaram-se, formando imperios; outros fundiram-se, amalgamaram-se com outras raças. E o seu sangue novo revigorou as qualidades combalidas, desmaiadas, da gente que a ociosidade e o luxo tinham enfraquecido. Despejaram-se do *habitat* primitivo da raça aryana, para as regiões ainda pouco povoadas da Europa. Vieram, inflexiveis e ousados, brandindo chuços, espadas nuas, as azas doiradas dos cascos espalmadas em leque, como a voar para as conquistas.

Surgiram das bandas do nascente. Gruparam-se na Germania coberta de florestas e humedecida de pantanáes. Depois, desceram para os Alpes, marcharam para os valles do Loire e do Sena, atravessaram a Mancha e os Pyrineus, emquanto, beirando as costas africanas rescaldadas de sol, outras legiões subiam, vindas tambem do oriente longinquo. E foram os francos, perturbando a vida das Gallias; os burgundos, parando á beira do Rhodano; alamanos, cauqueos, angrivarios, usipianos, bructerios, tubantes, teutos e sicambros, espalhando-se na Germania; celétos, odrusos, marcomanos, quados, rheticos, vindelicios, dacios, pannomios, ficando nas planicies do Danubio; batavos e frisões, povoando os paúes; jutlos e suevos, habitando o norte; anglos, apoderando-se da Bretanha; semnonios, longobardos, gepidos e herulos, dominando a Italia; visigodos e os-

trogodos, formando imperios; alanos, avaros, vandalos e hunos, vagueando pelas terras; normandos, vagueando pelos mares; moiros, berberes e arabes, fanaticos e valentes, vindo sorrateiramente da Asia pela Africa.

O continente asiatico guardava mares de homens que emergiam da sombra, impellidos pela fome e pela ambição a invadir as terras estrangeiras. Ainda hoje a China tem no seu seio quinhentos milhões de rostos amarellos!

Vindo do oriente para o occidente, navegaram os escandinavos de Erik o Vermelho, que descobriram a Vinlandia e a Groenlandia, os portuguezes de Cabral e Côrte Real, os hespanhóes de Colombo, Pizarro e Hojeda, os francezes de Cabot.

O oriente ainda atacou o occidente na guerra russo-japoneza.

Na guerra presente, se o germano se atira contra o latino, o slavo lança-se ao germano e o turco avança sobre o slavo. Sempre o oriente contra o occidente.

Lenta e demorada a vingança occidental. Vagarosa, mas segura, a transformação dos povos e das sciencias trazidas do fundo tenebroso da Asia. O oriente ataca produzindo, germinando; o occidente vinga-se, detendo-o, aperfeiçoando, melhorando, cultuando.

As navegações e guerras de Veneza tornaram-n'a oriental no luxo da cantaria martyrisada a cinzél e na pompa das dalmaticas da aristocracia, marnetadas de oiro, porém iniciaram o cyclo das tentativas que, após a marcha conquistadora do Macedonio e as arremetidas triumphantes dos generaes de Roma, desde Scipião, que destruio Carthago, a Tito, que arrazou Jerusalem, ha-

via de continuar o mundo occidental, para a defesa da sua cultura, das suas tradições e aspirações.

Houve as tentativas repetidas das cruzadas, a queda de Granada e o roteiro para as Indias pelas aventureiras caravellas de Portugal. Napoleão levou ao Egypto e á Moscovia expedições infructuosas como as de São Luiz, de Barbarôxa e de Ricardo Coração de Leão, o do gerifalte branco. França, Hespanha e Italia assenhorearam-se do litoral moiro do Mediterraneo com o lento andar dos tempos. A bandeira tricolor da nação mais occidental nação européa cobre as regiões banhadas pelo Mekong e pelo golfo de Tonkin; a ingleza tremula do planalto do Thibet ao cabo Camori. A' China escondida no extremo do oriente já foram expedições, que tomaram a ponte de Palikáo e sentaram-se no throno sagrado dos Mings. Faz pouco mais ou menos meio seculo que francezes e inglezes bateram os russos junto a Sebastopol.

Os idéaes creados pelas necessidades vitaes que têm impellido todas as gentes de origem asiatica ás conquistas e expansões, desde os hunos até os allemães, ou se transformam e modificam ao contacto da civilisação occidental ou perecem por mais dura e custosa que possa ser a luta. O imperio romano caio, mas as nações barbaras que se alevantaram sobre suas ruinas foram conquistadas por sua civilisação.

A Hespanha dominada por alanos, vandalos, visigodos e arabes, embora os ultimos dominassem oito seculos, ficou sempre latina. Conquistada pela bruteza das armas, conquistava depois os conquistadores pela grandeza das idéas. Contra as forças do espirito nada

podem as forças das armas. Os obuzeiros destroem Reims, mas não a architectura gothica. As cinzas do que produz a intelligencia humana são hummus para as sementes futuras. A bibliotheca de Alexandria foi incendiada, mas, apezar disso, herdamos a sciencia antiga. O apanagio espiritual da humanidade é indestructivel, máu grado Alarico, Odoacro, Gengis Khan, Tamerlão, Amurat, Bajazet e muitos dos modernos generaes.

Aproxima-se o dia em que será quasi completa a vingança da Europa. Os invasores magyares e bulgaros já se fundem no elemento europeu. Amanhã, os turcos serão expulsos e breve os germanos serão confinados nas suas raias até se adaptarem á civilisação occidental.

Após certo tempo de socego, novamente se accentuará o movimento das grandes raças — do oriente para o occidente. Quando as necessidades vitaes dos russos não se puderem satisfazer no seu proprio territorio, elles não procurarão as steppas da Siberia, mas virão em demanda dos valles risonhos da Europa central. Os teutões, então, serão a barreira que salvará o occidente da invasão dos slavos. Outro espaço de repouso virá e, em pós elle, o oriente teimoso enviará as hordas amarellas, que os russos deterão, já por sua vez integrados na civilisação luminosa do occidente.

A gente é levada insensivelmente a acreditar naquelle sociologo que nos aponta a historia dividida em periodos de quietação ou refazimento e de convulsão ou destruição, alternando-se, successivamente, numa serie indefinida.

ULTIMA PAGINA

RELIGIÃO E ARTE

A's vezes, a religião é tão sómente um sonho de estheta, um ideal de artista.

Quando o povo argivo cobrio as collinas ridentes da Hellade de templos brancos e de estatuas sagradas, cuidava perpetuar as fórmas dos deuses e as magnitudes do Olympo. Eternisou, porém, as fórmas impeccaveis da estatuaria e as linhas magnificas da architectura, todos os esplendores da arte.

A maior pujança da religião catholica houve logar na idade-média. Nunca a architectura logrou mais vigor, mais belleza e mais magnificencia. O ideal artistico saia do ideal religioso e, livrando-se do dogma, ascendia ás mais altas culminancias, aos maiores arrojos rendilhando o granito, lavrando o marmore, filigranando o onyx, espetando o azul com as flechas denteadas e pontudas.

Para muitos individuos como para muitos povos, a religião não assume o aspecto severo e canonico do culto, do apaziguamento dos genios desconhecidos pelas ofrendas, sacrificios, promessas e orações. Ella sobe mais e paira num horizonte mystico, inalcançavel e atrahente, para onde convergem todos os esforços, todos os desejos, todas as contemplações, todas as forças

psychicas do individuo e do povo. Dahi a architectura grega, a architectura gothica e a architectura da renascença, o templo de Diana, o Erechteyon, a cathedral de Reims, a Notre Dame, a egreja de Burgos e São Pedro de Roma; dahi as grandes pinturas monasticas, as grandes esculpturas conventuaes e as mais buriladas cinzeladuras de hostiarios e relicarios; dahi Fra Angelico e Frey Juan de Segovia, um morrendo com os pinceis na mão, outro fallecendo a burilar o oiro; dahi Santa Cecilia e Santa Thereza, as "Confissões" de Santo Agostinho e as "Cartas" de São Jeronymo.

Não raramente, andam familias a lamentar a partida duma filha, moça, bella, intelligente, para a sombria tristeza dum convento. Clamam que a fanatizaram, que os padres a fizeram inclinar-se áquelle caminho. Não é verdade, na maioria dos casos. Ella se fanatisou a si mesmo. Não é victima de influencias extranhas. E' victima de suas proprias inclinações e de seus proprios idéaes. Ama a sobriedade tristonha e ogival dos mosteiros, a vastidão das naves enfumaçadas de incenso, o cheiro morno e enlanguescente das igrejas, o escuro mysterioso das ouséas, os sons doces e compassados dos orgãos, a melancolia dos cantos, as filas de monjas embrenhando-se vagarosamente na sombra dos corredores abobadados; todas as minucias, todos os tons, toda a extranheza daquella vida socegada e triste.

Ha gente que é soldado por arte, ferreiro por arte, britador por arte como se é escriptor, poeta ou pintor. Cada aspecto da vida tem sua linha esthetica e para cada uma dessas modalidades ha uma alma de artista capaz de comprehende-la.

A religião tem mais riqueza e força para atrahir os espiritos pelo laço extraordinario da emoção artistica. Um vibra diante dum vaso de Sêvres, duma jarra etrusca, dum prato de Delft, dos quadros de Ticiano e do Moysés de Miguel Angelo; outro, em presença duma custodia ás mãos transparentes do oficiante, do reluzir veloz dum thuribulo no punho inquieto do acolyto, de todos os mysterios que a alma entrevê e de todos que fantasia.

Tenho á mão cartas duma religiosa, nas quaes isto se vê e palpa perfeitamente. São epistolas dictadas pela alma de estheta duma irmã monja ao seu irmão atheu e secular. Do seu estylo se desprendem todas as penas duma alma cheia de emoções, vibrante e forte. Das suas frases se deprehende que ocupa maior logar no seu espirito o sonho de arte que o fervor religioso. E' flagrante a diferença entre os periodos em que dá conselhos de verdadeira crente e aquelles em que se abandona ao ondular dos pensamentos e amplamente explana toda a grandeza emotiva de sua psyché, todo o sêr que vibra e freme num ideal crepuscular de tons tristes, de musicas e litanias religiosas, de aspectos suaves de claustros.

"Quanto ao estado deploravel em que se encontra tua alma, escreve ella, que queres que te diga? Dizes que tens forte espirito e não sentes necessidade de crêr. Não acredito. Enganas-te a ti mesmo. Todo o homem precisa de crenças. Serias tu a unica excepção? E's moço e tens a cabeça cheia de illusões proprias de tua idade. Fias-te em tuas proprias forças, em tua habilidade, em teu talento e em que mais sei eu? Quando quero

saber quem é meu irmão, leio em minha propria alma. Temos os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Só nos separa a diferença de pensamentos em materia religiosa. Poderia demonstrar isto. Não tenho, infelizmente, tempo para tanto.

Suponhamos que ficas cego. Então, como suportarás uma prova tal sem acreditar em Deus? Suponhamos ainda que ficas mudo, além de cego ou talvez paralytico. Ver-te-ás pregado num leito, entregue á caridade dos outros ou, melhor, á sua indifferença. Para que servirá teu talento, se delle não poderás fazer o menor uso? Consolará as tuas dôres relembra-lo? Absolutamente não! Pelo contrario, essa lembrança far-te-á desesperar. Toda dôr, por maior ou menor que seja, pede um balsamo. E, se Deus não o der, ninguem o dará. Um dia, verás se tenho ou não razão.

O homem sem fé é um infeliz. A fé é um dom que se precisa pedir a Deus. E Deus só o dá aos humildes de coração. E's humilde, meu irmão? Eu não o sou, apezar de tanto desejar ser. A humildade de coração é a virtude sobre que faço meus exames de consciencia. Quando eu me tiver tornado completa e perfeitamente humilde, minhas orações terão tanta força que meu irmão se converterá.

Pobre espirito tresloucado e vaidoso, que te posso dizer ainda? Comprehendo tudo neste mundo: a fraqueza humana, o orgulho, a mentira; mas não posso comprehender que se não sinta a necessidade de crêr em Deus!

Tive e tenho ainda, ás vezes, tentações contra a fé.

Expulso-as: "Credo qui dixit Dei Filius nihil hoc veritatis verbo verius". Tenho tanto medo de perder a fé! Se eu não acreditasse em um Deus pelo qual devo viver e morrer, matar-me-ia. Eu devo ser um espirito fraco... Se eu fosse forte, quereria, meu Deus, ser fraca, para que tu fosses forte.

Poderia ainda falar-te muito sobre este assumpto. Temo fatigar-te e mais ainda clamar no deserto. Pobre creança! Não és culpado. Culpados foram os que se não deram ao trabalho de te encaminhar para Deus. E esses mesmos só Deus sabe se são verdadeiramente culpados."

E' uma ladainha de conselhos, demonstrando o empolgamento do espirito pela fé, tão grande que se esforça por amesquinhar-se para que ella se torne maior. Temos agora um periodo em que a arte vem e abafa a religião, embora della nasça e por ella se eleve:

"Nosso convento é muito grande e somos em pequeno numero. Nossa vida é bastante austera; entretanto, não somos tristes. Temos dois recreios por dia. Conversamos e rimos. No jardim, grande e bem plantado, passeiamos e lemos. Possuimos um grande cão-de guarda, um gato e mais de doze vaccas.

O pequeno pateo quadrado entre os quatro claustros cheios de arcos tem tanta doçura e tanta paz que deleita a vista: um cantinho feito de proposito para uma alma de artista, como para uma alma de artista parece feito o convento todo, com seus altos e sombrios muros, ornados de grandes janellas gothicas de vitráes pintados, por onde passa e se avermelha e se azula a luz do sol.

E a neve do pateo é tão branca e a dos telhados brilha tanto á luz do dia!

Um convento! Nada mais bello para se ver, para se contemplar horas e horas. O campanario pontudo parece um dedo apontando o céu; e cada angulo do grande mosteiro faz pensar na idade-média e seus santos que o marmore perpetúa.

Nosso habito é negro, com um longo escapulario branco, que pende na frente e nas costas. Envolve-nos o rosto um véu branco. Quando as monjas estão juntas na igreja é encantador contempla-las na sua immobilidade e deixar pascer o olhar pelos habitos pretos, caindo graciosamente, e dos quaes cada dobra, cada prega parece esconder um suave mysterio.

Sou feliz e não tenho de que me queixar. Preferia morrer a ir embora daqui."

E' uma conclusão natural neste longo trecho em que não tocou na fé. Sim, prefere tudo a deixar de contemplar côres, atitudes e objectos, que tanto goso artistico lhe dão. Não a preocuparam mais motivos de cultos nem relembrou a necessidade de crêr. Sim descreveu, pormenorisando, toda a belleza da paysagem conventual, toda a silenciosa formosura do mosteiro, medieval pelas ogivas, pelos vitráes e pelos nichos. E o ideal de arte prosegue insaciavel na musica, na poesia, na preoccupação constante dos aspectos, dos tons, da luz, da emotividade:

"Presentemente, estudo orgão. E' um instrumento que me dá grande alegria, ás vezes uma extranha distracção... Já comecei a acompanhar a psalmodia em

côro. Oh! a pintura, a musica, a poesia, como essas tres palavras dizem segredos á minha alma de artista!

E porque não és um benedictino? Porque? Então, todas as tuas aspirações de arte se realisariam. Como eu gostaria, meu irmão, de ver o teu perfil emmoldurado pelo capuz côr de castanha, lá dentro o rosto muito pallido e tua esbelteza envolta nas pregas mysteriosas do habito monastico! Não rias nem blasphemes que passo adiante."

Effectivamente passou, proseguindo nas extranhas divagações de artista, metida no burel de freira e que o ama pela côr e pelos mysterios do seu cair flacido e elegante de tunica antiga. A sua maior preoccupação é a arte, tanto que fala mais della que da religião.

"Faz-me uma poesia ou uma oração. Eu a recitarei ou rezarei muita vez por ti. Fala-me do que amo, das flôres e das estrellas — para as quaes voam nossos fugitivos e passageiros pensamentos, que antes de chegarem a ellas voltam á poeira da terra com o unico merito de nos terem feito vibrar um momento. A's vezes, até penso que minha alma é uma harpa que vibra e, ás menores emoções, della se escapam sons, melodias, cantigas alegres, sonatas melancolicas, hymnos religiosos, cantos guerreiros! Acho que não nos comprehendemos a nós mesmos. Será assim?"

Infelizmente, é assim mesmo. Todos os sonhos de arte ficam incomprehendidos, indecifraveis para aquelles que delles sofrem e sofrem por elles. As almas são harpas que vibram, umas mais, outras menos. E essas vibrações quasi nunca chegam a seu fim. Ficam

em caminho. Na arte, póde-se dizer que só o ideal sobrenada. Os esforços ficam-lhe aquem, ficam-lhe abaixo.

"Quizera falar-te de Jesus. Tu não o amas, porém. "Quid fecit tibi?" Elle, no emtanto, te amou e morreu por ti. "Et non amas eum." Dize-me qual destas duas coisas é mais extraordinaria: que o perfeito existe ou exista o imperfeito? E' uma pergunta de Aristoteles. Saberás responde-la?"

Volta novamente um gesto religioso, uma supplica de fé, mas de envolta com uma recordação de Aristoteles. O espirito dó culto sáe da concha nacarada que a arte lhe fórma em torno.

Religião! tens sido e serás muitas vezes a mãe da arte. Por ti se vae tambem até perto do ideal, que ninguem alcança, porque não póde e não deve existir a perfeição!

INDICE

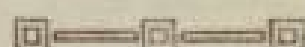
INDICE

NOVIDADES DE 1917

— DA —

Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo

(Publicações contractadas nos primeiros mezes de 1917)



LITTERATURA

Miragem do Deserto — do laureado poeta patricio Dr. Hermes Fontes. (A edição está quasi esgotada).

Os Caiçáras — costumes praianos, do saudoso humorista Baptista Coelho (João Phoca), prefaciados pela eminente escriptora D. Julia Lopes de Almeida, com um esplendido retrato do autor e bellissima capa, a côres, desenhada pelo distincto artista Benedicto Calixto.

Ultimas Rimas — versos parnasianos de Emilio de Menezes (da Academia de Letras), um dos mais notaveis poetas contemporaneos. Magnifico retrato do autor illustra a capa primorosamente feita.

Idéas e Palavras — prosa do brilhante e festejado escriptor Dr. Gustavo Barrozo (João do Norte), Deputado Federal pelo Estado do Ceará.

Bosque Sagrado — real e primoroso monumento, em verso, do applaudido poeta Leal de Souza.

Prosas de Cassandra — 2ª série de chronicas de Imprensa, soberbos trabalhos do eminente prosador e poeta Dr. Eduardo Ramos, notavel entre os bons cultores do vernaculo.

Nhônhô Rezende — romance de Abel Juruá (pseudonymo da delicada e apreciada escriptora D. Iracema Guimarães Villela, filha e continuadora das glorias de seu saudoso Pae, o grande poeta Luiz Guimarães Junior, e irmã do finissimo litterato e diplomata Dr. Luiz Guimarães (Filho).

Mortalhas. Os deuses em ceroulas — causticantes satyras de Emilio de Menezes, notaveis pelo seu inexcedivel espirito e pela esplendida capa humoristica, trabalho do habil caricaturista J. Carlos.

O Imperador visto de perto — perfil de D. Pedro II — interessante trabalho litterario e historico, primoroso no fundo e na fórma, do eminente prosador e grande poeta Dr. Mucio Teixeira (Barão Ergonte), intimo da familia imperial decahida.

SCIENCIAS

Licções de Geometria Pratica — do provecto escriptor Dr. Laudelino Freire, lente cathedratico de Philosophia na Academia de Altos Estudos, e lente cathedratico de Geometria Pratica no Collegio Militar do Rio de Janeiro. A primeira parte já appareceu e foi adoptada no referido collegio, estando no prelo a segunda.

Compendio de Philosophia Escolar — do abalisado e apreciado professor e examinador Dr. Etienne Brasil.

Praxe Civil e Commercial do Supremo Tribunal Federal nos annos de 1910 a 1917 — collectanea organizada pelo Dr. José Tavares Bastos, illustre Juiz Federal no Estado do Espirito Santo, autor de diversos e apreciados trabalhos sobre sciencias juridicas e sociaes.

Theoria e pratica dos contractos por instrumento particular no Direito Brasileiro — magistral trabalho do eminente jurista Dr. Affonso Dyonisio Gama, autor de varias obras de maior merito, inclusive a notavel monographia intitulada — Das Procurações.

Morphologia Geometrica — trabalho do illustre professor do Lyceu de Artes e Officios desta cidade, Dr. Alberto Moreira Alves, já mandado adoptar neste importantissimo estabelecimento de ensino.

Cosmographia — (Compendio) — dos distinctos professores Drs. Coelho Lisbôa, cathedratico desta materia no Externato D. Pedro II, e Etienne Brasil.

NOTA

Além dos livros citados, todos de indiscutivel merito, editados pela moderna livraria de Leite Ribeiro & Maurillo, possue esta, para seu fundo, vasta série de trabalhos litterarios e scientificos, sendo exclusiva depositaria de varias obras, inclusive as seguintes:

Da Tosse — soberba monographia do illustre especialista Dr. Olavo Rocha (de 1916).

Anatomia do encephalo — trabalho do Dr. Arthur de Figueiredo, livre docente de Anatomia Descriptiva da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (de 1917).

A Nova Legislação Eleitoral da Republica — farta collectanea de peças referentes á materia, organizada pelo conhecido jurista Dr. Julio G. do Valle Pereira (de 1917).

Artigos philologicos — collectanea posthuma dos trabalhos do notavel philologo patricio Dr. Castro Lopes.

